



**Universidade Estadual de Feira de Santana
Departamento de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial
Mestrado Profissional – PLANTERR**



PLANTERR

JÉSSICA DE JESUS SANTOS MOTA

**TERRITÓRIOS ASSOCIATIVOS E DE PARENTESCO:
territorialidades e participação na Associação de Pequenos Produtores Rurais e
Agricultores Familiares do Riacho do Miranda, Jaguaripe/Bahia**

JÉSSICA DE JESUS SANTOS MOTA

**TERRITÓRIOS ASSOCIATIVOS E DE PARENTESCO:
territorialidades e participação na Associação de Pequenos Produtores Rurais e
Agricultores Familiares do Riacho do Miranda, Jaguaripe/Bahia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial (em nível de Mestrado Profissional) como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Planejamento Territorial pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

Orientação: Prof. Dr. Davi Silva da Costa

Feira de Santana/BA
2024

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteadó

Mota, Jéssica de Jesus Santos

M871t Territórios associativos e de parentesco: territorialidades e participação na Associação de Pequenos Produtores Rurais e Agricultores Familiares do Riacho do Miranda, Jaguaripe/Bahia. / Jéssica de Jesus Santos Mota, 2024.
177 f.: il.

Orientador: Davi Silva da Costa

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial, 2024.

1.Territorialidades. 2.Participação. 3.Associativismo. I.Costa, Davi Silva da, orient. II.Universidade Estadual de Feira de Santana. III.Título.

CDU: 334.4(814.22)

JÉSSICA DE JESUS SANTOS MOTA

TERRITÓRIOS ASSOCIATIVOS E DE PARENTESCO: territorialidades e participação na Associação de Pequenos Produtores Rurais e Agricultores Familiares do Riacho do Miranda, Jaguaripe/Bahia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial (PLAN TERR) da Universidade Estadual de Feira de Santana como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de mestre em Planejamento Territorial.

Aprovada em 20 de junho de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **DAVI SILVA DA COSTA**
Data: 20/06/2024 02:17:11 -0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Orientador(a): Prof. Dr. Davi Silva da Costa - Orientador
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – IFBAIANO/UEFS
(PLAN TERR)

Documento assinado digitalmente
 **GEUSA DA PURIFICAÇÃO PEREIRA**
Data: 24/05/2024 10:00:13 -0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Banca: Prof^ª. Dr^ª. Geusa Purificação Pereira
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Documento assinado digitalmente
 **ACÁCIA BATISTA DIAS**
Data: 21/05/2024 12:30:00 -0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Banca: Prof^ª. Dr^ª. Acácia Batista Dias
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS/PLAN TERR

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus pela vida, por Ele ter sido o meu sustento em todo esse processo. Sou grata a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho;

Agradeço ao meu orientador, Davi, por toda orientação a mim dedicada, pelo apoio, incentivo, pelas conversas, pela acolhida, pela amizade e por ser alguém que eu posso confiar;

Aos meus pais Renato e Balbina, por todo apoio nesta caminhada, pelo amor expresso no cuidado, na preocupação e em tudo enfim;

Ao meu companheiro Juvanildo, que esteve comigo me auxiliando, sendo meu apoio, o ombro para chorar quando precisava;

Ao meu filho Guilherme, que mesmo tão pequeno e não entendendo muita coisa do que estava fazendo, era a minha força e motivação para continuar;

Aos meus irmãos, Patrícia e Natanael, por todo apoio nesta trajetória, pelas conversas, desabafos e ajudas durante a pesquisa de campo: vocês são essenciais na minha vida;

Aos meus colegas do Mestrado, em especial Tamires, Edikécia, Adriele, Marcely, Sthefanny e Jaqueline por tornar a minha trajetória mais leve. O grupo de resenhas do whatsapp e do instagram me divertiram entre uma escrita e outra;

Aos professores que tive a oportunidade de conhecer durante o mestrado, pelo apoio na realização das disciplinas;

Aos meus amigos, em especial Débora, por todo o suporte dado nesta caminhada;

À minha rede de apoio, Jorlânia e Valdivina, por me auxiliarem nos cuidados com meu filho durante esta trajetória;

Aos associados e associadas da ASPRUMI por aceitarem participar de mais uma pesquisa realizada por mim na insituição;

Aos meus colegas de trabalho do Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho pela compreensão e parceria no decorrer do Mestrado, em especial às diretoras Aline, Arlete e Jaciara pelas adaptações realizadas no meu horário para que eu conseguisse cursar as disciplinas do Mestrado;

No mais agradeço a todos/as que de alguma forma me ajudaram na realização deste trabalho.

**TERRITÓRIOS ASSOCIATIVOS E DE PARENTESCO:
territorialidades e participação na Associação de Pequenos Produtores Rurais e
Agricultores Familiares do Riacho do Miranda, Jaguaripe/Bahia**

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo interpretar que territorialidades surgem a partir da participação na Associação de Pequenos Produtores Rurais e Agricultores Familiares do Riacho do Miranda (ASPRUMI) em Jaguaripe/BA. O método que adotamos na pesquisa foi a fenomenologia, buscando assim compreender como as coisas se manifestam a si mesmas, sendo observada a natureza do fenômeno em que esteve baseada na construção da participação e das territorialidades. Os procedimentos metodológicos foram baseados na pesquisa participante, com a realização de oficinas e entrevistas. Para responder aos objetivos, segui um passo a passo metodológico na ASPRUMI que foi: pesquisa documental, oito entrevistas compreensivas e quatro oficinas temáticas, etapas que foram de grande importância para a compreensão do fenômeno pesquisado. Os resultados da pesquisa apontam que as territorialidades da ASPRUMI são construídas na participação circunscrita à práxis territorial.

Palavras-chave: Territorialidades. Participação. Associativismo.

ABSTRACT: *This work aimed to interpret which territorialities arise from participation in the Association of Small Rural Producers and Family Farmers of Riacho do Miranda (ASPRUMI) in Jaguaripe/BA. The method we adopted in the research was phenomenology, seeking to understand how things manifest themselves, observing the nature of the phenomenon on which the construction of participation and territorialities was based. The methodological procedures were based on participatory research, with workshops and interviews. To answer the objectives, I followed a methodological step by step at ASPRUMI, which was: documentary research, eight comprehensive interviews and four thematic workshops, steps that were of great importance for understanding the phenomenon researched. The research results indicate that ASPRUMI's territorialities are built on participation limited to territorial praxis.*

Keywords: Territorialities. Participation. Associativism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASPRUMI- Associação de Pequenos Produtores Rurais e Agricultores Familiares do Riacho do Miranda

AT- Atividade Transversal

ATER- Assistência Técnica e Extensão Rural

CAAF- Central das Associações da Agricultura Familiar de Valença e Baixo Sul da Bahia

CAR- Companhia de Ação Regional

CEP/CONEP- Conselho Nacional de Saúde e Ética em Pesquisa

CERB- Companhia de Engenharia Ambiental e Recursos Hídricos da Bahia

CESOL- Centros Públicos da Economia Solidária

CPF- Cadastro de Pessoa Física

COELBA- Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia

COOPATAN- Cooperativa de Produtores Rurais de Presidente Tancredo Neves

CRAS- Centro de Referência de Assistência Social

EBAL- Empresa Baiana de Alimentos

EJA- Educação de Jovens e Adultos

EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio

FASE- Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional

FEBAFES- Feira Baiana da Agricultura Familiar e Economia Solidária

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MDS- Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome

MOVA BRASIL- Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos

ONU- Organização das Nações Unidas

PAA- Programa de Aquisição de Alimentos

PIB- Produto Interno Bruto

PNAE- Programa Nacional de Alimentação Escolar

PRONAF- Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

REDA- Regime Especial do Direito Administrativo

SAMU- Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

SDR- Secretaria de Desenvolvimento Rural

SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEDES- Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza

SEI- Sistema Eletrônico de Informações

SIHS- Secretaria de Infraestrutura Hídrica e Saneamento

SPM/BA- Secretaria Estadual de Políticas Públicas para as Mulheres/ Bahia

TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TI- Território de Identidade

TOPA: Todos pela Alfabetização

UEFS- Universidade Estadual de Feira de Santana

UFBA- Universidade Federal da Bahia

UNEB- Universidade do Estado da Bahia

UNICAFES- União nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e da Economia Solidária

UNISOL- Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários

UPT- Universidade para Todos

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1: Linha do tempo sobre minha relação com a ASPRUMI.....	23
Figura 2: Mapa de localização do Território de Identidade Baixo Sul-BA.....	26
Figura 3: Distribuição da atividade econômica por setores do TI Baixo Sul-BA.....	26
Figura 4: Mapa de localização do município de Jaguaripe-BA.....	27
Figura 5: Sistematização da Primeira reunião da ASPRUMI em 2004.....	39
Figura 6: Participantes das primeiras reuniões da ASPRUMI em 2004.....	39
Figura 7: Convite da primeira oficina.....	53
Figura 8: Convite da segunda oficina na ASPRUMI.....	72
Figura 9: Diagrama de Venn atual da ASPRUMI.....	75
Figura 10: Diagrama de Venn da fundação da ASPRUMI.....	79
Figura 11: Diagrama dos desejos da ASPRUMI.....	86
Figura 12: Convite da terceira oficina realizada na ASPRUMI.....	91
Figura 13: Convite para a quarta oficina.....	109
Figura 14: Fluxograma sobre a participação na ASPRUMI.....	116

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Casa de meus avós paternos na comunidade do Riacho do Miranda.....	15
Imagem 2: Ladeira de acesso à casa de meus avós paternos.....	16
Imagem 3: Casa de farinha da família paterna.....	17
Imagem 4: Casa de meus pais na comunidade do Riacho do Miranda.....	18
Imagem 5: Sede da ASPRUMI e a igreja católica da comunidade.....	28
Imagem 6: Apresentação do projeto na reunião mensal da ASPRUMI.....	36
Imagem 7: Associados fundadores da ASPRUMI.....	39
Imagem 8: Presença dos/as associados na reunião na casa de um dos associados.....	40
Imagem 9: Redução eidética na casa do professor Davi.....	44
Imagem 10: Meu lugar de estudos na laje de casa.....	45
Imagem 11: Construção das <i>noesis</i>	46
Imagem 12: Respostas dos associados sobre a história da ASPRUMI.....	55
Imagem 13: Realização da primeira oficina na ASPRUMI.....	63
Imagem 14: Divisão do espaço da igreja e da associação.....	64
Imagem 15: Elaboração da matriz SWOT na primeira oficina da ASPRUMI.....	65
Imagem 16: Realização do primeiro diagrama de Venn.....	74
Imagem 17: Diagrama de Venn com as relações atuais que os/as associados/as querem que aconteçam.....	78
Imagem 18: Elaboração do diagrama dos desejos.....	84
Imagem 19: Realização da atividade sobre o que é território e o que políticas públicas.....	92
Imagem 20: Elaboração da árvore do território e das políticas públicas.....	95
Imagem 21: Resultados da confecção da árvore.....	95
Imagem 22: Elaboração do quadro sobre os principais problemas de participação na ASPRUMI.....	114

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Unidades de sentido a partir do processo noético-noemático.....	47
Quadro 2: Perfil dos/as associados/as que participaram da pesquisa de campo.....	49
Quadro 3: Quadro comparativo do antes e depois da ASPRUMI.....	59
Quadro 4: Matriz SWOT elaborada pelos associados.....	69
Quadro 5: Síntese da árvore das políticas públicas e do território.....	96
Quadro 6: Os principais problemas de participação na ASPRUMI.....	115
Quadro 7: Planejamento do primeiro trimestre de 2024 da ASPRUMI.....	117

Sumário

1. DA MANIVA PLANTADA NO SOLO ATÉ SE TORNAR UM PÉ DE MANDIOCA: MINHA TRAJETÓRIA ATÉ CHEGAR AQUI.....	12
2. DO ATO DE ROÇAR A MANDIOCA ATÉ SE TORNAR FARINHA: O CAMINHO PERCORRIDO FOI/É TRANSFORMADOR.....	31
3 O PLANEJAR E O FAZER A FARINHA DE MANDIOCA: AS OFICINAS PLANEJADAS E REALIZADAS OU NEM TUDO QUE A MANDIOCA PODE SER, SE REDUZ À FARINHA	51
3.1. HISTÓRIA E PARTICIPAÇÃO NA ASPRUMI: (RE)DESENHOS DAS MEMÓRIAS, DOS ESPAÇOS E DAS TERRITORIALIDADES.....	51
3.2. AS TERRITORIALIDADES DA ASPRUMI: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS	71
3.3.TERRITÓRIO E POLÍTICAS PÚBLICAS: SOBRE COMO A ASPRUMI (RE)ARTICULA SUAS AÇÕES	90
3.4. PARTICIPAÇÃO NO CONTEXTO DO ASSOCIATIVISMO: O OLHAR PARA SI.	108
4. AS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO DAS TERRITORIALIDADES DA ASPRUMI: O ASSOCIATIVISMO É DIVERSO COMO A MANDIOCA	121
4.1 TERRITORIALIDADES E SUAS DINÂMICAS DE PRODUÇÃO DA ASPRUMI A PARTIR DA PARTICIPAÇÃO	121
4.2. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A COMUNICAÇÃO SOB A ÉGIDE DA PARTICIPAÇÃO	129
4.3. A COLETIVIDADE COMO PROMOTORA DAS TERRITORIALIDADES: A ASSOCIAÇÃO NÃO SE EXPLICA NO SINGULAR.....	136
4.4. INDIVIDUALIDADE E PARTICIPAÇÃO: DINÂMICAS E TERRITORIALIDADES	146
5 A CARTILHA COMO PRODUTO	155
CONSIDERAÇÕES ÚLTIMAS OU SOBRE ALGUMAS CONSTATAÇÕES.....	156
POSFÁCIO	163
REFERÊNCIAS.....	165
APÊNDICES	169
APÊNDICE A- Roteiro das entrevistas	169
APÊNDICE B - Planejamento da primeira oficina	170
APÊNDICE C - Planejamento da segunda oficina.....	172
APÊNDICE D - Planejamento terceira oficina	174
APÊNDICE E - Planejamento quarta oficina.....	176

1. DA MANIVA PLANTADA NO SOLO ATÉ SE TORNAR UM PÉ DE MANDIOCA: MINHA TRAJETÓRIA ATÉ CHEGAR AQUI

A plantação de uma roça de mandioca (*Manihot esculenta*) envolve muitos processos. A terra precisa ser arada, “gradeada”¹, para depois usar a enxada e cavar a terra, cortar as manivas em pedaços e “samear” nas covas. Depois, coloca-se terra por cima e se aguarda o brotamento. Quando brota, precisa limpar duas ou três vezes, colocar adubo, até se tornar um pé de mandioca “adulto”. Esses processos e fases que o pé de mandioca passa até se tornar uma linda planta são semelhantes às fases da minha vida e da minha história que serão apresentadas neste capítulo. A mandioca e suas relações com a paisagem, o mundo do trabalho, o associativismo e minhas experiências na roça serão a metáfora utilizada para apresentar este texto. Os ensinamentos que tive ao lidar e observar a mandiocultura na minha comunidade darão sustentação à metáfora.

Toda escrita envolveu um misto de sentimentos que por vezes me motivou, por vezes me paralisou e me fez refletir sobre minha trajetória até aqui. Ao iniciar a escrita do texto, percebi o quanto a escrita é uma ferramenta poderosa de transformação em todos os sentidos da vida, sobretudo a minha. A escrita me tirou do lugar de conforto para descobrir uma nova forma de escrever que me fez perceber que posso, a partir da minha consciência, me envolver na minha pesquisa em todos os seus aspectos e expressar minhas percepções.

Este texto é a soma das muitas vozes de pessoas que estiveram comigo durante toda minha trajetória. Em sua construção, me colocarei em primeira pessoa do singular quando o que for dito estiver relacionado às minhas reflexões desenvolvidas durante toda a trajetória de pesquisa. Em outros momentos, a minha observação, compreensão e interpretação se somará aos diálogos realizados com o professor Doutor Davi, meu orientador, com meus colegas de Mestrado e com os/as associados/as da ASPRUMI, além de estabelecer diálogos com autores que discutem sobre o que está sendo pesquisado. Assim, este texto é resultado de processos dialógicos.

Para uma melhor compreensão da minha pesquisa, preciso contar a minha trajetória, por isso, deixem-me apresentar: sou Jéssica de Jesus Santos Mota, filha de Renato e Balbina que são conhecidos por Loi e Nem, agricultores familiares que moram na comunidade do Riacho do Miranda em Jaguaripe-BA. Nasci em Santo Antônio de Jesus-BA, porque no município onde

¹ Após o trator arar a terra com grades metálicas maiores, é realizada a gradeagem da terra, em que o trator utiliza uma grade para desmembrar o solo em pedaços menores deixando a estrutura da terra mais adequada para o plantio.

fui criada não tinha e não tem hospital. Por isso, quando minha mãe foi me ter, precisou se deslocar de Jaguaripe para a maternidade de Santo Antônio de Jesus. Porém, toda minha infância e juventude foram na roça do município de Jaguaripe, que fica no Território de Identidade do Baixo Sul.

Logo quando nasci, minha mãe ficou muito doente, e precisou ficar internada. Eu fiquei no hospital com ela sob os cuidados de minha tia Dina (*in memoriam*). Minha tia Dina me contava que eu chorava muito, e uma desconhecida perguntou pra ela se podia me dar de mamar, porque essa desconhecida estava no hospital com uma bebê recém-nascida. Tenho uma gratidão por essa mãe que nunca vi. Eu sempre soube dessa história, desde pequena, e achava que minha mãe sempre soube. Agora, durante a pesquisa, perguntei pra ela sobre esse acontecimento, e ela disse que minha tia só falou pra ela quando eu estava com mais ou menos três anos. Perguntei então pra ela o que ela achou sobre isso, e ela me disse que minha tia Dina tinha feito o certo, porque eu estava com fome.

Tenho comigo as mais lindas memórias da minha tia Dina que sempre foi uma segunda mãe para mim. Infelizmente, ela nos deixou ainda muito nova, em janeiro de 2023. Foi um dos momentos mais difíceis da minha vida, mas ela me deixou um legado de bondade e compreensão que levarei comigo por toda a vida, bem como de sua atuação na Associação. Ela sempre esteve presente nos momentos de reuniões, de eventos, no grupo de mulheres que faziam bolos e sequilhos. Inclusive, durante as oficinas, alguns associados lembraram dela, da sua participação nas feiras que aconteciam nas comunidades e das quais ela sempre fazia questão de estar.

Meus pais são pessoas incríveis e que fizeram e fazem de tudo por mim. Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, cresci rodeada de muito amor. Tenho as mais lindas memórias das noites sem energia em que sentava na varanda de casa com meu pai para olhar os aviões passarem no céu e contar as estrelas. Todas as noites antes de dormir, meu pai sempre contava histórias e brincava de cavalinho comigo e meus irmãos. Tenho um irmão chamado Natanael, e uma irmã, Patrícia. Sou a mais velha dos três e com isso sentia também o peso de algumas responsabilidades, mesmo sendo ainda muito nova.

Comecei a estudar com quatro anos de idade, juntamente com minha prima Andresa, em uma escola que ficava a mais ou menos dois quilômetros de casa. Meu pai me levava de bicicleta e revezava com meu tio, o pai de Andresa. Com o passar dos anos, meu pai e meu tio deixaram de nos levar, e começamos a ir a pé, já que outros alunos/as começaram a estudar na mesma escola. Era sempre uma verdadeira aventura: as cercas pelas quais tínhamos que passar,

os bois de que precisávamos desviar, o riacho que não tinha ponte e a única forma de passar era por cima de um tronco de árvore... Lembro-me das vezes que estava chovendo e o riacho enchia muito e a gente não conseguia atravessar. Nesses dias, não íamos para a escola. Lembro também que nesses mesmos dias de chuva, quando o riacho não enchia totalmente, nos divertíamos muito: íamos por dentro das valetas cheias de água e saíamos de lá com as roupas sujas dos chapiscos de lama que subiam das sandálias. Não dá para esquecer o dia em que o tio de Andresa, que também estudava conosco, nos deu uma carona de bicicleta. Andresa estava indo no quadro e eu na garupa. No meio da ladeira, a bicicleta faltou freio e descemos a ladeira tão rápido que fomos parar dentro do riacho e o nosso material da escola ficou todo molhado. Tínhamos o medo de chegar em casa e contar para nossas mães. Esse riacho foi o que deu nome à Comunidade e à Associação – Riacho do Miranda – e várias outras lembranças que estão guardadas em minha memória.

Ao concluir o ensino fundamental I, fui estudar em Palma, um povoado dentro do próprio município. Lá, foi disponibilizado o transporte para os alunos. Eu estudava pela manhã e, à tarde, quando chegava em casa, tinha que ir para a casa de farinha “raspar” mandioca ou para a roça plantar, limpar ou carregar no jegue a mandioca. Quando não era a colheita de meus pais, ia ganhar meu dinheirinho “raspando” a mandioca dos meus tios. Esse dinheiro eu usava para comprar minhas roupas, sandálias e outros itens de uso pessoal. Além disso, tinha minhas próprias roças de mandioca com a ajuda de meus pais, pois eles sempre me incentivaram a trabalhar para ter o meu próprio dinheiro.

Meus pais sempre me ensinaram que eu tinha que trabalhar para comprar as minhas coisas. Todo final de ano, na safra de castanha de caju, eu e a minha irmã catávamos castanhas para comprar o material escolar do ano seguinte. Era uma alegria enorme ir para Santo Antônio de Jesus às 2h da manhã, de “pau de arara”, junto com um monte sacos de farinha de mandioca, comprar o material. Andar na pista era algo marcante, eu ia durante todo o trajeto contando os carros.

Lembro-me que na minha infância não tinha energia elétrica na Comunidade. Boa parte de minha infância se passou sob a luz de candeeiro. De manhã, quando eu acordava para ir para a escola, o nariz estava cheio fumaça. Não tinha água encanada e, para eu lavar roupas, tinha que ir juntamente com minha mãe para o rio buscar água e lavar roupas lá também. Meu avô tinha um único jegue que era utilizado por toda a família para carregar a mandioca, lenha e buscar a água. Às vezes era um desafio quando mais de uma pessoa precisava do jegue – era um verdadeiro rodízio – sem contar as vezes o jegue era utilizado de forma coletiva, na maioria

das vezes, na sexta-feira pela manhã, quando mais de uma mulher precisava do jegue para ir para o rio levar as roupas para lavar. Muitas vezes também a roupa era levada na bacia na cabeça, inclusive eu já levei roupa na cabeça e fazia uma “rudilha” de pano e colocava na cabeça para colocar a bacia. A intenção era não machucar e não doer tanto a cabeça.

Para ir ao rio, eu tinha que passar na casa de meus avós paternos. Lá era o lugar que eu parava quando vinha do rio com fome, ansiosa para comer uma farofa ou uma bolacha americana que meu avô (*in memoriam*) sempre deixava dentro de um balde vazio de manteiga. Na casa dos meus avós (**Imagem 1**) tive momentos marcantes. Lá era onde eu ia dormir por várias noites, porque gostava de estar com eles e minhas tias. Lembro-me de que quando acordava durante a noite, minha avó aquecia a água para eu beber, porque ela dizia que não podia beber água natural do filtro. Por várias vezes eu e minha irmã limpávamos todos os “comongós” da varanda e, como recompensa, ganhávamos um dinheirinho ou sabonete da marca “Alma de flores” ou “Senador”. Aquele cheiro, quão marcante era... A felicidade em tomar banho com um sabão melhor era recompensador por todo o esforço em fazer a limpeza.

Imagem 1: Casa dos meus avós paternos na Comunidade do Riacho do Miranda



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Nesta casa foi onde meus avós criaram catorze filhos. Suas lutas e dificuldades sempre foram contadas por minha avó, que relembra como conseguiu dar conta de todos os filhos. Na **Imagem 1**, além da casa de meus avós, aparecem dois jegues, símbolo do trabalho que meus pais e tios ainda tem. Atualmente, já tem mais de um jegue – sempre tivemos apenas um – e o

que fez parte da minha infância, já morreu. Fazer esse registro fotográfico me fez recordar da grande importância que esses jegues têm para a minha família paterna. Quando os vi, lembrei das idas ao rio para buscar água e lavar roupas, das mandiocas que tinha que carregar de jegue da roça até a casa de farinha, das aventuras montada no jegue, de quando ele voltava vazio para buscar mais mandioca na roça...

Há alguns anos o meu avô faleceu, e minha avó, depois de muita resistência, construiu uma casa próximo aos filhos, já que a casa da imagem fica em uma área mais baixa cujo acesso se dá pela descida de uma longa ladeira (**Imagem 2**). No entanto, ela não abre mão dessa casa e mantém intactos os móveis. Todos os dias ela desce a ladeira para ver a sua criação de galinhas, as plantas e cuidar da casa. Se fosse por sua vontade, estaria morando lá até hoje. O que marca a gente é a experiência com o lugar. Nossas memórias e nossas subjetividades ficam entremeados em diferentes tempos-espacos que justificam aquilo que nos tornamos.

Imagem 2: Ladeira de acesso à casa de meus avós



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Era por esse mesmo caminho que eu ia até o rio, passava em minha avó e descia mais uma ladeira. Ao subir a ladeira, já na parte plana da Comunidade, está a casa de farinha (**Imagem 3**) construída por meu avô, e que hoje pertence aos filhos que ainda fazem farinha. Não fazem na mesma intensidade que antes, mas passei toda minha infância e juventude “raspando” a mandioca nesta casa de farinha, ajudando meus pais ou ganhando um dinheiro de meus tios por ajudá-los.

Imagem 3: Casa de farinha da família paterna



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Nessa casa de farinha estão lindas e difíceis lembranças da minha trajetória. Difícil pelo trabalho cansativo, e lindas, pelos beijos feitos entre família, pela goma de tapioca assada direto na fôrnalha, as comidas feitas por minhas tias nos dias da “raspagem” de mandioca, as brincadeiras com minhas primas, o cabelo empoeirado quando era dia de peneirar a farinha e passar no moinho... enfim, muitas recordações que são revividas por minha memória.

A casa de meus pais (**Imagem 4**) representa, para mim, cuidado, acolhimento, paz e vários outros substantivos. Nos meus dias corridos, ir até a casa de meus pais me desacelera, me reconecta comigo mesma: volto para as minhas atividades cotidianas renovada. Essa imagem representa a casa de meus pais atualmente, mas na minha infância o piso de casa era um cimento vermelho. Em época de Natal e São João, eu, minha mãe e minha irmã passávamos no chão uma cera vermelha e, depois, quando andávamos descalças pela casa, nossos pés ficavam manchados de vermelho.

Imagem 4: Casa de meus pais na Comunidade do Riacho do Miranda



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Minha mãe sempre gostou muito de plantas. Na frente de casa, ela sempre plantava e ainda planta flores, o que deixa o meu lugar ainda mais bonito. Mesmo com todos os desafios, meus pais foram os maiores incentivadores para que eu não parasse de estudar. Prova disso é que, no Ensino Médio, fui estudar em Laje, um município vizinho, porque a escola onde eu estudava na Comunidade Palma estava com a documentação para a oferta do Ensino Médio irregular.

Minha mãe, por receio de meu Ensino Médio não ser validado, como aconteceu com algumas pessoas próximas, me matriculou no Colégio Estadual Ruy José de Almeida. Ao chegar lá, encontrei professores/as que me incentivaram a continuar estudando, a fazer uma faculdade. Eu tinha esse desejo porque, por mais que o trabalho da roça seja, um trabalho digno, era e ainda é muito cansativo.

Concluí o Ensino Médio em 2013. Fiz o Exame Nacional do Ensino Médio/Enem e outros vestibulares, mas não passei. Nesse período, eu tentei o vestibular de uma universidade privada para Psicologia, que era meu sonho. Passei no vestibular, fui fazer a matrícula, mas me dei conta de que meus pais não tinham condições de custear os gastos que eu teria no curso. Fiquei um ano na casa de meus pais, um ano muito difícil, pois tinha muitas incertezas sobre o futuro que me esperava.

Eu trabalhava durante o dia e, à noite, ia para Laje fazer o cursinho Pré-vestibular da Universidade para Todos (UPT). O ônibus que levava os/as alunos/as à noite para Laje não passava em frente à casa de meus pais, por isso eu tinha que ir de moto até a casa de minha amiga Geisa, que fica em uma Comunidade próxima. Deixava a moto na casa de minha amiga, ia para o cursinho e quando retornava, dormia lá.

Não consigo esquecer as sopas que tia Jany, a mãe de Geisa, fazia para a gente tomar quando retornava à noite, nem da cevada quentinha que estava na garrafa térmica nos aguardando. No outro dia cedinho pegava a moto e voltava para a casa de meus pais para os compromissos do dia. No final do ano, fiz o vestibular da UNEB e escolhi o curso de Geografia, pois dentre os cursos que a UNEB de Santo Antônio de Jesus ofertava, era com o que eu mais me identificava. Escolhi também esta cidade por ser perto de casa e ter parentes que moravam lá, o que diminuiria os gastos que teria na graduação. Fiz o vestibular, fui aprovada e comecei a graduação em 2015, quando me mudei para Santo Antônio de Jesus e fui morar com meus tios.

No segundo semestre da graduação, eu tinha uma atividade chamada Atividade Transversal (AT). Nela, grupos eram formados e cada equipe deveria escolher um tema para ser pesquisado. O objetivo era que, através dessa experiência, nós pudéssemos aprender as etapas e processos da pesquisa científica. Como na Comunidade onde meus pais moram tinha a Associação de Pequenos Produtores Rurais e Agricultores Familiares do Riacho do Miranda – ASPRUMI, sugeri aos meus colegas de grupo que pesquisássemos sobre a ASPRUMI.

Eu já mantinha contato com a Associação, pois meu pai sempre esteve presente desde sua fundação em 2004. A partir de então, eu sempre o acompanhava nas reuniões e eventos que aconteciam na Comunidade. Assim que foi fundada a ASPRUMI, os/as associados/as começaram a “correr atrás” da energia elétrica, que chegou na Comunidade em 2007 através do Programa Luz Para Todos. Anos depois, chegou a água encanada. Lembro-me da felicidade quando vi meu pai chegar em casa com uma geladeira que ele tinha comprado, e da luz que era totalmente diferente da luminosidade a que eu estava acostumada.

A partir da ASPRUMI pude ter diversas vivências que me permitiram estar nesse lugar que hoje ocupo: ser pesquisadora. Em 2015, me tornei secretária da ASPRUMI, mesmo ano que ingressei na graduação. Não fui uma secretária totalmente atuante, pois ficava durante a semana em Santo Antônio de Jesus e só ia para a roça nos fins de semana, mas acredito que foi uma experiência que agregou muito na minha vida. Nesse mesmo ano a universidade passou

por duas greves, período em que permaneci na roça e pude me dedicar um pouco mais às demandas da Associação.

Na AT sugeri a ASPRUMI como *lócus* de pesquisa e meus colegas aceitaram. Durante três semestres fizemos uma pesquisa sobre a Associação, o que resultou em um artigo que discutiu o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) na ASPRUMI. Esse artigo foi apresentado em um evento que o Colegiado do curso organizou para que fossem apresentados os resultados da pesquisa de cada grupo. Naquele momento da graduação, eu iniciava a minha jornada como pesquisadora na minha comunidade e na ASPRUMI.

Após essa atividade, chegou o momento de escolher o meu tema da monografia, e eu continuei com o mesmo *lócus* de pesquisa. Meu foco dessa vez foram as políticas públicas e o associativismo na minha Comunidade. O objetivo da minha monografia foi analisar a dinâmica do associativismo em Jaguaripe-BA a partir da implementação de novas políticas públicas na ASPRUMI. Lembro-me de que, quando comecei a pesquisa na Associação, ela estava participando ativamente do Programa de Aquisição de Alimentos/PAA, do Programa Nacional de Alimentação Escolar/PNAE, da Assistência Técnica e Extensão Rural/ATER e do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar/PRONAF.

Durante a pesquisa de campo, realizei entrevistas e grupos focais. Os resultados obtidos apontavam que as políticas públicas implementadas na ASPRUMI deram uma nova dimensão para o associativismo na Comunidade do Riacho do Miranda, revelando a importância da organização em associações para a implementação das políticas públicas.

Estar na graduação era a realização de um sonho. Eu fui a primeira da família a ingressar em uma universidade, e vivenciei muitos momentos marcantes durante o curso. Pude ir a lugares através dos trabalhos de campo que, se não fosse pela graduação, jamais iria. Fiz amigos, gostava de estar no curso e me apaixonei pela Geografia, e por ser professora também.

Sobre ser professora, no primeiro ano do curso eu tive minha primeira experiência em sala de aula. Fui trabalhar em uma escola particular com uma turma da Educação Infantil. Não foi uma boa experiência, pois eu não estava preparada para assumir uma sala de aula e a exigência da direção da escola me fez desistir de atuar na instituição após um mês de trabalho. No ano seguinte, eu tentei a seleção de estagiários da Secretaria de Educação do Município de Santo Antônio de Jesus e fui trabalhar em uma escola também da Educação Infantil como professora de uma turma de G4². Eram quinze alunos/as de quatro anos, e eu ficava sozinha na

² G4 é o grupo 4 da educação infantil, formado por alunos/as de 4 anos de idade.

sala sem a ajuda de uma auxiliar. Foi um ano muito difícil, pois hoje percebo que não tenho habilidades para a Educação Infantil.

Em 2017 fui morar em Nazaré-BA, e comecei a estagiar como professora no Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho. Fiquei muito feliz pelo estágio, pois era um meio de ter minha renda para me manter no curso. Eu viajava para Santo Antônio de Jesus e voltava todos os dias em um carro que era fretado por um grupo de estudantes que viajava de Nazaré para Santo Antônio de Jesus. Eu saía da escola que estagiava para pegar o ônibus e todos os dias levava meu almoço para a escola para almoçar lá, porque a escola era longe de casa e eu ia a pé. Não dava tempo ir em casa.

No final de 2017, o meu contrato de estagiária acabou, então me inscrevi no Programa Estadual Partiu Estágio³ e, no ano seguinte, fui estagiar novamente em Santo Antônio de Jesus por esse Programa. Eu ia todos os dias pela manhã para a Escola Estadual Renato Machado e levava meu almoço. Da escola eu ia direto para a faculdade, e depois das aulas retornava para Nazaré. Havia, na minha cotidianidade, muito esforço e dedicação.

Por conta das greves, fiquei cinco anos no curso. Em 2019, me inscrevi na seleção de estágio da Secretaria de Educação de Nazaré. Fui selecionada e fiquei todo o ano como auxiliar de classe de uma turma da Educação Infantil. Em 2020, comecei a trabalhar como professora no Colégio Dr. Aurélio Miranda, uma escola da rede privada de Nazaré na qual atuo até hoje. Nesse período, chegou a pandemia: colei grau de forma *online*. Fui a primeira turma da história da UNEB *campus V* a ter esse formato de colação de grau.

Logo no início da pandemia eu engravidei e, em outubro de 2020, nasceu Guilherme. Em 2021, Guilherme estava com apenas quatro meses de idade, e eu decidi me inscrever na especialização em Geografia e Desenvolvimento Territorial da UNEB *campus V*. Foi a primeira turma dessa especialização da UNEB e, como ainda estava na pandemia, as aulas aconteciam de forma virtual, o que facilitou a minha participação.

Na especialização, dei continuidade à minha pesquisa sobre a ASPRUMI, que resultou em um artigo que teve como objetivo investigar as estratégias de reprodução econômica e desenvolvimento social da agricultura familiar no município de Jaguaripe-BA mediante o associativismo praticado pela ASPRUMI. Nessa pesquisa, fiz a aplicação de quarenta e seis questionários às/aos associadas/os. Os resultados apontaram que a Associação estava buscando de diversas formas a melhoria da economia e do desenvolvimento social das/os associadas/os.

³ O Programa Partiu Estágio tem o objetivo de garantir o acesso a oportunidades de estágio para estudantes universitários de instituições federais, estaduais e privadas com sede no Estado da Bahia.

Mesmo quando não estavam participando de nenhuma política pública, os/as associados/as estavam comercializando seus produtos de outras formas, como nas feiras do município, nas gincanas promovidas pela Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários/UNISOL, dentre outros.

Durante a especialização, vivi momentos bem desafiadores: a pandemia, um bebê em casa e todas as demais funções que comprometeram o meu rendimento no curso, mas não me fizeram desistir do meu objetivo. Concluí a especialização no primeiro semestre de 2022, mesmo ano que ingressei no Mestrado em Planejamento Territorial da UEFS. Eu já tinha o Mestrado em 2020 em outra instituição, mas não fui aprovada. Acredito que a especialização me permitiu experiências acadêmicas que contribuíram para a minha aprovação na seleção do PLANTERR-UEFS.

Ingressar no Mestrado em Planejamento Territorial da UEFS, para mim, foi a realização de um sonho, mesmo com as muitas inseguranças e incertezas que permeavam a minha vida. Avancei e comecei a ir para Feira de Santana em março de 2022. Meu filho Guilherme, então com um ano e quatro meses, teve que passar pelo desmame antes de eu começar a ir para Feira, pois eu dormia lá. Eu ia quinta pela manhã, pegava um transporte – van ou ônibus – até Santo Antônio de Jesus e de lá pegava outro ônibus para Feira de Santana, já que não tem ônibus direto de Nazaré para Feira de Santana.

No primeiro semestre, eu assistia aula na quinta à tarde, dormia em um hostel e assistia aula na sexta à tarde. Depois, pegava o ônibus 18h30 até Santo Antônio de Jesus, e de lá ia para Nazaré em um transporte que levava alunos à noite de Nazaré para Santo Antônio de Jesus. Chegava em casa quase meia-noite, muito cansada e angustiada por deixar meu filho tão pequeno, mas ao mesmo tempo me sentia feliz por estar realizando um sonho. Nas sextas-feiras em que o transporte não levava os/as alunos/as para Santo Antônio de Jesus, eu dormia em Santo Antônio na casa de minha tia e ia para casa no sábado pela manhã. Não posso esconder que passei por dias em que a felicidade se misturava a uma profunda angústia.

No semestre seguinte, em que pude escolher as disciplinas, cursava uma disciplina na quinta à tarde e outra na sexta pela manhã, o que facilitou a minha vida, pois eu conseguia chegar em casa mais cedo na sexta-feira. Não posso deixar de falar também sobre Sthefanny, minha colega do curso e companhia de toda quinta-feira no ônibus. Ela entrava no ônibus em Cruz das Almas e era uma viagem de muita conversa, de muitas risadas, de consolo quando necessário. Foi uma grande amizade que fiz.

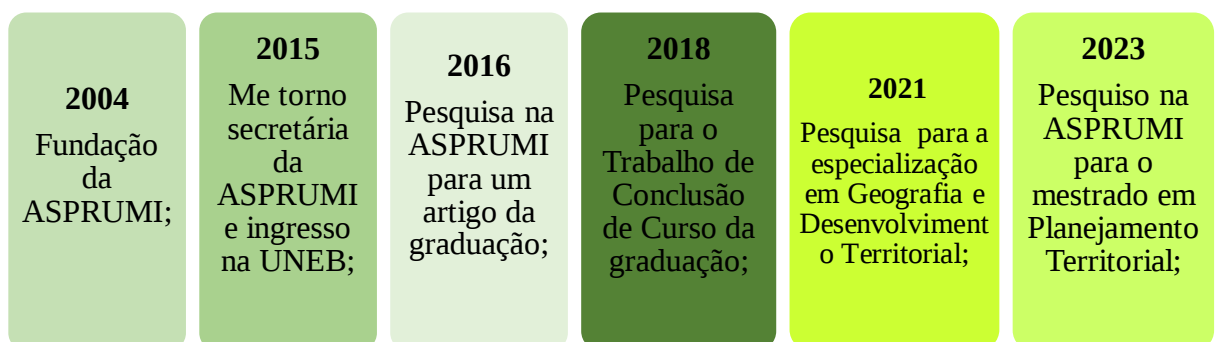
Muitas vezes fui consolada nas angústias que vivia por deixar meu filho e ir em busca de meu sonho. Aqui cabe ressaltar também a importância da minha rede de apoio, minha cunhada Jorlânia, que ficava com Guilherme durante o dia desde os quatro meses, quando eu tinha voltado a trabalhar, e de minha sogra, que também foi um grande suporte para mim, e meu companheiro Juvanildo, que ficava durante as noites que eu dormia em Feira, e em todos os momentos esteve presente para que minha trajetória se tornasse mais leve. Sem essas pessoas na minha vida eu não teria conseguido. Uma mulher da roça quando sai para buscar seus sonhos, jamais abandona o sentimento de coletividade.

Em setembro de 2021, eu voltei a dar aulas no Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho pelo Regime Especial de Direito Administrativo – REDA. Portanto, durante as aulas do Mestrado em 2022 eu trabalhava em duas escolas e acumulava as funções de mãe e dona de casa. Em 2023, no primeiro semestre eu não cursei nenhuma disciplina, mas no segundo semestre fui cursar a disciplina Etnociências ofertada pelo meu orientador.

O professor Davi chegou em minha vida para me tirar da zona de conforto, para me fazer perceber que posso ir mais além do que eu consigo imaginar. Ele me apresentou um novo método de pesquisa, a fenomenologia, a que eu não estava acostumada. O meu maior desafio com esse novo método foi me encontrar como pesquisadora, já que eu estava saindo de uma formação academicista para uma “liberdade” de pesquisa que me desafia o tempo todo.

No Mestrado, dei continuidade à minha pesquisa sobre a ASPRUMI. Na linha do tempo (**Figura 1**) pode-se perceber a minha relação com a Associação. Ela nunca é estática, pois está sempre em transformação. Assim, eu, como pesquisadora, observo o quanto tenho mudado no decorrer do tempo, e penso que este objeto de pesquisa sempre me permite ter novas descobertas, novas nuances que antes não foram vistas e que fazem com que a pesquisa sempre caminhe por lugares antes não percebidos.

Figura 1-Linha do tempo sobre minha relação com a ASPRUMI



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Em cada pesquisa realizada na ASPRUMI, pude perceber o quanto ocorreram mudanças e o quanto a realidade foi interpretada de formas diferentes por mim. Vejo que esta última pesquisa foi a que mais me desafiou, pois foi muito difícil conciliar todas as funções: o ser mãe, dona de casa, professora e estudante. Nesse contexto, meu filho já sentia falta da minha presença na vida dele, pois muitas vezes eu chegava cansada da escola e precisava dar atenção para ele, além de cumprir as tarefas de casa.

No meio disso tudo, conseguir um tempo a sós para me concentrar na escrita era muito difícil. Além do mais, eu tive que sair da minha zona de conforto, de uma escrita academicista, para uma nova forma de escrita a que não estava acostumada. No entanto, foi um momento em que pude amadurecer como pesquisadora, e me apaixonar pela fenomenologia que me concedeu a liberdade na escrita que me permitiu a todo tempo ser eu mesma.

Nessa trajetória permeada de desafios, pude contar com pessoas que estiveram comigo e não soltaram a minha mão. Davi, meu orientador, está no topo dessa lista. Ele chegou em minha vida para me permitir vivenciar experiências inimagináveis, me apresentou a fenomenologia e me desafiou a estar no centro do processo do conhecimento. Eu, que sou muito reservada, precisei, em virtude do método fenomenológico, falar sobre mim e sobre minha história. Nesse processo, eu me vi, em muitos momentos, fazendo diversas reflexões sobre o que realmente seria necessário colocar na escrita, sobre quem eu sou, sobre o que posso me tornar, sobre minhas fragilidades, minhas inseguranças, meus medos. Cada momento foi um novo desafio e uma nova oportunidade de refletir, primeiramente, sobre mim mesma.

As orientações com Davi eram momentos de muita reflexão. Iniciamos os trabalhos nos preparativos para a qualificação e pude aproveitar algumas coisas do meu anteprojeto, enquanto outras foram repensadas no decorrer do percurso. O primeiro contato pessoalmente com meu orientador foi na aula de Etnociências. Ao chegar na aula, recebi um abraço acolhedor e pude tirar as dúvidas sobre a minha qualificação que aconteceu na semana seguinte. Para mim, a qualificação foi de grande importância, pois me permitiu vivenciar um momento de trocas que enriqueceram minha pesquisa. A professora Acácia, a professora Geusa e o professor Heron, cada um/a com suas contribuições, me instigaram profundas reflexões sobre a pesquisa.

Iniciei minha pesquisa na ASPRUMI, desta vez, com muitas inseguranças. Fiz o primeiro contato para a apresentação do projeto, em seguida comecei a fazer a pesquisa documental e logo após as entrevistas eu me organizei para a primeira oficina. Fiquei com muitos medos: medo de não dar conta, medo de não comparecer ninguém... mas, no final, tudo

deu certo. Na pesquisa de campo realizei nove entrevistas e fiz quatro oficinas que serão apresentadas e discutidas no decorrer do texto.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo interpretar que territorialidades surgem a partir da participação na Associação de Pequenos Produtores Rurais e Agricultores Familiares do Riacho do Miranda – ASPRUMI em Jaguaripe/BA. Os objetivos específicos foram: Identificar como os/as associados/as concebem/percebem os mecanismos e processos de participação social na ASPRUMI; Conhecer as territorialidades percebidas e vividas pelos/as associados/as a partir da ASPRUMI; Compreender as potencialidades para a participação social e produção das territorialidades a partir dos/as associados/as da ASPRUMI; Produzir uma cartilha com as experiências e metodologias para o estímulo à práxis territorial e valorização das territorialidades a partir da ASPRUMI.

O Território de Identidade Baixo Sul (**Figura 2**), no qual está localizado o município de Jaguaripe, possui quinze municípios e apresenta 1,4 % de porcentagem da extensão territorial da Bahia. A população é de 361.362 habitantes, o Produto Interno Bruto-PIB em 2020 foi de 5,3 bilhões de reais e o PIB per capita de R\$ 13. 667,09, se comparado a participação do Território no PIB da Bahia houve um decréscimo com relação a 2014, neste ano era de 2,3% e em 2020 foi de 1,7% (SEI, 2023).

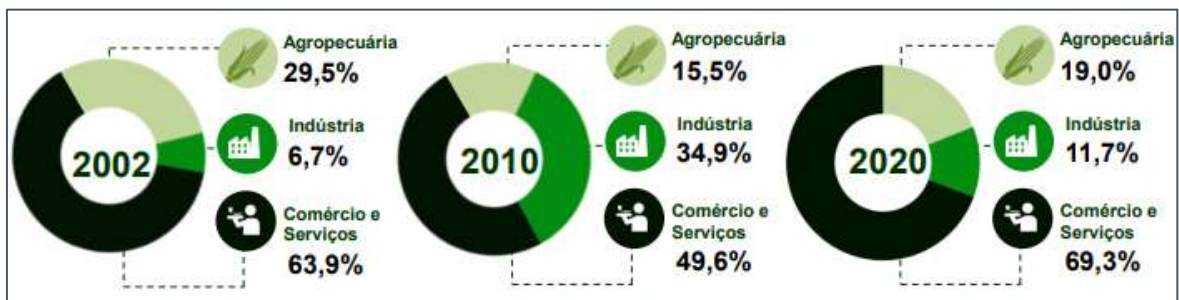
Figura 2: Mapa de localização do Território de Identidade Baixo Sul-BA



Fonte: Elaborado por João Enoc Carneiro (2023)

As atividades econômicas em 2020 no Território de Identidade Baixo Sul estavam divididas em: 19% agropecuária, 11,7% em indústria e 69,3% em comércio e serviços. Os principais produtos agrícolas do TI em 2021 foi o cacau com o valor de produção de R\$ 626,6 milhões e em segundo lugar a banana com o valor de R\$ 358,4 milhões. Na **figura 3** pode-se observar como se deu as atividades econômicas no TI Baixo Sul no decorrer dos anos.

Figura 3: Distribuição da atividade econômica por setores no TI Baixo Sul-2023

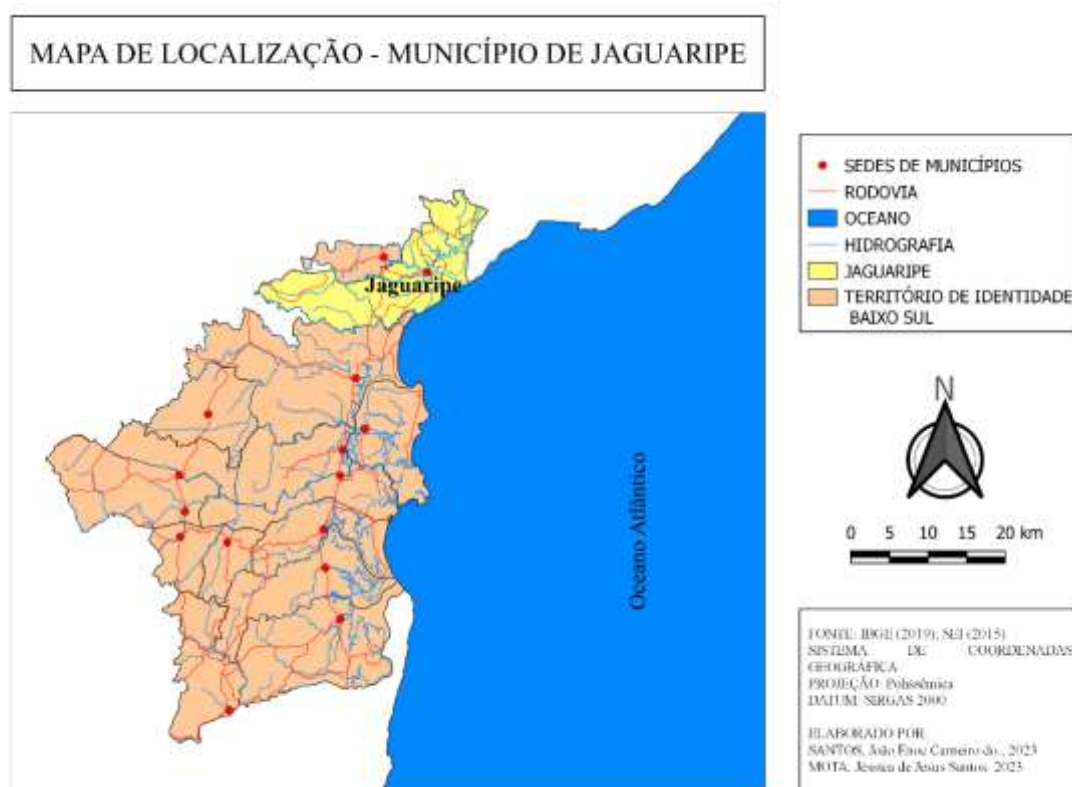


Fonte: IBGE (2022); SEI (2022). Elaboração SEI, 29 de junho de 2023

O que se observa é que o setor de comércio e serviços em 2020 teve um aumento em relação aos anos anteriores. A indústria em 2020, se comparado com 2010, decresceu, e a agropecuária, em relação a 2002, também diminuiu. Uma análise que pode ser feita é que 2020 foi o ano de início da pandemia, o que pode estar relacionado à diminuição das atividades industriais e da agropecuária, enquanto o setor de comércio e serviços aumentou nesse período.

O município de Jaguaripe (**Figura 4**) segundo os dados do IBGE (2022), tem uma população atual de 17.659 habitantes, com extensão territorial de 863.424 km². O município tem a sede Jaguaripe e outras localidades que estão geograficamente distantes da sede: Camassandi, Barreiras do Jacuruna, Pirajuía, Cunhagi, Ilha D'Ajuda, Mutá, Cações e São Bernardo.

Figura 4: Mapa de localização do município de Jaguaripe-BA



Fonte: Elaborado por João Enoc Carneiro, 2023.

O município de Jaguaripe tem uma grande extensão territorial: vai desde as áreas litorâneas que têm a pesca como principal fonte de renda até as áreas que apresentam a agricultura familiar como a fonte de renda principal. A cidade de Jaguaripe é linda, uma cidade histórica cujo nome em tupi é *îagûarype*; ou seja, rio das onças. É um município situado a 247

quilômetros de Salvador, fundado em 1613 como uma freguesia chamada de Vela de Nossa Senhora da Ajuda de Jaguaripe, e mais tarde em 1693, foi elevada à posição de vila, tornando a primeira vila do Recôncavo (Muricy, 2021).

O município de Jaguaripe apresenta uma grande diversidade cultural e religiosa. Na economia, segundo a SEI (2023), o município representa apenas 3,8% na participação do PIB do TI Baixo Sul, ficando na décima posição dos municípios do TI. Sinto-me ainda pertencente a esse município, pois assim como as raízes da mandioca, minhas raízes estão plantadas na Comunidade do Riacho do Miranda. Eu continuo sendo eleitora de lá, e eu e meu esposo temos um terreno próximo à casa de meus pais. O plano é fazer uma casa futuramente.

A Comunidade do Riacho do Miranda onde está a ASPRUMI fica a aproximadamente 50 quilômetros da sede do município, sentido Oeste, no distrito de Cunhagi, limite com o município de Laje. A principal fonte de renda é a agricultura familiar proveniente principalmente da plantação de mandioca e, em algumas propriedades, do cacau.

Os/as moradores/as da Comunidade atualmente se deslocam para Santo Antônio de Jesus para resolverem as suas demandas, vender a farinha, fazer compras, fazer consultas médicas, dentre outras necessidades. Na época de meu avô, esse movimento era inverso: os moradores se deslocavam para Nazaré, pois lá era o centro principal do comércio das cidades e comunidades circunvizinhas. Ir à sede do município de Jaguaripe é bastante complicado, já que não tem transporte para lá. Para as pessoas irem, é necessário transporte próprio, por isso as pessoas preferem ir para as cidades mais próximas porque o acesso é mais fácil.

A ASPRUMI hoje possui sede própria (**Imagem 5**). O terreno para a construção da Associação foi doado por um senhor da Comunidade. Ao lado da Associação, tem uma Igreja Católica. Há um espaço entre a Igreja e a Associação que era comum a ambos, e era utilizado para a realização de encontros, reuniões e demais atividades. No entanto, a Igreja solicitou a construção de uma divisão para delimitar o que é de cada um. Os fatos e circunstâncias relacionados à solicitação serão esclarecidos no decorrer da escrita.

Imagem 5 – Sede da ASPRUMI e a Igreja Católica da Comunidade



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

É sobre este lugar que se desdobra a minha pesquisa: uma pesquisa que tem me desafiado a me distanciar do meu objeto de pesquisa para conseguir ter uma melhor compreensão do fenômeno, e assim conseguir alcançar os objetivos propostos.

Na Fenomenologia, a busca da compreensão do fenômeno precisa ser livre de preconceções, sem explicações teóricas pré-estabelecidas. É o que se chama no método de *epoché*, que está relacionado à atitude natural e à atitude fenomenológica. A atitude natural, segundo Sokolowski (2012, p.51) é “a perspectiva padrão, aquela da qual partimos, aquela em que estamos originalmente”. Assim, compreendemos que a atitude natural é a forma como vemos o mundo, enquanto a atitude fenomenológica, ainda conforme o autor, “é o foco que temos quando refletimos sobre a atitude natural e todas as intencionalidades que ocorrem dentro dela” (Sokolowski, 2012, p. 51). Nesse sentido, eu precisei colocar meu olhar natural em suspensão, mesmo sendo uma *insider* (pesquisadora de dentro) para refletir, teorizar e descrever a partir da atitude fenomenológica.

A *epoché* seria, então, a suspensão de todas as crenças ou juízos de valor. “Quando entramos na atitude fenomenológica, suspendemos nossas crenças, e pomos entre conlchetes o mundo e todas as coisas no mundo” (Sokolowski, 2012, p. 58). Para mim, esse distanciamento foi necessário para que eu pudesse olhar a complexidade do meu lócus de pesquisa de forma crítica.

Apresentados os aspectos introdutórios da minha pesquisa, que permite uma aproximação com o que pesquisei, é importante destacar como está organizado este trabalho,

qual o caminho será percorrido e, para isso, iniciei com este capítulo introdutório fazendo reflexões sobre minha trajetória e sobre o objeto de pesquisa.

No capítulo dois apresentarei o caminho metodológico da pesquisa – o meu encontro com a fenomenologia – e discutirei sobre a pesquisa participante, descrevendo também o passo a passo da pesquisa na ASPRUMI. O capítulo três abordará as oficinas realizadas no trabalho de campo além das reflexões e os resultados obtidos a partir das oficinas. No quarto capítulo discutirei as formas de participação na produção das territorialidades da ASPRUMI, que foram compreendidas a partir das entrevistas realizadas. No quinto capítulo apresentarei o produto que foi criado em formato de cartilha, com estratégias e ferramentas para auxiliar no desenvolvimento de atividades tanto na ASPRUMI quanto em outras associações que queiram utilizá-la. Por fim, apresento as possíveis considerações, os anexos e os apêndices.

2. DO ATO DE ROÇAR A MANDIOCA ATÉ SE TORNAR FARINHA: O CAMINHO PERCORRIDO FOI/É TRANSFORMADOR

Saindo da roça para virar farinha, a mandioca passa por fases: o ato de roçar, plantar, cuidar e colher. Depois, na casa de farinha, passa por processos individuais e coletivos, mas, sobretudo, articulados. Inspirada nessa dinâmica, apresentarei, neste capítulo, o caminho percorrido até chegar à escrita desta dissertação.

Ao arrancar a mandioca, são cortadas as raízes da maniva, que são colocadas nos “panacuns” do jegue e são levadas para a casa de farinha. Lá, várias mulheres raspam as mandiocas. Depois, chegam os homens que estavam arrancando mandioca na roça e passam a mandioca já descascada por uma serrilha, chamada na Comunidade de “serria, da qual se deriva uma massa que é logo imprensada em uma prensa manual. Depois, a massa passa pela “serria” novamente e vai para o “aguidá”, o torrador de farinha. Após ser torrada, é peneirada, e os “caroços” que não passam na peneira são moídos em um moinho e misturados à farinha que foi peneirada, resultando, da raiz da mandioca, a deliciosa farinha amada por mim e por muitos baianos/as.

Toda essa trajetória da mandioca até se tornar farinha me fez refletir sobre a minha trajetória na pesquisa do Mestrado. Cada fase desenvolvida foi de grande importância para o resultado. No decorrer deste capítulo, discutirei cada etapa desta pesquisa, os momentos de imersão na leitura, no campo e na escrita e as emoções vivenciadas no caminho percorrido.

Ao ingressar no Mestrado, não tinha ainda estabelecida uma corrente teórico-metodológica até começar as orientações com o professor Davi e ele me apresentar a Fenomenologia. A princípio, não conseguia ter uma compreensão muito clara sobre esse método. Fui desafiada o tempo todo a me colocar na escrita, expressar minhas ideias, o que até então eu não estava acostumada. Eu sempre me baseava em citação-discussão e com a escrita na terceira pessoa. Não foi uma tarefa fácil me expressar como pesquisadora, entender a essência da Fenomenologia e me permitir vivenciar essa experiência de forma única.

O método de uma pesquisa indica um caminho escolhido entre outros possíveis. De acordo com Oliveira (1998, p. 17), “o método não representa tão somente um caminho qualquer entre outros, mas um caminho seguro, uma via de acesso que permita interpretar com a maior coerência e correção possíveis as questões sociais propostas num dado estudo”. Nesse sentido, é preciso definir com coerência qual método será escolhido e qual o caminho mais seguro para obter os resultados desejados. Sobretudo, o método deve falar com a gente, estar próximo.

A Fenomenologia se apresenta como um importante método filosófico que busca compreender como as coisas se manifestam a si mesmas, ou seja, como elas aparecem para nós. Ela nos convida a refletir sobre a habilidade de sermos autênticos e deixar as coisas se revelarem como são, permitindo que as coisas apareçam na sua essência. Ela nos ajuda a pensar sobre as presenças e as ausências que estão intrinsicamente entrelaçadas. A esse respeito, Sokolowski (2012, p. 24) destaca que:

[...] a fenomenologia oferece o prazer de filosofar para aqueles que o desejam apreciar. Há muito a pensar como as coisas se manifestam a si mesmas, e em nossa habilidade de sermos verdadeiros, nossa habilidade de deixarem as coisas aparecerem. As presentificações e ausências estão perfeitamente entrelaçadas, e a fenomenologia nos ajuda a pensar sobre elas. Ela não apenas remove impedimentos céticos; também dispõe a possibilidade de diferenças de compreensão, identidades, e formas como os filósofos classicamente as entenderam. Ela é contemplativa e teórica. Ela valida a vida filosófica como um acontecimento humano culminante. A fenomenologia não só cura nossa angústia intelectual; também abre a porta para a exploração filosófica àqueles que desejam praticá-la.

Neste sentido, observo que a Fenomenologia sugere a possibilidade de diferentes compreensões da realidade. É descrita como contemplativa e teórica, validando a vida filosófica como um evento humano significativo e abrindo caminhos para a exploração filosófica dos que desejam praticar.

Eu percebo esta porta se abrindo para mim, a cura intelectual, a certeza de que posso ser eu na escrita, posso apresentar os desafios e possibilidades vivenciadas, posso reproduzir a experiência na raspa da mandioca, aqui, na força de dialogar e produzir, sem receios ou solitariamente. Pude perceber, através, da Fenomenologia, como se dá a compreensão do fenômeno que estava pesquisando. Trata-se de entender como as coisas se manifestam e em como tenho sido verdadeira na minha pesquisa. Foi, é e será um desafio constante, pois não posso ter juízo de valor e preconceitos sobre o fenômeno estudado. Mesmo tendo olhado tantas vezes para aquela realidade, cada troca foi única, nova.

A metodologia deste trabalho foi baseada na compreensão do fenômeno que foi pesquisado. Assim, esteve baseada na construção da participação e das territorialidades. Para Bello (2006, p. 19), é preciso “identificar o sentido, os fenômenos, de tudo aquilo que se manifesta a nós”. Para isso, foi necessário traçar o caminho para a compreensão do fenômeno que se deu a partir da metodologia aplicada a esta pesquisa.

Esta pesquisa buscou “entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situe sua interpretação dos fenômenos estudados” (Neves,

1996, p. 02). Este tipo de pesquisa busca entender e interpretar os fenômenos estudados a partir do que foi visto aos nossos olhos, e se ampara na busca do entendimento da essência do fenômeno a partir da descrição como forma de análise e observação do fenômeno estudado.

A Fenomenologia busca compreender como o conhecimento do mundo se dá em cada pessoa. De acordo com Queiroz (2002, p. 41), “com a Fenomenologia busca-se entender como esses objetos são apresentados à nossa consciência; qual a percepção que se tem deles e como isso repercute, sobremaneira, na concepção do próprio sujeito de si e da realidade que o circunda”. Esse método diz respeito à consciência que cada sujeito tem sobre os fenômenos a partir da realidade que os cerca, é sobre a percepção que se tem sobre cada um deles, portanto, não existe uma única realidade, mas sim diferentes compreensões e interpretações sobre o mesmo fenômeno, e o que nos une é o compartilhamento do mundo da vida.

Nesse sentido, o método fenomenológico foi de grande importância para esta pesquisa que buscou a compreensão de quais territorialidades surgem a partir da participação no associativismo que é praticado pela APSRUMI. A territorialidade é um fenômeno nítido, mas de difícil apreensão. A percepção dos/as associados e associadas sobre isso é fundamental, e essa percepção é o ente de formação da Fenomenologia. É quando a consciência se coloca à coisa, e essa coisa foi pensar a Associação.

Posicionei-me como pesquisadora na busca do entendimento da essência das experiências vividas sem fazer suposições ou tentar interpretar as experiências à luz de teorias preexistentes. Assim, pude obter a minha própria experiência de maneira profunda e significativa, abandonando todo pensamento pré-concebido e romantizado sobre o lugar que ocupo e ocupei durante a trajetória da ASPRUMI.

A mecânica que a ASPRUMI cria tem um elemento extra, que é a produção de uma *práxis*, ou seja, o que deve ser a Associação e o que ela de fato tem sido. Visto que a Associação se movimenta, é preciso perceber em que direção ela se mobiliza (e se mobilizou). Nesse cenário, eu percebi que a territorialidade tem suas múltiplas camadas, até mesmo a mais interessante e menos visível, que é a simbólica, e que traduziu a relação de pertencimento com a Associação. Essas foram questões importantes para entender a territorialidade da participação.

Os procedimentos metodológicos foram baseados na pesquisa participante, que me envolveu como pesquisadora no contexto da pesquisa, bem como esquadrinhou o envolvimento dos sujeitos que estão envolvidos no processo da pesquisa, antes, da própria Associação. A esse respeito, Peruzzo (2017, p. 163) afirma que:

A pesquisa participante consiste numa investigação efetivada a partir da inserção e na interação do pesquisador ou da pesquisadora no grupo, comunidade ou instituição investigado. A pressuposição de inserção do investigador no ambiente natural de ocorrência do “fenômeno” que se pretende estudar é fundamental para compreender a pesquisa participante e pode ser tomada como a base de seus procedimentos metodológicos.

Na pesquisa participante, o/a pesquisador se insere e interage com o objeto pesquisado. Nesta pesquisa acontece o envolvimento da Comunidade ou instituição na análise de sua própria realidade. O/A investigador/a se insere onde está acontecendo o fenômeno para assim buscar a compreensão dos objetivos propostos, no meu caso, no movimento de *epoché* e das minhas subjetividades justapostas.

Dessa forma, poder imergir na pesquisa em todos os sentidos, na busca dos resultados a partir dos objetivos que foram propostos, não foi uma tarefa fácil, pois como pessoa de dentro que vivenciou todas as mudanças a partir do associativismo, percebi que estava por vezes com uma visão romantizada, sem ter a percepção dos problemas aparentes do associativismo que afetam não somente a ASPRUMI, mas o associativismo como um todo. Mesmo com o acúmulo de algumas pesquisas nesta Associação, percebi que havia naturalizado a realidade vivida nesse espaço.

Segundo Brandão e Borges (p.56, 2007) este tipo de pesquisa “sempre importa conhecer para formar pessoas populares motivadas a transformar os cenários sociais de suas próprias vidas e destinos, e não apenas para resolverem alguns problemas locais restritos e isolados”. A partir da pesquisa participante, as pessoas pesquisadas me reposicionaram, e os/as associados/as foram os/as protagonistas na motivação e transformação dos cenários em que se encontram, indo muito além da resolução de problemas locais que são restritos e isolados, mas na oportunidade da reflexão a partir do que foi vivido, de forma crítica.

Pude, através da pesquisa, incentivar os/as associados/as – e a mim mesma – a refletirem sobre o associativismo da ASPRUMI, pensando formas de transformação do cenário local, estimulando cada associado/a entender que eles/as são os/as protagonistas de sua própria vida e da sua atuação como participantes de uma entidade associativa. Essa experiência me acrescentou um significativo repertório profissional.

Para responder aos objetivos deste trabalho, eu segui um passo a passo metodológico na ASPRUMI que consistiu de pesquisa documental, entrevistas compreensivas e oficinas temáticas, etapas que foram de grande importância para a compreensão do fenômeno pesquisado. A princípio, apresentei em reunião o projeto e o alinhamento do meu papel e da minha atuação na Associação durante essa fase como pesquisadora. Saliento que esta pesquisa

se baseou nos princípios éticos do Conselho Nacional de Saúde e Ética em Pesquisa (CEP/CONEP) previstos na resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, que se refere à confiabilidade e participação voluntária. No artigo 3º são destacados os princípios éticos das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, tendo em vista que a produção científica deve proporcionar benefícios para o ser humano, para a Comunidade em que está inserido e à sociedade de forma geral, possibilitando os direitos de todos os participantes envolvidos na pesquisa.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana, através da Plataforma Brasil, sob Certificado de Apresentação de Apreciação Ética – CAAE nº 69737623.6.0000.0053. Com o objetivo de assegurar o desenvolvimento nas normas éticas, nos comprometemos a iniciar o desenvolvimento da pesquisa após a autorização do comitê, cuja resposta de aprovação se deu através do parecer nº 6.283.817, de 05 de setembro de 2023.

O primeiro contato com a ASPRUMI para a pesquisa do Mestrado aconteceu em 2022, quando ingressei no Mestrado. Fui até a Associação conversar com o presidente sobre a minha continuidade como pesquisadora da ASPRUMI. Falei um pouco sobre meu projeto, o que pretendia desenvolver na Associação e esclareci que contava com a participação de cada um/a para que eu pudesse ter êxito na pesquisa, além de deixar claro que elaboraria um produto final a partir das experiências obtidas na ASPRUMI que ficaria à disposição dos/as associados/as.

O segundo contato com a Associação aconteceu após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, em uma reunião mensal, onde estive presente para falar com os/as associados/as sobre a minha pesquisa. Nesse dia, pela manhã, saí de minha casa na cidade de Nazaré com destino à Comunidade do Riacho do Miranda. Eu estava bem apreensiva quanto à recepção que teria. Esse medo vinha da minha relação com a Associação, já que eu não estava participando assiduamente de suas atividades.

Fiquei na casa de meus pais até as 15h, horário marcado para reunião; passei por aquela paisagem já conhecida desde a infância pensando no que deveria fazer. O presidente iniciou a reunião falando sobre a pauta, e em seguida me concedeu a oportunidade para falar (**Imagem 6**). Eu fiz uma fala introdutória refletindo sobre a importância da participação social e expliquei pra eles/as que faria algumas oficinas e entrevistas, e que contaria com a presença de cada um/a. Busquei construir o entendimento e a concordância nessa participação. Eu falei também sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que seria assinado por cada

participante da pesquisa, e esclareci que todos teriam a liberdade de deixar de participar da pesquisa quando quisessem.

Imagem 6: Apresentação do projeto na reunião mensal da ASPRUMI



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Foi um momento bastante proveitoso. O presidente lembrou os/as associados/as da minha pesquisa feita na Graduação e na Especialização. Alguns/as dos/as associados/as comentaram que lembravam das minhas pesquisas e todos/as demonstraram apoio à pesquisa que foi feita na ASPRUMI. Cabe ressaltar que os rostos de dois participantes estão hachurados, visto que eu não tinha ainda levado o TCLE para a autorização da utilização da imagem, por isso, não há a identificação dos/as associados/as presentes.

Logo após a minha fala, fiquei na reunião participando das demais pautas, mas tive que sair antes do término porque tinha que voltar para a minha casa e já estava chegando a noite. Voltei esperançosa de que conseguiria alcançar os objetivos propostos, pois fui acolhida por todos/as.

O terceiro contato com a ASPRUMI foi para dar início à pesquisa documental. Poder acessar, ler e refletir sobre os documentos foi de grande importância na investigação do objeto, pois contribuiu para a fundamentação teórica, a verificação dos fatos, a análise crítica e a credibilidade do trabalho. Ao utilizar documentos como fonte de informação, o trabalho é enriquecido, os argumentos são fortalecidos e assim há a contribuição para a construção do conhecimento científico. Nesse sentido, Saviani (2004, p. 4) aponta que:

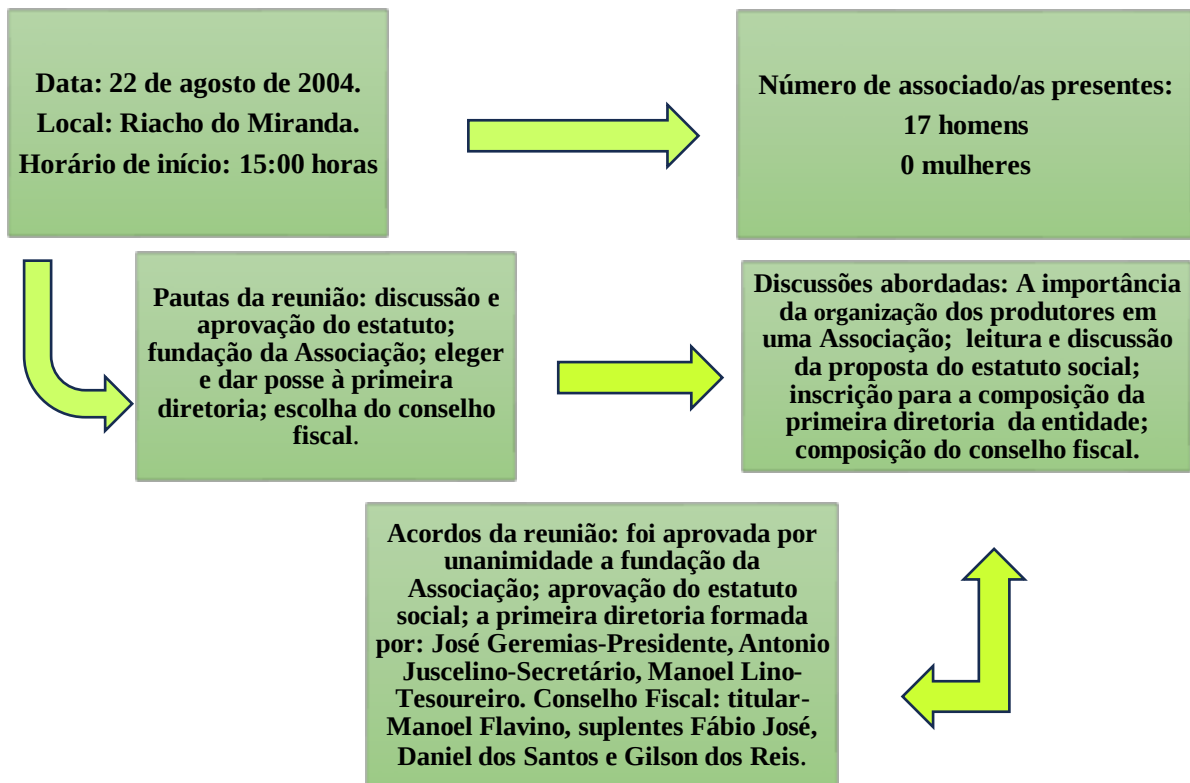
Por um lado, significa o ponto de origem, o lugar de onde brota algo que se projeta e se desenvolve indefinidamente e inesgotavelmente. Por outro lado, indica a base, o ponto de apoio, o repositório dos elementos que definem os fenômenos cujas características se busca compreender.

Segundo Saviani (2004), a pesquisa documental tem duas dimensões importantes. A primeira dimensão refere-se ao seu ponto de origem, ou seja, de onde ela surge. Ele enfatiza que a pesquisa documental é uma fonte de onde surgem informações, ideias e conhecimentos que podem ser desenvolvidos de maneira contínua e infinita. Nesse sentido, a pesquisa documental serve como um ponto de partida para o desenvolvimento de estudos e investigações mais aprofundados.

A segunda dimensão abordada por Saviani (2004) é a ideia de que a pesquisa documental é a base, o ponto de apoio para compreender os fenômenos que estão sendo estudados. Ela representa o repositório dos elementos que ajudam a definir as características dos fenômenos em questão. Em outras palavras, a pesquisa documental fornece os materiais e informações necessárias para entender e analisar adequadamente o objeto de estudo.

Durante a pesquisa documental, encontrei diversos documentos (Livros de Atas, Livros de Registro de Despesas, Livros de Registro de presença em reuniões, o Estatuto, Fichas de registro dos/as sócios/as, sendo que esse último não estava atualizado em fichas organizadas). Os últimos registros de fichas dos/as sócios/as em folhas físicas constam de 2011. Encontrei no *notebook* da Associação uma relação atualizada dos/as associados, mas não constavam muitas informações, como nome completo e o Cadastro de Pessoa Física (CPF), e se a Declaração de Aptidão ao PRONAF estava válida. Segundo esse registro, a Associação tem 70 associados/as, dos quais 36 são homens e 34 mulheres.

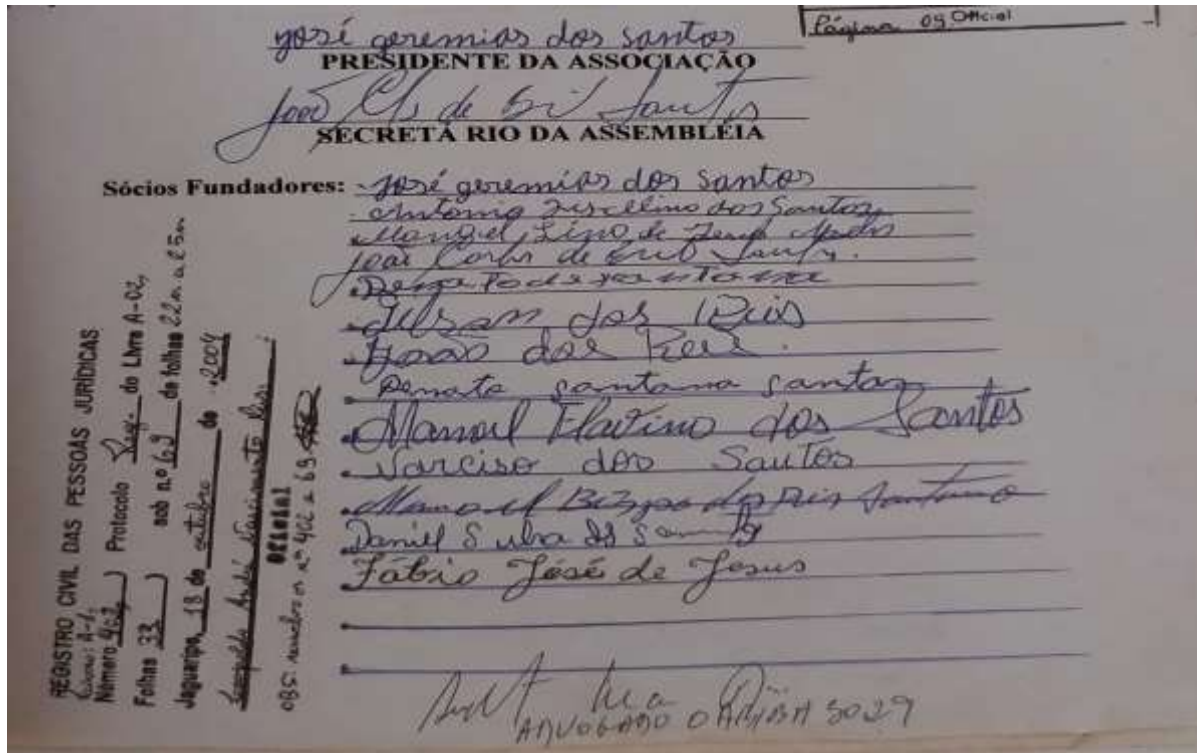
Ao iniciar a pesquisa nos documentos físicos, comecei procurando as informações sobre a fundação da Associação. A primeira reunião (**Figura 5**) registrada para a discussão da criação da ASPRUMI foi no dia 22 de agosto de 2004. Nessa reunião, foram discutidos o Estatuto e a eleição da primeira Diretoria e Conselho fiscal.

Figura 5: Sistematização da primeira reunião da ASPRUMI em 2004

Fonte: Elaborado pela autora com base na pesquisa de campo, 2023.

Essa primeira reunião ocorrida em 2004 teve como objetivo a organização dos/as agricultores/as para fazer o registro civil da Associação. Logo após essa reunião, foi realizada uma outra, no dia 02 de outubro, para discussão do valor da mensalidade, que ficou acordado em R\$ 2,00. Discutiram também sobre formas de atrair mais associados/as para conseguir a verba suficiente para dar entrada no cartório para registro da Ata e do Estatuto. Na ocasião, também foi discutida a organização da festa do dia das crianças que, conforme registrado na Ata, consta no Estatuto garantir aos/às associados/as o lazer. Ficou acordado que cada associado contribuiria com um lanche para o festejo, e que seriam comprados no cartão de crédito presentes para meninos e meninas. O pagamento seria realizado por todos posteriormente. No dia 18 de outubro foi registrada em cartório a Associação dos Produtores Rurais do Riacho do Miranda (**Imagem 7**):

Imagem 7- Associados fundadores da ASPRUMI



Fonte: Pesquisa de campo, 2023.

O que se observa é que todos os associados fundadores da ASPRUMI são homens: não houve a presença de mulheres. No entanto, no decorrer das reuniões seguintes, começou a haver a presença de mulheres (**Figura 6**). Essa presença se deu de forma gradual, mas não atingiu a maior parte em termos proporcionais das pessoas associadas até o momento.

Figura 6: Participantes das primeiras reuniões da ASPRUMI, em 2004

1ª reunião	2ª reunião	3ª reunião	4ª reunião
17 pessoas	17 pessoas	29 pessoas	63 pessoas
• 17 homens • 0 mulheres	• 14 mulheres • 03 mulheres	• 18 homens • 11 mulheres	• 34 homens • 29 mulheres

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Nas quatro primeiras reuniões feitas pela ASPRUMI, sempre havia maioria masculina. A princípio, fiquei bastante reflexiva e me questionando sobre como pode haver uma Associação fundada apenas por homens. No entanto, no decorrer da pesquisa documental minha angústia se dissipou, pois pude perceber que as mulheres começaram a participar. Recuperei

fotos (**Imagem 8**) das primeiras reuniões que aconteciam na casa de associados, pois a Associação não tinha sede própria.

Imagem 8: Presença dos/as associados/as na reunião na casa de um dos associados



Fonte: Pesquisa documental, 2023.

As fotos apresentadas são registros das primeiras reuniões da ASPRUMI. As duas fotografias foram feitas em reuniões na casa do associado e primeiro presidente da Associação. Pode-se constatar nas imagens que a presença masculina é superior à feminina. Com o passar dos anos, e a inserção das mulheres na Associação, elas puderam fazer cursos de qualificação para a produção de beijos, bolos e sequilhos.

Tenho memória das várias vezes que acompanhava minha mãe para a Associação onde foi montada uma cozinha utilizada pelas mulheres para a produção dos produtos que eram

comercializados pelo Programa de Aquisição de Alimentos e vendidos na própria Comunidade. Mais à frente, refletirei sobre essa participação na Associação a partir da relação com a cozinha e com a comida, ou seja, como extensão das práticas domésticas já vivenciadas por essas mulheres.

Como segundo procedimento metodológico, realizei entrevistas compreensivas baseadas na metodologia de Jean-Claude Kaufmann, em que o/a entrevistado/a tem total liberdade para responder de acordo com a sua compreensão. Kaufmann (2013, p. 27) aponta que a entrevista compreensiva está “situada no cruzamento de diversas influências, a entrevista compreensiva constitui de fato um método muito específico, com uma forte coerência interna”. A partir da entrevista compreensiva, é possível analisar as práticas a partir das palavras de cada entrevistado/a.

Mais que isso, nessas entrevistas compreensivas, pude estar presente não como interlocutora, mas também como aquela que refletia durante o diálogo. Minhas memórias, experiências e curiosidades se fundiam com as dos/as entrevistados/as. Não foi possível, devido a essa técnica, me distanciar a ponto de não estabelecer, nas conversas, o exercício da opinião.

Kaufmann (2013) descreve como as entrevistas devem ser conduzidas, quando definidas as amostras. Tendo a grade de perguntas, é preciso romper a hierarquia, afinal “o objetivo da entrevista compreensiva é quebrar essa hierarquia, o tom que se deve buscar é muito mais próximo de uma conversa entre dois indivíduos iguais do que aquele do questionário administrado de cima para baixo” (Kaufmann, 2013, p. 79). Na entrevista compreensiva, pesquisador/a e pesquisado/a estão no mesmo nível hierárquico. São dois indivíduos iguais que possuem apenas conhecimentos diferentes, mas igualmente importantes, que mais deve se parecer com uma conversa e não como um questionário que é aplicado de cima para baixo.

As entrevistas compreensivas buscaram considerar os aspectos relacionados à reflexividade dos/as entrevistados/as em sua condição social e individual. Ela foi necessária à compreensão dos múltiplos olhares que os/as associados/as construíram sobre a ASPRUMI. Algumas perguntas nortearam as entrevistas, mas, de acordo com Kaufmann (2013, p. 40), na entrevista compreensiva “o entrevistador está ativamente envolvido nas questões, para provocar o envolvimento do entrevistado”. Nesse sentido, as questões norteadoras⁴ deram embasamento para a entrevista, no entanto, os/as entrevistados/as também foram atuantes em todo o momento, seja na atitude de também perguntar, de desejar saber a minha opinião, de pressupor minha memória quanto a fatos ou de permitir contar e depois dizer que não queria que eu publicasse.

⁴ Ver Apêndice A.

Mesmo seguindo todo o embasamento teórico proposto por Kaufmann (2013) sobre as entrevistas compreensivas, observei que, na prática, não aconteceu da forma que foi pensada na teoria. Eu me sentia completamente insegura, não conseguia estabelecer um diálogo que não fosse baseado nas perguntas norteadoras. Consegui refletir, escrevendo este texto, que vários fatores me levaram a isso: eu já conhecia todas as pessoas que eu entrevistei, inclusive algumas delas eram parentes. Entrevistei meu pai, meu tio, minha tia e me sentia desconfortável em fazer algum tipo de pergunta que fosse problematizando a Associação.

Outro fato que me atrapalhou, por eu ser de dentro, foi que muita coisa eu já sabia. Então eu fiquei com receio de eles/elas acharem que eu estava “fazendo eles/elas de besta”. Em alguns momentos, eu falava “vou perguntar como se eu não soubesse”. Em outro momento, recebi como resposta “tu bem sabe”, referindo-se ao meu conhecimento dos detalhes do que eu estava perguntando. Foi bastante desafiador, mas acredito que toda etapa vem como experiência e como aprendizado. No final das entrevistas, fiquei com a sensação de que eu poderia ter feito melhor, mas entendi que, mesmo na minha fragilidade, eu poderia utilizar as entrevistas para análise e obtenção de resultados que fossem condizentes com a realidade pesquisada.

Como terceiro procedimento, foram realizadas oficinas temáticas dialógicas com os/as associados/as com espaço para fala e escuta de todas/os as/os envolvidas/os. A partir das oficinas, foram discutidos temas que buscavam responder os objetivos propostos nesta pesquisa. Ademais, foi possível investigar os problemas e desafios enfrentados pelas/os associadas/os do Riacho do Miranda e verificar as ações e a participação das/os integrantes da Associação.

Foram realizadas quatro oficinas e, em todas elas, foram muitos desafios enfrentados. Ao realizar a primeira oficina, mesmo vendo que eu consegui, que eu tinha “dado conta do recado”, me sentia insegura. Quis unir as três oficinas que faltavam em apenas uma, mas Davi me mostrou que essa não era a escolha mais acertada, já que eu tinha um planejamento submetido ao CEP que precisava ser cumprido. Ele me alertou para o fato de que eu não podia pegar atalhos para a minha pesquisa e precisava superar a minha insegurança. Depois da realização de todas as oficinas, voltei para agradecê-lo por não me permitir desistir no meio do caminho.

Após a realização de todas as etapas do trabalho de campo, chegou o momento de interpretar os dados que foram coletados nas entrevistas e oficinas que foram gravadas e transcritas. Para isso, realizei procedimentos qualitativos com base nas observações e anotações feitas durante a pesquisa documental. As entrevistas e oficinas foram gravadas mediante

autorização prévia de cada participante, e logo após fiz toda a transcrição das gravações. Para isso, contei com a ajuda de meu irmão e de minha irmã, pois não estava conseguindo dar conta sozinha. Após as transcrições, voltei a ouvir as gravações para corrigir algum possível equívoco na transcrição.

Todos os dados coletados foram tratados utilizando o recurso fenomenológico que é a redução eidética. Segundo Bello (2006), essa é a primeira etapa na busca do sentido dos fenômenos, em que os fatos se tornam interessantes pelos sentidos deles, e nós seres humanos somos capazes de entender o sentido das coisas, compreender sua essência. A redução eidética se propôs a pensar como surgiram questões, categorias e reflexões para pensar a territorialidade. Para a Fenomenologia, a realidade é que traz a teoria, e não a teoria que se formula para pensar a realidade: essa é a inversão epistemológica da Fenomenologia.

Para realizar a redução eidética, me desloquei para Salvador para a casa do professor Davi. Primeiramente, estivemos mergulhados nessa etapa que até então eu não conhecia na prática. Ao chegar à casa do professor Davi, começamos a conversar coisas do cotidiano. No decorrer da conversa, ele me falou que já havíamos iniciado a redução eidética. Eu ainda estava tentando entender como funcionaria esse momento, pois só acompanhava as fotos dos meus colegas de orientação⁵ que também já tinham feito esse processo. Comecei a entender, a partir de então, que já havia iniciado a minha trajetória para a busca da essência do fenômeno.

Após um momento de bastante diálogo, começamos a fazer a análise das entrevistas que realizei com os/as associados/as. Nesse momento, eu vi que havia muitas perguntas que eu poderia ter feito, mas não fiz porque estava com receio de ter que voltar a campo para refazer as entrevistas. Por outro lado, eu estava segura das oficinas que tinha realizado e pensava que, mesmo se fosse preciso refazer as entrevistas, as minhas oficinas tinham sido boas. Acreditava que através das oficinas eu conseguiria alcançar os objetivos propostos no projeto.

Imergimos nessas leituras e análises das entrevistas e já fomos percebendo os *noemas* para que, a partir deles, fossem encontrados as *noesis* que, segundo a minha percepção, na redução o *noema* diz respeito à categoria fundante da realidade, é a intenção vazia que as *noesis* preenchem. E as *noesis* são o que sustenta o *noema*, são a intuição cheia que vai dar forma ao *noema*.

Sokolowski (2012, p. 68) enfatiza que na Fenomenologia existem palavras e argumentos que nos ajudam a ver o novo sentido. Duas dessas palavras são *noemas* e seu correlato *noesis*.

⁵ Convivi com colegas de outras turmas do PLANTEER e do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do IFBaiano Catu (ProfEPT).

Para ele, “o termo noema se refere aos correlatos objetivos das intencionalidades; refere-se a tudo o que é intencionado pelas intenções de nossa atitude natural”. Dessa forma, os *noemas* que foram encontrados surgiram a partir de uma consciência tida sobre o objeto de pesquisa e a análise das entrevistas e oficinas realizadas.

O autor ainda ressalta que “o uso do termo noema é sinal de que estamos na fenomenologia, no discurso filosófico, e de que as coisas que estão sendo ditas estão sendo debatidas a partir de um ponto de vista filosófico, não de um ponto de vista natural” (Sokolowski 2012, p. 68). Nesse sentido, o *noema* está relacionado ao que nossa consciência está direcionada, e a utilização dos *noemas* indica que o debate parte de um ponto de vista filosófico, e não do natural.

Ainda conforme Sokolowski (2012, p. 68), os *noesis* “se relacionam aos atos intencionais por meio dos quais intencionamos as coisas: as percepções, os atos significantes, as intenções vazias, as intenções cheias, os juízos, as recordações”, dessa forma, *noesis* é a atividade da consciência que dão forma aos noemas.

Me deslocar de minha cidade e ir para Salvador para esse momento de redução eidética foi bastante significativo, me fez conhecer novos lugares, pois eu não conheço Salvador. Pegar uma *Topic* (carro de lotação), *ferry boat*, *uber* até chegar ao destino é uma verdadeira aventura, mas com a consciência de que esses momentos (*Imagem 9*) foram de grande importância para a minha pesquisa, pois foi o momento de compreensão do fenômeno pesquisado.

Imagem 9: Redução eidética na casa do professor Davi



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

A **Imagem 9** é um registro dos momentos que passamos juntos, imersos na redução eidética, refletindo sobre meu objeto de pesquisa, sobre mim mesma, sob o olhar observador do professor Davi que me orientou e me fez entender com mais clareza aquilo ainda parecia oculto para mim.

No segundo dia, contamos com a presença de uma orientanda de Davi, a Juciene Malaquias (ProfEPT). A presença dela foi muito importante para a continuidade dessa etapa tão importante, pois a todo tempo ela me motivava, me mostrando que eu era capaz, que eu conseguiria. Não conseguimos terminar a redução eidética nesse dia porque eu não tinha feito toda a tarefa de encontrar as *noesis* nas entrevistas e oficinas. Retornei para casa com essa missão, para que na semana seguinte pudéssemos nos encontrar novamente.

Na minha casa eu não tenho um lugar específico para estudar, faço isso em uma escrivaninha que tem no meu quarto, mas meu filho sempre fica à porta me chamando ou entra quando não tranco a porta, o que dificulta minha concentração. Na maior parte do tempo, eu só conseguia estudar à noite, depois que ele dormia. Ao voltar para casa, me lembrei que era possível eu estudar na laje de casa, um lugar que ainda está em construção, que estava sendo usado como depósito, ao qual Guilherme não conseguia ter acesso.

No dia seguinte, fizemos uma força tarefa: eu, minha sogra e meu esposo fizemos uma limpeza. Coloquei uma escrivaninha que pertencia à minha sogra, uma cadeira que minha cunhada tinha me dado e então comecei a estudar nesse lugar que antes eu não conseguiria ver como um ambiente de estudos. Eu me reterritorizei na minha casa.

Sentei-me na cadeira doada, coloquei meus materiais na escrivaninha que passou de geração pra geração e comecei a leitura das entrevistas para encontrar as *noesis* (**imagem 10**). O silêncio e o verde visto pela janela me acalmaram, e esse lugar me fez bem, pois sentia-me em um lugar de refúgio, sem choros de criança, sem pedidos a toda hora. Nessa janela me conectei com Deus e pedi a ele sabedoria para que eu conseguisse terminar essa fase tão importante da minha vida.

Imagem 10: Meu lugar de estudos na laje de casa



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Acredito que antes da Fenomenologia eu não apresentaria esse lugar para os leitores desse texto, um lugar com paredes sem reboco e pintura, mas um lugar onde pude encontrar silêncio e me desconectar de todos/as para me conectar com minha pesquisa. Minha identidade como pesquisadora-mãe-mulher-da-roça tomou força.

Na semana seguinte, retornei à Salvador para terminar essa etapa. Nesse dia, eu, o professor Davi e Juciene nos reunimos na Universidade Federal da Bahia/UFBA no *Campus Ondina* para darmos continuidade às etapas da redução eidética. Levei as *noesis* (**Imagem 11**) que eu havia conseguido identificar na minha casa para darmos continuidade à redução eidética.

Imagem 11: Construção das *noesis*



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

A partir das *noesis*, encontramos as unidades de sentido, que são a sintetização das *noesis*, para em seguida identificar a essência de cada *noema* conforme está representado no quadro abaixo:

Quadro 1: Unidades de sentido a partir do processo noético-noemático

Noemas	Unidades de Sentido (noesis)	Essência
Territorialidades	Redes; Gêneros e gerações; Conquistas/dualidades.	As territorialidades são construídas na participação circunscrita à práxis territorial.
Comunicação	Dialogicidade; Conflitos; Gestão.	As potencialidades da participação assimilam a ação comunicativa.
Coletividade	Formação; Políticas públicas; Ação comunitária.	A coletividade é inerente ao fortalecimento da participação na Associação.
Individualidade	Presença; Ausência; Formação prática; Interdependência.	Participar constrói processos de pertencimento

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Conforme observado no quadro acima, a partir da redução eidética conseguimos chegar ao fenômeno, no entanto, esse quadro não é uma síntese do processo, trata-se, na verdade, da

organização e do ponto de partida para a compreensão do fenômeno que se configurou da seguinte forma: a participação e o associativismo constroem a práxis territorial na ASPRUMI.

Chegar a essa descrição do fenômeno não foi tarefa fácil, por vezes eu subestimava a minha capacidade de pensar. No decorrer desse processo, por muitas vezes me peguei pensando ou falando que não conseguiria, e o professor Davi a todo tempo me mostrou que eu não podia pensar assim, pois era capaz. Minhas inseguranças, meus medos e minha ansiedade por vezes me atrapalhavam, em muitos momentos eu precisava dar um “*restart*” na minha mente que estava bagunçada com muitas informações. A todo instante vivia dilemas sobre acreditar ou duvidar de mim, conseguir ou não conseguir, mas a vontade de ser Mestre era maior que qualquer desafio, eu pensava em tudo que já tinha passado para chegar até ali e não seria naquele momento que desistiria do meu sonho.

Durante todo o processo da pesquisa, Davi me falava sobre as intenções cheias e vazias, e no decorrer das leituras pude perceber que na análise fenomenológica há uma forma estrutural que aparece, que é a estrutura de presenças e ausências, também chamada de intenções cheias e vazias. Para Sokolowski (2012, p. 42):

Presença e ausência são os correlatos objetivos para intenções cheias e vazias. Uma intenção vazia é uma intenção que tem como alvo algo que não está aí, algo ausente, algo não presente para quem o intenciona. Uma intenção cheia é a que tem como alvo algo que está aí, em sua presença física, ante quem o intenciona.

Dessa forma, a intenção vazia se refere à maneira como a consciência se dirige a objetos ou experiências sem preconceitos ou pressuposições, é quando o/a pesquisador/a permite que a experiência se revele por si mesma. Sokolowski (2012) cita alguns exemplos sobre isso, em um deles ele fala que uma intenção vazia, por exemplo, é imaginar que estou indo visitar uma pintura de Leonardo Da Vinci nos Estados Unidos. No caminho para a galeria, algumas pessoas me falam sobre a pintura, mas eu nunca a vi pessoalmente, então todas essas falas são de intenções vazias para mim, pois não tenho o conhecimento sobre a pintura, por isso não tenho ideias preestabelecidas. Já a intenção cheia é o olhar para um objeto ou pessoa com base em preconceitos, ou expectativas predefinidas. Assim, ao chegar perto da pintura, ao vê-la e comentar sobre ela, estou com intenções cheias, porque a pintura vai estar presente para mim.

Nesse sentido, observo que não posso moldar algo, um pensamento, de acordo com meu desejo ou vontade. A minha vontade é que a participação na ASPRUMI fosse exemplo para outras comunidades. No entanto, através da Fenomenologia, fica evidente que a coisa em si se revela de acordo com suas características, e cabe a mim e a nós percebermos e destacarmos

essas características. Isso evidencia que a realidade objetiva existe independente das nossas interpretações ou desejos. A esse respeito, Sokolowski (2012, p. 103) aponta que:

Não podemos manifestar uma coisa de algum modo que nos seja agradável; não podemos fazer um objeto significar algo que desejamos. Podemos trazer uma coisa à luz somente se a coisa oferece a si mesma em certa luz. A coisa tem de mostrar-se com certos aspectos que podemos destacar se estamos aptos a declarar que ela tem certas características.

O autor enfatiza que não podemos criar uma percepção que seja agradável a nós, ou fazer com que o objeto pesquisado se torne algo que desejamos. Esse perigo é totalmente eminente para quem é pesquisador/a de dentro, como no meu caso. Eu, por vezes, não conseguia ter uma dimensão clara da minha pesquisa pois, como já falei em outros momentos desta escrita, eu tinha uma visão romantizada sobre o meu objeto de pesquisa, e precisei me despir dos meus pensamentos preestabelecidos. Para isso, contei com a ajuda de pessoas que estiveram comigo e que viam a ASPRUMI com intenção vazia e não cheia como a minha.

Após refletir sobre as intenções cheias e vazias, na própria redução eidética refletimos sobre como chamaríamos os/as participantes da pesquisa, tendo em vista que eles/as preferiram manter seus nomes ocultados. Assim, sugerimos nomes fictícios. Seguindo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE, todos os/as entrevistados/as e participantes das oficinas tiveram seus nomes ocultados, por isso todos os nomes citados no decorrer da escrita terão como primeiro nome um nome fictício e o segundo nome estará relacionado a algo que se relacione com a mandioca. Seguem, no quadro abaixo, os nomes fictícios de cada um/a:

Quadro 2: Perfil dos/as associados/as que participaram da pesquisa de campo

Nome fictício dos/as associados	Idade	Tempo de associado/a
Raimundo Farinha de Mandioca	61 anos	18 anos
Josefa Massa Puba	48 anos	15 anos
Severino Goma	51 anos	Desde a fundação
Margarida Polvilho	28 anos	6 anos
Amâncio Crueira	34 anos	7 anos
Genoveva Tapioca	48 anos	15 anos
Tadeu Maniva	63 anos	Ex associado
Clara Beiju	29 anos	5 anos
Julival Mandioca Chips	69 anos	6 anos
Ernesto Aipim	56 anos	Desde a fundação

Damião Maniçoba	64 anos	Desde a fundação
Catarina Macaxeira	46 anos	5 anos
Cícero Tucupi	28 anos	5 anos
Helena Fécula de Mandioca	47 anos	14 anos
Marlene Tacacá	50 anos	6 anos
Teodoro Manipueira	49 anos	7 anos
Tereza Mandioca-mansa	59 anos	15 anos
Judite Raspa de Mandioca	64 anos	2 anos

Fonte: Elaboração própria, 2024

Conforme visto no quadro acima, 18 associados/as participaram desta pesquisa, sendo 9 mulheres e 9 homens. Se comparado à quantidade total de associados/as, a participação foi pequena, o que reflete a participação nas atividades da própria Associação, que será discutida no decorrer do texto. É importante destacar que os nomes utilizados são pseudônimos, tendo em vista que alguns/mas associados/as pediram sigilo nas falas.

Ao refletir sobre o caminho metodológico percorrido, refletimos também sobre o ato de plantar. No próximo capítulo, apresentarei o planejar e o fazer a farinha da mandioca para compreender e explicar como foi o meu processo na pesquisa de campo na realização das oficinas.

3 O PLANEJAR E O FAZER A FARINHA DE MANDIOCA: AS OFICINAS PLANEJADAS E REALIZADAS OU NEM TUDO QUE A MANDIOCA PODE SER, SE REDUZ À FARINHA

Quando os meus pais diziam “semana que vem vamos fazer uma tarefa de mandioca”, isso significava que na semana seguinte eles iriam fazer a farinha de mandioca. E era/é todo um planejamento: falar com meu tio que é o responsável por organizar a semana da casa de farinha para que não haja coincidência de pessoas que vão fazer farinha no mesmo dia; falar com as mulheres para raspar e com os homens para arrancar; comprar óleo diesel para o motor, porque tem um motor elétrico que só é utilizado para torrar, e o motor a diesel é utilizado para a serrilha e o moinho; comprar os sacos para colocar a farinha; providenciar os preparativos para o lanche das pessoas que trabalharão; cortar a lenha para torrar a farinha. Essas são etapas que precisam ser feitas para que no dia tudo esteja organizado e pronto para ser realizado.

Para realizar as oficinas na ASPRUMI houve todo um planejamento, desde preparar os convites, o roteiro de atividades que seriam desenvolvidas em cada oficina, os materiais para o lanche e para as atividades desenvolvidas e vários outros elementos que tive que providenciar para que as oficinas acontecessem. Tudo isso se assemelha ao processo realizado por meus pais e os/as associados/as na produção de farinha. Neste capítulo, abordarei cada oficina realizada na ASPRUMI e seus desdobramentos. No entanto, já posso adiantar que, mais que oficinas, o que aconteceu foi um aprendizado que extrapolou os objetivos, as minhas intenções e os medos.

3.1. HISTÓRIA E PARTICIPAÇÃO NA ASPRUMI: (RE)DESENHOS DAS MEMÓRIAS, DOS ESPAÇOS E DAS TERRITORIALIDADES

Para refletir sobre o debate contemporâneo com relação às abordagens da participação, é importante registrar alguns antecedentes históricos que permitem localizar e entender as fontes de várias referências atuais sobre o tema. Foi na Grécia que se originou o tema da participação do cidadão de modo direto, mas os estudos científicos sobre o tema se iniciam no século XVIII com as formulações de Jean-Jacques Rousseau e de outros teóricos que discutiam sobre a participação.

No entanto, foi no século XX que se destacaram os primeiros intelectuais que se interessaram pelo tema da participação voltada para a atuação dos indivíduos em associações; George Douglas Cole foi um desses intelectuais que discutiam sobre o tema. A teoria de Cole foi baseada nos pressupostos de Rousseau segundo os quais a vontade e não a força é a base da organização social e política. Ele defendia a necessidade de as pessoas atuarem em associações

para satisfazer suas necessidades, pois acreditava que somente por essa via em âmbito local e em associações locais os indivíduos poderiam aprender sobre democracia (Gohn, 2019).

A partir das formas de participação local, as pessoas podem aprender sobre a democracia. As associações podem ser uma dessas formas de participação que permitam o aprendizado sobre a democracia. Gohn (2019, p. 65) afirma que “as associações foram incluídas entre os direitos fundamentais da pessoa humana”. Nesse contexto, participar de uma Associação é um direito de todos, no entanto “nos tempos modernos, quem primeiro se utilizou desse direito foi a incipiente burguesia do século XIII. As camadas populares tiveram de lutar para adquirir a extensão desse direito” (Gohn, 2019, p. 66). A burguesia foi quem primeiro se utilizou desse direito; para a classe trabalhadora a participação foi e é conquistada a partir de lutas e reivindicações que deveriam ser iguais para todos.

Uma segunda vertente quanto à participação ganhou destaque no final da década de 1980. Ela relaciona a participação no sentido da cidadania e está associada a outra categoria que é a da exclusão social. Em alguns momentos, a participação é vista como um componente da integração, assim, se alguém está apto para participar, está integrado, do contrário, para não participantes, é sugerida a exclusão. Quando um indivíduo aprende a participar, ele pode ser integrado. A participação é plural no que diz respeito às classes, às camadas sociais, dentre outros aspectos. Ela se relaciona também com a cidadania, e nos processos em que envolvem a participação popular as pessoas envolvidas são consideradas como cidadãos (Gohn, 2019).

Podemos refletir que o processo histórico de participação envolve as associações como um mecanismo de força na construção das territorialidades. Dessa forma, nessa seção discutirei sobre o passo a passo da primeira oficina realizada na ASPRUMI e os resultados obtidos a partir dela.

Para mim, a primeira e a última oficina foram as mais desafiadoras. Fiz o planejamento da primeira oficina e o convite e enviei para o professor fazer as correções. Sobre o convite, ele falou que poderia ser melhor. Então eu refiz e achei que ficou maravilhoso (Figura 7). Fiz o primeiro contato pelo grupo de *WhatsApp* da Associação colocando o convite no grupo junto com um áudio em que eu falava sobre a oficina.

No final da semana, fui ao número privado dos/as associados/as e os convidei individualmente para que eles e elas pudessem perceber o quanto era importante a sua presença/participação. Neste áudio individual, eu os chamava pelo nome e dizia que queria muito que estivessem na oficina, e fiz isso em todas as outras oficinas. Meu desejo era o de que eles/as se sentissem valorizados/as e entendessem que sua participação era fundamental.

Figura 7- Convite da primeira oficina



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

No convite, coloquei o tema, dia e horário da oficina e uma frase reforçando o quanto eles/as eram importantes para que a oficina acontecesse. A oficina aconteceu no dia 01 de outubro de 2023, e teve como objetivo revelar, com os associados e as associadas, o que eles e elas conseguiam refletir sobre os aspectos que estão antes da Associação ser fundada e depois da fundação. Dessa maneira, poderíamos construir uma percepção das transformações e de como, no tempo presente, elaborariam um olhar sobre os processos sociais e históricos, políticos e territoriais da ASPRUMI. Busquei identificar também como os/as associados/as concebem/percebem os mecanismos e processos de participação social na ASPRUMI.

Eu me organizei, comprei os materiais e fui para a casa de meus pais no dia anterior (a oficina aconteceu no domingo pela manhã). Estava ansiosa. Na noite de sábado, tive que pegar o forno elétrico emprestado de minha tia porque o forno do fogão de lenha estava com defeito. Minha mãe fez o bolo e eu preparei tudo para a manhã seguinte. No domingo, amanheceu chovendo muito, então eu comecei a ficar apreensiva, pois a maior parte dos/as associados/as tem como meio de transporte a motocicleta.

Na manhã de domingo, fiz o cuscuz com coco, minha mãe fez o café, preparei o suco de cacau da plantação de meu pai e fui para a sede da Associação com meu companheiro e meu pai. Ao chegar lá, o Presidente da Associação já tinha deixado o cadeado do portão da sede da Associação aberto, pois tinha ido para um jogo de futebol em um campo que tem próximo à

Associação. Nós nos deparamos com o espaço onde ocorrem as reuniões cheio de água por conta da chuva que não passava. Peguei o rodo e, junto com meu pai e meu companheiro, comecei a tirar a água do espaço. Arrumei a mesa do café, sentei-me em uma cadeira para contemplar a chuva e pedir a Deus que aparecesse alguém para a oficina, mas com o pensamento de que se não aparecesse mais ninguém, pelo menos meu pai já estava lá e eu faria só com ele.

Depois de quase uma hora de espera, ouvi o barulho de um carro chegando na porta. Chegou o segundo participante, porque o primeiro era meu pai. Esperei mais um tempo e falei “Vamos começar!”. O segundo participante então disse “Não, vamos esperar mais um pouco”. Após mais uns minutos, chegou mais um carro, mais um participante para a oficina. Depois, a chuva deu uma pequena trégua e chegaram mais dois participantes de moto. Comecei então a oficina, fazendo as atividades que eu tinha planejado para compreender a história da ASPRUMI.

O Presidente da Associação que estava no futebol chegou um tempo depois, mas não demorou muito pois ele tinha outro compromisso. No total, a oficina aconteceu com 6 pessoas, todos homens, o que me fez refletir e, inclusive, mudar o horário das demais oficinas, visto que algumas mulheres já tinham comentado que no domingo pela manhã é o horário de elas fazerem o almoço, organizar a casa e que era difícil estarem presentes nas oficinas. Os participantes da primeira oficina foram Severino Goma, Teodoro Manipueira, Julival Mandioca Chips, Ernesto Aipim, Raimundo Farinha de mandioca e Amâncio Crueira.

No decorrer da oficina, eu segui o planejamento que havia feito⁶. No primeiro momento, fiz uma dinâmica a fim de promover um momento de interação entre os associados. Digo associados porque só havia homens. Nessa dinâmica eu também objetivava me adaptar ao desafio e me sentir mais tranquila.

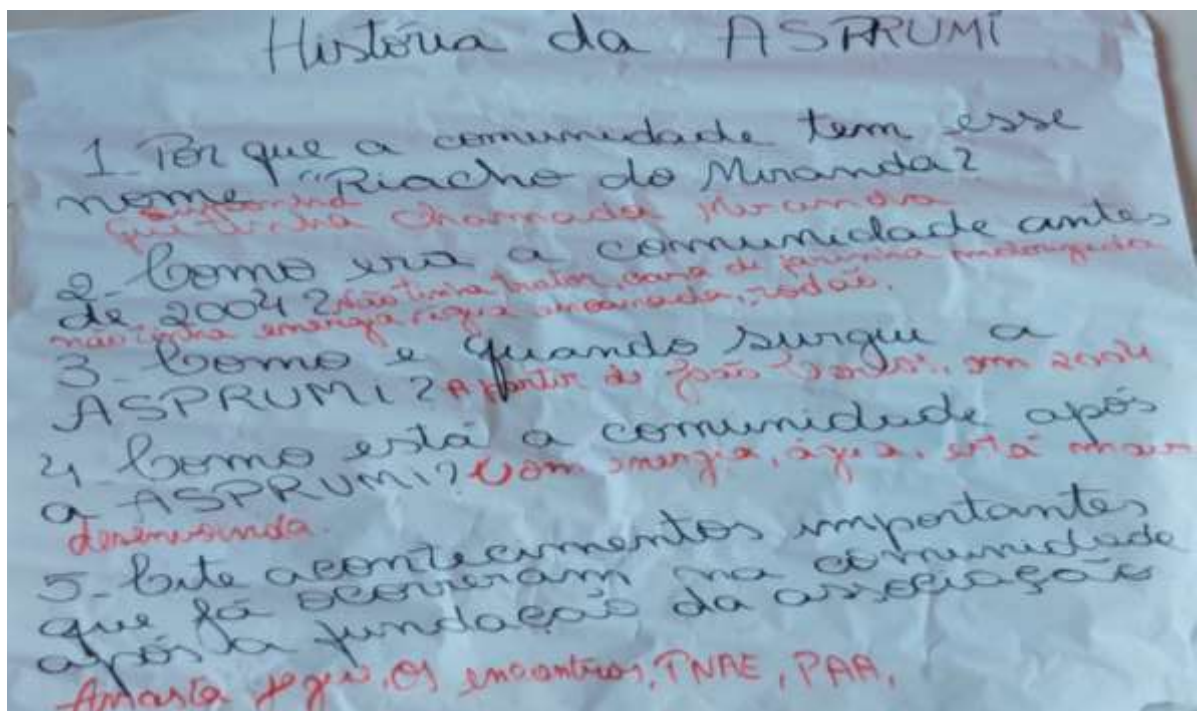
A dinâmica propôs que cada pessoa, ao receber uma folha em branco e uma caneta, escrevesse as respostas para algumas perguntas que eu faria, a saber: Onde você morava na infância? Quem foi (ou é) sua maior inspiração de vida? Qual é o seu lugar preferido? O que você mais gosta de fazer no lugar onde mora? Escreva duas qualidades suas. Após todas as questões serem respondidas, peguei as folhas e comecei a ler uma resposta aleatória, e os demais começaram a tentar descobrir, pelas informações que foram colocadas, quem era o autor daquelas respostas. Foi um momento de muitos risos e descontração, e os participantes puderam conhecer mais um ao outro e eu a eles.

⁶ Ver apêndice B.

O interessante é que em todas as respostas sobre o lugar preferido e o que gostam de fazer onde moram, os participantes relataram como lugar preferido o lugar onde moram, e que gostam de trabalhar com a agricultura. Essa percepção evidencia o sentimento de pertencimento que eles têm ao seu lugar, e o quanto é prazeroso estarem na comunidade do Riacho do Miranda. Há apontamentos interessantes para pensar as identidades e as relações com a comunidade vista como um território de reprodução da vida e produção da existência.

O segundo momento da Oficina teve como objetivo compreender como aconteceu a fundação da ASPRUMI. Iniciei um diálogo com eles com algumas questões que eu tinha anotado no papel metro, eles responderam oralmente as perguntas, e as respostas que mais se repetiam eu ia anotando no papel (**Imagem 12**). As questões nessa atividade foram: Por que a comunidade tem o nome “Riacho do Miranda”? Como era a comunidade antes de 2004? Como e quando surgiu a ASPRUMI? Como está a comunidade após a ASPRUMI? Cite acontecimentos importantes que já ocorreram na comunidade após a fundação da Associação.

Imagem 12: Respostas dos associados sobre a história da ASPRUMI



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A discussão dessa atividade durou bastante tempo. Com relação ao nome da Comunidade, os participantes não sabiam ao certo a origem. Fizeram algumas suposições e a que mais predominou entre eles é de que na Comunidade existiu alguém com o nome Miranda, surgido daí o nome do riacho. A esse respeito, um dos associados falou que:

“Eu não sei não, mas por certo, a intuição é que tinha alguém com o nome Miranda, e um riacho muito frequentado, eu achava que deveria ser isso, que tinha uma fonte, e aí ficou esse nome Riacho do Miranda, esse riacho é o principal, é o cabeça de chave né? Miranda é a pessoa. Um riacho muito preferido pela comunidade, e esse riacho por certo ficava dentro da propriedade desse Miranda” (Julival Mandioca Chips, 2023).

Foram levantadas suposições, e essa foi a aceita por todos, visto que em muitos momentos os nomes de pessoas eram colocados como referência. Outro associado apontou que:

“Quando eu me entendi por gente, fazer como pessoal diz, quando se entendeu por gente, quando eu me entendi por gente já tinha esse nome Riacho do Miranda, e teve outro dia que eu estava olhando meu registro, aí no registro marca que eu fui nascido no Riacho do Miranda e tal, ai desde antes de eu nascer já tinha o nome Riacho do Miranda, agora porque foi esse nome do Miranda, eu não sei” (Severino Goma, 2023).

Conforme o relato de Severino Goma, o nome da comunidade já existe há muito tempo, pois na sua Certidão de Nascimento já constava que ele tinha nascido no Riacho do Miranda. Importa destacar que os registros históricos de uma comunidade são fundamentais. O respeito aos mais velhos e às mais velhas em sua memória constroem essa historicidade como algo a ser valorizado. Compreender essa historicidade ajuda a compreender o percurso e a compor uma interpretação que possa esquadrihar os motivos pelos quais a comunidade elabora as suas relações com o território. Infelizmente, não há nenhum documento que apresente essa historicidade de forma sistematizada.

Ao questionar sobre como era a comunidade antes de 2004, eles fizeram uma longa retrospectiva sobre as suas vidas e a de seus pais, numa comunidade sem energia elétrica, que não tinha água encanada, não tinha trator, todo o trabalho da roça era braçal, não tinha casa de farinha motorizada. Julival Mandioca Chips afirmou que:

“Antes de 2004, se quiser colocar é o seguinte, em um período distante, nós não tínhamos trator, não tínhamos adubo, não vou falar nem de telefone e energia. O primeiro trator aqui foi do filho de Alexandre, casa de farinha não existia, motorizada, a primeira foi a de meu pai. Rodão, não tinha, primeiro rodão que tinha fazia fila, nós saíamos daqui pra levar dendê para o Mingau, com dez, doze animais, ai meu pai comprou um rodão” (Julival Mandioca Chips, 2023).

Essa retrospectiva que ele fez diz respeito à década de 1990, conforme foi pontuado por outro associado que estava presente. Eles falaram sobre as dificuldades enfrentadas na Comunidade em virtude da falta de energia, por terem que se deslocar para as comunidades vizinhas para fazer azeite de dendê. As roças de mandioca eram plantadas, mas perdiam boa parte da plantação porque apodreciam as raízes por não conseguir fazer a farinha no período

certo. Eles relataram também que só tinham duas casas de farinha motorizadas com moinho, uma que era a do pai de Julival Mandioca Chips e a outra em uma comunidade vizinha. Por isso, muitas vezes eles tinham que levar em animais os caroços da farinha para passar no moinho em uma dessas casas de farinha, para depois retornar e misturar os caroços triturados com a farinha que tinha ficado peneirada. A processualidade do beneficiamento da mandioca e produção de farinha eram profundamente impactados pela falta de energia elétrica na Comunidade.

Outro fato que acontecia na comunidade, e eu lembro que meus avós e meus tios sempre contaram, é que para vender seus produtos eles precisavam se deslocar da Comunidade para ir para Nazaré ou Santo Antônio de Jesus com os produtos em animais, sendo que eram mais frequentes as idas para Nazaré, por ser mais perto e porque na época o comércio de Nazaré era mais forte. Um dos associados relatou que:

“A gente comercializava os produtos em Nazaré, Nazaré das Farinhas e Santo Antônio de Jesus, mas, a cidade de venda e compra era Nazaré, eu estava com oito anos de idade quando eu comecei acompanhar meu pai para Nazaré das farinhas, a gente ia de pé e com a carga de azeite, farinha e abacaxi, ia de pé e quando vinha, vinha montado, eu ia parando nas estradas com uma dor nas pernas, ai naquele tempo atrasado, meu pai: vamos menino, vamos em frente, ai andava ligeiro, até que chegava lá em Nazaré, e quando vinha era montado. Ai pra Santo Antônio era raramente, raramente pra Santo Antônio, porque pra Nazaré a gente levava seis horas de viagem, e pra Santo Antônio era oito horas de viagem. As estradas eram ruim, quando passava na estrada os panacuns dos animais iam ralando nos paredão de um lado e de outro, e quando estava chovendo os animais andava com os pés no lugar chamado degrau, por dentro do degrau, e quando tava estiado ia andando por cima dos degraus, era dessa forma assim” (Raimundo Farinha de Mandioca).

Eles relataram sobre as dificuldades enfrentadas no trajeto até chegar no local para vender seus produtos, quando andavam quilômetros a pé com os burros que levavam as mercadorias. O caminho era apertado, a dificuldade maior era quando estava chovendo, pois o caminho era cheio de valetas com declividades que dificultavam a passagem dos animais. Na volta para casa, eles aproveitavam para irem montados nos animais. Fica nítido que, mesmo que estivessem em grupos, cada pessoa vivenciava dificuldades (deslocamento, organização das atividades de produção, gestão da renda). Essa construção refletiu diretamente na criação da Associação.

Nesse sentido, eles lembraram sobre o momento da fundação da ASPRUMI. Segundo eles, a ideia do associativismo na Comunidade surgiu após a chegada de um novo morador que incentivou a fundação de uma Associação. A esse respeito, um participante da oficina lembrou que:

“A Associação surgiu depois que Damião Maniçoba o pai de Amâncio Crueira, ele chegou aqui na comunidade, ele comprou um sítio ali e aí a gente nem tinha conhecimento sobre o que é Associação, ouvia falar, eu ouvia falar, mas não tinha conhecimento e nem me interessava a participar, mesmo porque não tinha ninguém que interessasse aqui, e aí Damião Maniçoba chegou e começou a articular esse movimento de associativismo, e foi lá e me convidou, bora formar uma Associação? eu falei bora, eu não sabia nem o que era isso, só ouvia falar, mas não entendia o significado, aí foi na casa de Tadeu Maniva e outras pessoas, Raimundo Farinha de Mandioca também, Manoel “é noi”, e outras pessoas, e aí formou a Associação, e aí ficou dando exemplos de outras comunidades que através da Associação vinha benefícios para a comunidade, de projetos, e aí foi quando formou a Associação aqui na comunidade” (Ernesto Aipim, 2023).

Os moradores da Comunidade desconheciam a importância do associativismo. O novo morador, que vinha de Salvador, começou a falar de exemplos de outras comunidades que tinham Associação e os benefícios alcançados por intermédio delas. Os participantes da oficina relataram que as primeiras reuniões eram realizadas nas casas de pessoas da Comunidade, o que aconteceu até conseguirem a doação do terreno para a construção da sede da Associação. Nesse momento da oficina, eu trouxe um dado percebido por mim na pesquisa documental, que revela que a Associação foi fundada somente por homens. Ao serem indagados sobre isso, um deles apontou que:

“Eu acho que foi porque, a gente quando se reuniu para formar a Associação, como só foram os homens que foram convidados, no caso de formação, pra formar a Associação, foi pra ter uma conversa entre os homens para dizer vamos formar uma Associação, aí não convidou as mulheres porque era só uma conversa mesmo, pra ver se o pessoal interessava ou não interessava e aí pronto, a gente se interessou e acho que por esse motivo que as mulheres não foram convidadas, foi convidado os homens somente para ter uma conversa, mas não era pra ser definitivamente. ... quer dizer, apesar que foi Damião Maniçoba que formou, mas eu acho que porque, assim, ele não tinha certeza que o povo ia querer, aí chamou os homens para ver se os homens se interessava, mas para a primeira reunião todo mundo foi convidado, todo mundo da comunidade foi convidado, homens, mulheres e todo mundo” (Ernesto Aipim, 2023).

Percebo que há uma contradição no que ele falou. Se realmente as mulheres foram convidadas ou não para a fundação da Associação, esse fato evidencia que a Associação foi formada eminentemente por homens, e as mulheres só começaram a participar depois. Ele pontua que a Associação surgiu após uma conversa entre esses homens, e que posteriormente as mulheres foram convidadas a participar.

Ainda sobre essa questão, um dos participantes falou que foi preconceito ter excluído as mulheres. Segundo ele, há um tempo, existia muito preconceito contra as mulheres. Podemos refletir que pode ter sido pelo fato de que as mulheres ocupavam e ainda ocupam o papel de assumir as responsabilidades de casa. É provável que as mulheres estivessem presentes, mas

estavam na cozinha fazendo o café, o lanche para ser servido aos participantes da reunião, participando na escuta das conversas sem ter a oportunidade de se manifestar.

Em seguida, aproveitando a atividade anterior, fiz, juntamente com os associados, um quadro comparativo do antes e depois da ASPRUMI. O objetivo foi identificar se houve mudanças na Comunidade a partir da Associação. Nessa tarefa, a partir das falas de cada associado, foi elaborado o seguinte quadro comparativo (**Quadro 3**):

Quadro 3: Quadro comparativo do antes e depois da ASPRUMI

Antes da ASPRUMI	Depois da ASPRUMI
Comunidade subdesenvolvida; Não tinha energia elétrica; Não tinha água encanada; Não tinha internet; Não tinha a igreja católica; O transporte humano e de carga era feito por animais.	Sinal de internet; Água encanada; Energia elétrica; Técnicos de ATER; Análise de solo; Cursos; Carros; Trator da Associação.

Fonte: Elaborado pela autora com base na pesquisa de campo, 2023.

Os associados presentes fizeram uma retrospectiva sobre a Comunidade do Riacho de Miranda. Segundo eles, antes da ASPRUMI a Comunidade não tinha um nome definido, eram sempre citadas comunidades próximas: quando referenciavam a Comunidade, falavam sobre o lugar que ficava próximo à Ponte de Terra, Quilombo, Macaco. O nome Riacho do Miranda só veio se concretizar depois da ASPRUMI. Falaram também sobre as dificuldades enfrentadas pelos moradores da Comunidade. Foi um momento de bastante diálogo e reflexão sobre o lugar de cada um, as suas vivências, suas lutas diárias e de seus familiares. Pude perceber nas narrativas sobre a importância da família de cada um deles.

Ao falar sobre o antes e depois da Associação, Julival Mandioca Chips falou que:

“Existem duas fases na comunidade, uma antes e outra pós a Associação, que contribuiu muito para o desenvolvimento da comunidade. Eu sou um recém chegado na Associação, mas eu sei das dificuldades que nós tínhamos antes e o quanto essa Associação tem contribuído para o desenvolvimento da comunidade, a gente sabia lá coisa de Associação, de projeto de governo, ninguém tinha conhecimento disso não, e isso tem acontecido por conta da Associação, como energia, a água encanada que foi por conta da Associação, a internet foi pela Associação também, e a Associação tem sido um veículo importante para a comunidade” (Julival Mandioca Chips, 2023).

Observa-se que há uma discussão sobre a importância da coletividade, pois através do associativismo as pessoas da Comunidade do Riacho do Miranda puderam acessar estruturas fundamentais para o bem-estar de seus moradores, tais como a energia elétrica, a água encanada e o sinal de internet que facilitou a comunicação com pessoas de outros lugares.

Ao fazer uma retrospectiva sobre a Comunidade quando ainda viviam sem energia elétrica, os participantes da oficina relataram sobre como eram realizadas suas atividades. Um deles falou que:

“Antes da energia, as vezes a gente ficava de noite olhando a lua, olhava as estrelas, contava histórias. Ai via aqueles aviõezinhos pequenininho lá no céu. Nas noites de lua cheia a gente esperando a lua sair, andava no escuro, não tinha moto, bicicleta, nada, quem tinha dinheiro tinha uma bicicleta quem não tinha andava de pé no escuro pra fazer as atividades, luz de candeeiro, torrava farinha na luz de candeeiro também, essas coisas assim” (Ernesto Aipim, 2023).

Ao relatar sobre a Comunidade sem energia, eles falaram sobre os diversos desafios enfrentados e lembraram da luz de candeeiro, que era a forma utilizada para iluminar as casas. No depoimento, o associado também lembrou de quando ia às madrugadas para a casa de farinha torrar farinha. Por não ter energia elétrica, eles utilizavam a luz de candeeiro, o que tornava o processo de torrar a farinha bem mais complexo.

No entanto, ficou nítido também que os associados que participaram da primeira oficina falaram muito sobre os benefícios pessoais adquiridos com a ASPRUMI, e em muitos momentos eles falavam sobre os cursos que foram ofertados por intermédio da Associação:

“Vários cursos que a gente aprendeu a cultivar mandioca, dendê, cacau, fazer bolo, beiju, foi através da Associação que veio os cursos, que a gente praticamos, e produção da gente foi aumentando, a gente foi aprendendo como é que trabalha, clonar, essas coisas, a gente aprendeu através da Associação, que veio o professor lá de Valença, só não aprendeu quem não se interessou, mas quem se interessou aprendeu, então, a gente aumentou a produção das coisas, através da Associação” (Severino Goma, 2023).

Os associados apontaram os cursos como um elemento importante na ASPRUMI, pois, através deles, aprenderam a diversificar as suas plantações e a trabalhar com o cacau. Então, em muitos momentos, a sensação que eu tinha é que eles se interessavam pela Associação pelos benefícios individuais que ela proporcionava, e não na ação coletiva que deveria ser o foco principal.

Além dos cursos que foram citados no decorrer da oficina, ao refletirem sobre o depois da Associação, os participantes da oficina falaram sobre a importância da participação no Conselho Municipal de Saúde, afirmando que:

“A Associação aqui fez e faz parte do conselho municipal de saúde de Jaguaripe, através da Associação de fazer parte do conselho de saúde ai a gente cobrar, porque as outras comunidades as vezes não falava, eu, Ailton, João Carlos também já fez, porque o município de Jaguaripe não tem um hospital pra atender o povo do próprio município, quando a gente ia pra outro município, o município de Santo Antônio de Jesus ou de Nazaré, dizia assim não atende porque é de outro município, ai a gente começou a cobrar no conselho de saúde um hospital pro município, ai lá a secretária de saúde dizia que não adianta fazer um hospital no município e não manter, fazer é fácil, agora a manutenção é que é o problema, como Nazaré já tava fechando as portas, um tempo atrás que tava fechando, Santo Antônio, o hospital Luiz Argolo também tava pra fechar as portas, e como é que faz um hospital aqui no município e depois deixar fechar? Não adianta, é melhor, eles lá a secretaria de saúde ajudar no convênio, e botar o carro de saúde aqui no município pra levar pra lá do que fazer um hospital aqui, ai sempre a gente falando, o que foi que aconteceu? aí começou a colocar carro de saúde nas comunidades, depois, começou a colocar posto de saúde em cada comunidade, ai falou assim, e porque não aproveitar um posto de saúde e fazer um hospital no próprio município? ai a própria secretária de saúde falou assim, não, os postos de saúde não tem tanta exigência como tem um hospital, tantas coisas que precisa para ter em um hospital, e os postos de saúde pra ficar aberto durante o dia, ter carro de saúde em frente aos postos de saúde nas comunidades, as emergências ir pra os postos de saúde ir para os postos de saúde do município, e se não tiver como resolver aqueles casos, já tem os carros de saúde pra levar para os hospitais, e assim se fez” (Ernesto Aipim, 2023).

Na fala de Ernesto Aipim, é possível ver que, através da participação no Conselho Municipal de Saúde, ele sugeriu que fossem colocados carros da saúde nas comunidades. A colocação desses carros acontece da seguinte forma: em cada comunidade do município de Jaguaripe, tem um motorista com um carro disponível vinte e quatro horas para alguma situação de emergência de saúde, tendo em vista que é difícil o acesso do Serviço Móvel de Urgência-SAMU a essas localidades.

O SAMU só é acionado em casos de acidentes graves, do contrário, os motoristas dos carros de saúde são acionados para levar a pessoa que está passando mal para o hospital mais próximo. No momento da reunião do Conselho, houve também uma ideia de implementar um local de pronto atendimento no município de Jaguaripe, mas a ideia dos carros de saúde foi a que prevaleceu e está até os dias atuais. Em cada comunidade tem um carro da saúde, e caso uma pessoa precise de atendimentos médicos, ela liga para o motorista e ele leva o paciente até o hospital. Em casos mais simples, o paciente é encaminhado para o hospital de Nazaré, e em caso mais complexos, para o Hospital Regional de Santo Antônio de Jesus.

Percebi, então, que a APRUMI estabelece relações com outras entidades, e que a atuação é de grande importância não somente para os associados, mas para a Comunidade como um

todo. Quando eu perguntei como está hoje a participação no Conselho de Saúde, o atual representante da ASPRUMI no Conselho estava presente na oficina e falou:

“Eu tô participando nada, tô relaxado. Porque o seguinte, o conselho de saúde, deixa quieto... Viu irmão Zé, desculpe... respeitando o tempo que você foi. Mas é uma fantasia, apenas uma carta marcada que você levanta a mão e acabou, então não adianta você dizer não, porque tem muita gente que só bate palma” (Julival Mandioca Chips, 2023).

O atual representante da ASPRUMI no Conselho de Saúde, acredita que não é relevante participar do Conselho. Para ele, tudo é “carta marcada”. Ele deixa de perceber a importância de sua participação, do seu poder de fala nos espaços de decisão e do seu lugar de mediação nas informações/decisões entre o Conselho e a Comunidade. A discussão a esse respeito seguiu entre os participantes da oficina. Foi pontuado pelos demais associados que o pessoal da Secretaria de Saúde já comentou sobre as ausências da Associação no Conselho. Um dos presentes que também já participou do Conselho quis reafirmar a importância de participar. Ele trouxe um relato de sua experiência, afirmando que:

“Uma certa vez eu estava em uma reunião e uma palavra que eu falei fez efeito, teve uma vez que eu estava lá, a secretaria de saúde queria levar policial pra impedir que umas pessoas que tem fazenda perto da ilha, pra não levar carne de boi clandestina, até as pessoas que tava na reunião, que faz parte do conselho, disse oh secretária, como é que vai punir esse rapaz de trazer carne pra aqui, se os animais são sadios, a gente conhece a fazenda, conhece o proprietário, como é que vai punir dessa fora que você tá dizendo? eu não acho certo não, aí ela disse, não, mas tem que punir, com justiça pra punir, o que eu falei, é o seguinte, eu não acho de acordo levar uma fiscalização pra punir de uma vez só, até mesmo levar polícia, pra punir o fazendeiro, o que eu acho, é ir lá, conversar com o rapaz, pra dizer que não pode, que antigamente, o costume do pessoal do passado era abater animal nas fazendas e levar, então primeiro tem que avisar, mas levar uma justiça pra acusar a pessoa não, isso não tá certo, porque na minha comunidade também era assim, tinha açougue, mas depois que a pessoa vai tendo conhecimento para, aí dessa forma eu não acho de acordo não, aí as pessoas que tava tudo na reunião, ficaram todo mundo quieto e disseram, tá certo, e parou e passou pra outro assunto, então eu acho assim que a gente estava fazendo parte do conselho, a gente tem que falar, e tem coisa que a gente fala que faz efeito” (Raimundo Farinha de Mandioca, 2023).

Esse exemplo citado por Raimundo mostra a importância da sua participação nas reuniões do Conselho. Ele cita o abate ilegal da carne bovina como uma forma de mostrar que sua opinião foi ouvida, que ele teve sua voz escutada e que não foi meramente levantar a mão para opinar, mas que ele pôde, através de sua opinião, mudar a forma de fiscalização nos locais

que era preciso ir. Ele quis mostrar a importância da coletividade, que é importante estar nesses espaços de decisão.

Na imagem abaixo (**Imagem 13**), é possível visualizar como foi esse primeiro encontro que tivemos. Para mim foi um grande aprendizado, pois lembrar a história da Comunidade é emocionante. Saber sobre os desafios enfrentados pelos meus avós, meus pais, meus tios e conhecidos da Comunidade é um meio para que eu possa ter maior compreensão sobre mim mesma hoje e sobre a ASPRUMI.

Imagem 13: Realização da primeira oficina na ASPRUMI



Fonte: Arquivo pessoal, pesquisa de campo, 2023.

A presença desses seis homens na minha primeira oficina me fez questionar várias coisas. Será que foi o horário que marquei que não ficou bom para as mulheres, como algumas me sinalizaram? Será que foi a chuva que fez com que as mulheres não fossem, pois talvez os homens exerçam o papel de dirigir carros? Como me comportar, o que falar para esses homens? Não me senti incomodada, mas me questionando se eu me sentia bem em estar presente ali porque meu companheiro estava comigo tirando as fotos, meu pai era um dos participantes e meus tios estavam presentes. Só tinha dois associados com os quais que eu não mantinha muito contato.

Dando continuidade na oficina, os participantes falaram sobre o espaço que foi deixado entre a Igreja e a Associação, que seria um espaço coletivo para a realização de eventos tanto da Igreja quanto da Associação, no entanto, não foi bem assim que aconteceu. Um dos participantes falou que:

“Esse espaço que está dividido ai, pra lá faz parte da igreja mesmo, em documento, é porque assim, essa área toda aqui foi doada pra igreja e pra Associação, mas só que dois documentos, dividiu um documento pra igreja e

um documento para a Associação, como o povo da Associação e da igreja eram os mesmos ai esse espaço aqui foi deixado para fazer evento, depois por algum motivo ai dividiu, mais pra lá ficou no próprio documento da igreja, ai onde tá a parede e pra cá ficou o espaço da Associação, cada um tem seu documento” (Ernesto Aipim, 2023).

Conforme citado acima, na doação do terreno foram feitos dois documentos: um para a sede da Associação e outro para a Igreja, mas, segundo o que Ernesto falou, quando a Igreja recebeu o documento, ele ficou na Casa Paroquial da Igreja Católica, localizada na cidade de Nazaré. Tempos depois, o padre foi procurar esse documento na Casa Paroquial, mas não o encontrou, por isso precisaram refazer o documento, e precisaram da assinatura do doador do terreno.

Ao irem até o doador do terreno, ele falou que só assinaria se fizesse a divisão da área da Igreja e da Associação, pois ele estava insatisfeito com algumas questões da Associação. Esses motivos não foram revelados por ninguém durante a oficina. Ernesto continuou sua fala dizendo que:

“Por alguns motivos tio Bem disse que não queria dar mais o documento, ele disse assim, eu dou o documento, outra assinatura, se dividir o espaço pra o da igreja ficar pra igreja mesmo. falou, não pode uma igreja ficar sem documento, porque se ficar sem documento não é igreja, só é uma casa normal, quer dizer, a igreja somos nós, mas sem documento não vai servir pra nada, ai a gente foi lá e conversou com tio Bem, ai ele disse, não, se fizer a divisão eu dou o documento, se não fizer... ai foi por isso que a gente teve que dividir” (Ernesto Aipim, 2023).

Dessa forma, para que a Igreja conseguisse a assinatura, fizeram a construção de uma parede dividindo o espaço que antes era coletivo, ficando de um lado a Associação e de outro a Igreja, conforme visto na imagem abaixo. No meio está o muro, fazendo a divisão do espaço da ASPRUMI e da Igreja.

Imagem 14: Divisão do espaço da igreja e da Associação



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Nesse sentido, o território é estabelecido a partir das interações sociais, sejam elas semelhantes ou diferentes, pacíficas ou conflituosas. É onde as relações de poder são estabelecidas, as identidades são formadas, é o conjunto das relações naturais, econômicas, políticas e culturais que não são estáticas, mas se transformam no decorrer do tempo, “a relação espaço-tempo é produto, acompanha e condiciona os fenômenos e processos territoriais” (Saquet, 2013, p.24). O processo de construção do território é constituído por um movimento histórico e processual.

Ainda durante a oficina, elaborei, juntamente com os associados, uma matriz SWOT, levando em consideração, as forças, fraquezas, ameaças e oportunidades da Associação. Para essa atividade, dividi os associados em dois grupos e dei para eles em um papel contendo um quadro com divisão de cada item, e eles, em diálogo, pensaram sobre as fraquezas, as forças, as ameaças e as oportunidades. Em seguida, eles compartilharam suas respostas e chegaram em consenso sobre o que colocar no quadro que estava na parede. Eles iam falando o que achavam sobre cada um. Houve momentos de concordância, outros de discordância, mas no final sempre chegavam em uma conclusão do que colocar (**Imagem 15**).

Imagem 15: Elaboração da Matriz SWOT na primeira oficina na ASPRUMI



Fonte: Trabalho de campo, Arquivo pessoal, 2023.

No decorrer da atividade, um grupo colocou a união como força e o outro como fraqueza, então eu comecei a questioná-los sobre essa união, e um deles apontou que:

“A fraqueza nossa aqui foi coisa básica, a fraqueza é a união do fortalecimento da comunidade à Associação de forma geral. Ou seja, nós achamos que a comunidade devia se unir mais para fortalecer a Associação de um modo geral, que não tem, você vê que nós temos uma comunidade grande mas o povo não se envolve” (Julival Mandioca Chips, 2023).

Outro associado continuou a discussão falando que *“União como força, e a gente precisa de união para que tenha força, e a fraqueza é porque precisa se reunir mais, porque precisa melhorar mais”* (Ernesto Aipim, 2023). Mesmo não ficando totalmente alinhada à opinião dos participantes da oficina, entendo que eles acreditam que a união é uma força que deveria ser mais praticada, visto que se trata de uma Comunidade com muitos moradores onde não há uma aderência tão grande das pessoas ao associativismo. Então, eles acreditam que para que o associativismo aconteça de fato na Associação, é preciso ter união.

O outro grupo pontou como fraqueza a pouca participação. Questionei então sobre o que eles achavam que é necessário ser feito para que aconteça uma melhor participação. Eles afirmaram que deveria ter mais atratividades na Associação. Um dos participantes que gostava de utilizar metáforas, fez um comparativo entre a Associação e um supermercado, afirmando que:

“É preciso fazer algumas mudanças, assim como num supermercado, numa loja, quando vai ficando a falência, eles mudam algumas coisas pra fortalecer, eu acho que tem que mudar algumas coisas para se fortalecer, no meu pensamento tá por aí. Falta participação, mas mudar algumas coisas na própria Associação pra que fortaleça, por exemplo assim, é como se a gente tivesse uma aliança e quebrasse, e a gente levar pra reformar, pra ficar toda certinha, então eu acho que precisa de uma reforma de uma forma criativa”

para que a Associação seja renovada e se fortaleça, eu não vou falar diretamente, mas tô falando indiretamente” (Raimundo Farinha de Mandioca, 2023).

Ao citar um supermercado, ele falou que, para atrair os consumidores, é preciso fazer readequações, fazendo esse paralelo com a Associação, de que a Associação precisa de mudanças. No entanto ele não expôs quais seriam essas mudanças. Eu o questionei sobre essas mudanças e ele falou que seriam mudanças na própria sede da Associação, na organização, na limpeza. Essa questão foi apresentada em diversos momentos. A sede da Associação estava sempre muito bagunçada, mas eles, como associados, atribuem ao outro, principalmente à gestão, o ato de manter a sede limpa, sendo que, no meu entendimento, é algo que deve ser realizado por todos.

Quando perguntei sobre o item Ameaças da matriz SWOT, um dos grupos falou que a ameaça da Associação é não ter um novo Presidente na próxima eleição. Eles enfatizaram que as pessoas não querem assumir um cargo. Ao perguntar se todos concordavam com essa ameaça, um dos participantes falou que não concordava, dizendo que *“eu não concordo muito não porque essa presidência está entrelaçada entre família, pode ser problema no desenvolvimento, mas na presidência não”* (Julival Mandioca Chips, 2023). Ao afirmar que a presidência está entre famílias, eles atrelam a dinâmica da presidência ao fato de que quem antecedeu o atual presidente foi o pai dele. Houve então uma discussão entre os participantes da oficina, e um deles falou que o atual presidente está no cargo porque no dia da eleição não teve ninguém que se interessasse. Ele estava na casa dele e foi chamado para a reunião de eleição para fazer a votação.

Eu me lembro desse dia da eleição. Eu ocupava a atividade de secretária da ASPRUMI, e foi nesse dia que eu deixei o cargo. Na reunião, ninguém se disponibilizou a ser presidente, e alguns falaram sobre o desejo que eles tinham que o filho do Presidente anterior assumisse o cargo. O então presidente questionou se era esse o desejo dos/as associados/as, e eles falaram que sim. Então, ligaram para o atual Presidente pedindo que ele fosse para a reunião que estava acontecendo. Não demorou muito ele chegou e fizeram a votação, e então ele se tornou o Presidente até a data desta pesquisa. Nesse dia também foi escolhida a nova secretária, uma jovem, mas um período depois ela entregou o cargo por motivos pessoais. Foi então realizada uma reunião para a eleição de uma nova secretária, e nessa reunião minha irmã foi escolhida para atuar na secretaria da ASPRUMI.

No entanto, na oficina, o participante Julival Mandioca Chips contesta essa escolha do atual Presidente afirmando que que já existia uma “carta marcada”. Ele afirmou que:

“Foi uma carta carimbada e reconhecida firma e registrado em cartório isso aí, não foi porque não quiseram não, foi porque já estava registrado em cartório, se tivesse um concorrente acho que não ia votar nunca, porque a carta já estava marcada, pelo andar da carruagem e pelo desenvolvimento da reunião creio que não teria outro caminho não, como não vai ter agora, porque é o seguinte o nosso presidente não é um cara ruim, eu bato palmas pra ele, eu não faria de jeito nenhum o que ele faz, não tenho condição, não digo de conhecimento, porque conhecimento se adquire, mas de tempo, de disponibilidade, entendeu? de fazer o que ele faz, não faço não, porque nós estamos com o presidente certo, um cara desocupado, não é funcionário, tem tempo, ele se mete mas é dele pra ele, e acabou e dele mesmo” (Julival Mandioca Chips, 2023).

Para Julival Mandioca Chips, a escolha do atual Presidente não foi algo aleatório, mas planejado entre a família. Na oficina, um dos participantes considerou como uma ameaça não ter um sucessor para o atual Presidente nas próximas eleições, mas Julival Mandioca Chips acredita que não é uma ameaça a eleição para Presidente, pois segundo ele, tem pessoas dentro do círculo da Associação que vão seguindo e teriam a capacidade de assumir esses cargos da gestão. Fica evidente em sua fala que o Presidente não tem pensado coletivamente, mas sim nele mesmo. O participante da oficina falou que ele não tem esse perfil de fazer parte da direção da associação, mas que tem outras pessoas que tem. Ele continuou:

*“Agora é o seguinte, se você fizer a seguinte colocação, que para o melhor desenvolvimento da **Associação** teria que ter um outro, aí eu concordo contigo, ter uma outra cabeça, um outro pensamento, um outro sangue, aí sim, essa pessoa tá difícil de se encontrar, mas pela escassez da presidência, não, talvez não tenha um presidente para sair desse ciclo vicioso, uma pessoa que queira assumir para sair do círculo vicioso, eu estou sendo claro? talvez eu não tenha essa pessoa que queira assumir para que o círculo vicioso seja desfeito, mas que vai faltar presidente não vai, vai faltar pessoas que queiram assumir, com uma outra metodologia, um outro perfil, um outro caminho, uma outra demanda, quem é essa pessoa, é você? não, não sou eu, porque eu acho que eles são melhores do que eu, mas falta? falta, precisa ter, mais não tem” (Julival Mandioca Chips, 2023).*

Percebo, através da fala dele, que há um incômodo com a gestão atual, e que é preciso ter outras pessoas que assumam a gestão. Ele acredita que não faltarão pessoas para assumir a liderança, pessoas que tenham outra forma de gestão e que estejam dispostas a assumir uma responsabilidade de dar uma nova dimensão para a ASPRUMI. No entanto, ele continuou afirmando que ele não seria a melhor pessoa para isso, então o que observo é que há o desejo de que a Associação mude, mas sempre a partir do outro, há uma interdependência entre eles, de que a mudança precisa vir do outro. Esse tipo de imaginário cria uma territorialidade da desconfiança, da assimilação da passividade e da cobrança (apenas) ao gestor.

Dessa forma, eles chegaram ao consenso de que uma ameaça da ASPRUMI é o desinteresse, sobretudo da Comunidade para com a Associação, e não somente o desinteresse por parte da gestão. Um deles relatou que

“... a comunidade em geral as pessoas participam mais por interesse em alguma coisa para a própria pessoa, ai pronto, quando aquele benefício chega ali já terminou o interesse, não tem mais interesse, por exemplo, água, água, água, ai chegou a água, as pessoas que vinham participar das reuniões por causa da água, ai quando chegou se afastou, antes era a luz, a luz, ai todo mundo vinha, muita gente, a luz chegou, sumiu, ai não tem mais o interesse, ai quando chega aquele benefício que a pessoa que a pessoa recebe, ai cai fora, ai vai ficar esperando outra oportunidade para se aparecer, por isso que eu não acho que seja uma falta de atrativo para as pessoas vim, porque ah é o atrativo, eles vêm pra ser beneficiado daquele atrativo, ai se beneficiou, saiu fora” (Ernesto Aipim, 2023).

Ele fez a observação de que as pessoas participam por interesse, quando vai um programa, um benefício para os associados, há um aumento no número de participantes. Quando não há benefícios objetivos, esse número cai, e assim há sempre uma participação por interesses individuais.

No final da atividade dentro da oficina, depois de muitas discussões, elaboramos a matriz SWOT (**Quadro 4**). A partir dessa tarefa, foi possível observar quais são os pontos fortes e fracos da ASPRUMI a partir da percepção dos associados que estavam presentes. Elas estão descritas abaixo:

QUADRO 4: Matriz SWOT elaborado pelos associados

FORÇAS Preparar a comunidade para um bom desenvolvimento União e os benefícios que a ASPRUMI trouxe	FRAQUEZAS Fortalecer a união Pouca participação por falta de atratividade na comunidade
OPORTUNIDADES Comercializar os produtos Visitas dos técnicos Cursos PAA PNAE Feiras criativas	AMEAÇAS Desinteresse da comunidade para com a Associação proveniente da falta de compromisso dos gestores para com a Associação

Fonte: Elaborado pela autora com base na pesquisa de campo, 2023.

Conforme observado no Quadro acima, com base em todas as discussões realizadas entre os associados que estavam participando da oficina, percebe-se que eles veem a Associação como uma excelente oportunidade para a implementação das políticas públicas, o

que facilita o escoamento de sua produção, as visitas dos técnicos que promovem a eles novas técnicas de plantio, mas que é uma Associação que não está isenta de fraquezas, como a pouca participação, a união que está fragilizada e descreveram que a principal ameaça está no desinteresse da Comunidade para com a Associação. Segundo eles, isso se deve à falta de compromisso da gestão para com a Associação.

A oficina foi um momento muito importante para mim. Fiquei muito feliz com a presença de cada um. Eu achei a oficina bem prazerosa, foi um bate-papo muito importante, deixei minhas inseguranças, meus medos e a apreensão e fizemos um momento bastante enriquecedor, tanto para mim, quanto para eles. Um deles enfatizou a importância desses momentos na Associação afirmando que

“Eu gosto da Associação, não só pela questão financeira, esses bate papo assim eu gosto, não só pra ganhar dinheiro, mas eu gosto que no passado eu já participei de uma Associação na Imbiara, e esses momentos assim eu gosto, porque se a gente, ou que seja da cidade ou da zona rural, se a gente ficar só de casa pro trabalho e não tiver esses momentos... a gente que já é leigo se não tiver esses momentos, esses aprendizados, porque isso é um aprendizado pra mim” (Raimundo Farinha de Mandioca, 2023).

Ele enfatiza a importância desses momentos, para ele um momento de aprendizado, pois ele acredita que eles não devem ficar somente do trabalho da roça para a casa, mas que esses encontros são importantes para a sua formação. Ele fala também sobre já ter participado de outra Associação em uma comunidade vizinha e destaca que gosta da Associação não somente pelos recursos financeiros que ela pode oferecer, mas sim pelo conhecimento adquirido.

Encerrei a primeira oficina com o sentimento de gratidão, de que deu certo, aconteceu, mesmo com todos os medos que eu estava. Acredito ter cumprido os objetivos propostos na oficina, e deixei combinado com eles que teríamos a próxima oficina no início do mês seguinte.

Ao analisar o transcorrer da primeira oficina, pudemos refletir sobre a história da ASPRUMI e suas relações com o território já estabelecido, um território marcado pelo parentesco. Pode-se concluir também que o individualismo é uma consequência de uma origem histórica baseada na intenção de solucionar problemas estruturais da Comunidade, e não de reunir esforços pela conquista do bem comum. É preciso considerar também as relações familiares que são estabelecidas dentro da Associação como algo que em muitos momentos se sobrepõe à ação comunitária. Comerford (2003, p. 117) faz uma análise sobre essas relações, afirmando que

Uma das dimensões da vida em família é, portanto, a constante representação (no sentido dramático) de noções de união, solidariedade, de autoridade,

de ordem, de hierarquia, e também de igualitarismo. Não por acaso, nas mais variadas circunstâncias, ao se refletir sobre alguma forma de relação social, se recorre a frases da série “como uma família”, “como um pai”, “como uma mãe”, “como irmãos”. A densidade e diversidade de relações que constituem esse microuniverso e o seu caráter naturalizado e consagrado, bem como a importância da experiência desse modelo e de suas modulações como dimensão de processos de subjetivação, dão margem para a sua reapropriação como modelo, em esferas e circunstâncias as mais variadas.

Nesse sentido, assim como as relações estabelecidas em uma família, as territorialidades da ASPRUMI se configuram nas subjetividades, na apropriação desse modelo exercido nas famílias baseadas na união, solidariedade, autoridade e hierarquia que podem ser percebidas no contexto do associativismo que é praticado pela ASPRUMI.

Pudemos refletir também sobre o que foi colocado na matriz SWOT e pensar nas estratégias que a ASPRUMI pode desenvolver para promover, dentro de um contexto territorial, elementos que sejam pertinentes para a renovação do interesse dos/as associados/as e demais pessoas da comunidade pelo associativismo, seja através da busca de novas parcerias, ou da identificação de novas demandas para que sejam mobilizadas.

O que fica de reflexão é que a ASPRUMI possui uma longa história que é muito bem lembrada por todos/as, mas que precisa se reinventar enquanto grupo nas suas relações sociais, pois isto é fundamental para a construção das territorialidades e para a construção da identidade e reorganização da vida em comunidade.

3.2. AS TERRITORIALIDADES DA ASPRUMI: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS

Segundo Saquet (2015, p. 31), as territorialidades são construídas a partir das relações humanas: “o território é resultado do processo de territorialização e das territorialidades vividas por cada grupo social em cada relação espaço-tempo”. Nesse sentido, o território é moldado tanto pelas ações humanas quanto pelas condições geográficas e históricas, pois a territorialização enfatiza como os grupos sociais atribuem significados e estabelecem relações de poder em determinados espaços, influenciando a configuração do território, enquanto as territorialidades vividas dizem respeito as experiências cotidianas dos diversos grupos sociais em seus respectivos espaço-tempo. Saquet (2015, p. 33) ainda afirma que

A territorialidade (humana) significa relações de poder, econômicas, políticas e culturais; diferenças, identidades e representações; apropriações, domínios demarcações e controles; interações orais e organização política, que

envolvem, evidentemente, as apropriações, as técnicas e tecnologias, a preservação, o manejo, os pertencimentos, etc.

Nesse sentido, as territorialidades são efetivadas a partir das relações que são estabelecidas nos diferentes espaços, seja na família, na Associação, no bairro. Essas relações podem acontecer das mais variadas formas e são constituintes das territorialidades, levando em consideração que essas territorialidades variam de acordo com o espaço-tempo, alterando também o território.

Pensando nas territorialidades vivenciadas pela ASPRUMI foi planejada a segunda oficina⁷, que teve como tema “As territorialidades da ASPRUMI”. Foi realizada no dia 05 de novembro de 2023, e teve como objetivo conhecer as territorialidades percebidas e vividas pelos/as associados/as a partir da ASPRUMI.

Elaborei o convite (**Figura 8**) da segunda oficina e enviei no grupo *Whatsapp* da ASPRUMI. Eu coloquei uma mensagem escrita e um áudio, pois nem todas as pessoas tinham a facilidade de ler. Novamente, no final da semana, eu reforcei o convite no privado de cada associado/a.

Figura 8: Convite da segunda oficina na ASPRUMI



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Escolhi esse *layout* de convite com esse ramo de folhas pensando nas relações que a ASPRUMI estabelece com outras entidades. Coloquei também uma frase reforçando que cada

⁷ Ver apêndice C.

um/a era meu/minha convidado/a especial. Na gravação do áudio individual, eu também reforçava isso, do quanto era importante que eles/as estivessem presentes.

Cada oficina foi um desafio diferente: nessa, eu fui para a casa de meus pais no sábado pela manhã e levei todos os materiais para a realização da oficina. Eu só não contava que no sábado à tarde minha mãe precisasse acompanhar uma vizinha ao hospital e que ficasse com ela durante o internamento.

Eu que tinha levado os materiais para mainha fazer o bolo, já que não é minha especialidade fazer bolos. Então, tive que “me virar” e fazer o bolo no sábado à noite para o lanche da oficina do dia seguinte. Fiz o bolo e levei pra casa de minha tia para assar, visto que mainha estava sem forno. Ainda no sábado à noite, cortei os papeis para a realização das atividades da oficina e deixei tudo organizado para o domingo. Esse relato objetiva apresentar que, por ser de dentro, todo detalhe possui seu simbolismo e sua importância. Eu vivi a pesquisa.

No domingo, não tinha ninguém para cuidar de meu filho Guilherme, então tive que leva-lo, já que meu companheiro foi para me auxiliar. Essa pesquisa não seria a mesma sem o apoio de minha família. Mais uma vez fiquei apreensiva se iria alguém, porque na mesma tarde teria um culto da igreja, uma passeata de motos e um torneio de futebol beneficente. Meu pai e meu tio que tinham participado da oficina anterior foram para o culto, e o Presidente da Associação estava no torneio beneficente. Mesmo assim, não desisti. Fui até o campo de futebol, peguei a chave com o Presidente e fui para a Associação. A sede estava muito bagunçada, eu e meu companheiro varremos o chão, pegamos as cadeiras, colocamos no espaço de reuniões, limpamos a poeira, arrumamos a mesa do lanche e ficamos aguardando.

Não demorou muito, começaram a chegar os primeiros participantes. Antes de começar oficialmente a oficina, tivemos um momento de muita conversa com o primeiro associado que chegou, e ele demonstrou muita insatisfação com a gestão atual no que diz respeito à organização, à limpeza e à manutenção das coisas da Associação, que têm sido deixadas e sem cuidado. Na sua fala, ele pontuou que o Presidente deveria incentivar os/as associados/as a participarem das oficinas que fiz, e que ele não vê o Presidente se manifestar sobre isso. Foi uma conversa importante, mas não foi gravada porque ainda não tinha começado a oficina. Em seguida chegaram os demais participantes, totalizando 8 pessoas. Foram elas: Damião Maniçoba, Josefa Massa Puba, Ernesto Aipim (participou da primeira oficina), Judite Raspa de Mandioca, Margarida Polvilho, Teodoro Manipueira (participou da primeira Oficina), Catarina Macaxeira, Cícero Tucupi e Amâncio Crueira, que chegou quase no final.

Iniciei a oficina, e notei que nessa já apareceram algumas mulheres. Cogitei que a presença delas se deveu à mudança de horário, ou pelo fato de não estar chovendo. De qualquer forma, fiquei muito feliz com a presença delas, mesmo ficando um pouco quietas (silenciosas), sem falar muito. Foram momentos de muito aprendizado, de muito diálogo e pude fazer com eles/as o diagrama de Venn.

Para Martins (2014, p. 22), “os diagramas de Venn são representados por linhas fechadas, desenhadas sobre um plano, de forma a representar os conjuntos e as diferentes relações existentes entre conjuntos e elementos”. Nesse sentido, o diagrama de Venn é uma forma de organizar as relações entre os conjuntos. Assim, adaptei essa metodologia à realidade da ASPRUMI. Foram feitos quatro diagramas: um com as relações atuais da Associação, outro abordando como eles desejavam que fossem as relações, outro da fundação da Associação, e, por fim, um diagrama idealizado, que tratou de pensar as relações que eles desejam ter.

Para o primeiro diagrama de Venn, comecei falando com eles sobre Venn, que foi um matemático que criou a teoria dos conjuntos. Deixei explícito para eles que eu também não me lembrava mais sobre essa teoria. Eu lembrei por intermédio do professor Davi. Em seguida, perguntei para eles/as quais eram as instituições com as quais a Associação mantinha relação, fiz uma lista em um papel e depois escrevemos nos círculos que eu já tinha cortado e organizamos no chão como eles veem as relações da Associação com outras instituições (**Imagem 16**).

Imagem 16: Realização do primeiro diagrama de Venn

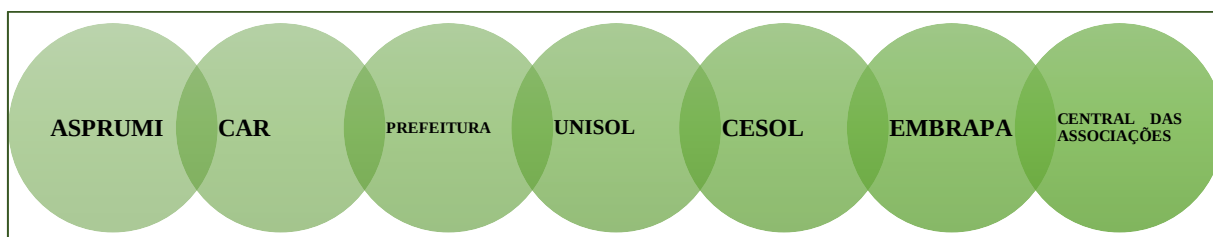




Fonte: Arquivo pessoal, pesquisa de campo, 2023.

Neste primeiro diagrama que realizamos, os/as participantes definiram a ordem de relação que a Associação tem atualmente com as entidades listadas por eles; colocamos por ordem de proximidade da esquerda para a direita. No momento de organizar no chão, ventava muito, por isso precisei colocar um peso em cima de cada círculo para que se mantivessem no lugar. Para uma melhor compreensão da imagem refiz o diagrama (**Figura 09**) realizado por eles/as:

Figura 09: Diagrama de Venn atual da ASPRUMI



Fonte: Elaboração própria com base na Pesquisa de Campo, 2023.

Os/as participantes descreveram as relações existentes com cada entidade acima relacionada, como as estabelecidas com a Companhia de Ação Regional (CAR). Eles falaram que a CAR está sempre presente na ASPRUMI, e que atualmente essa relação se dá por conta da unidade de beneficiamento da farinha de mandioca que está sendo implementada na comunidade. Damião Maniçoba (2023) falou que *“A CAR está mais presente porque a CAR praticamente toda semana ela tá aqui, para acompanhar o convênio que foi assinado desde 2017 que é seleção do programa Bahia produtiva através da unidade de beneficiamento da mandioca e seus derivados”*.

A unidade de beneficiamento já está na fase final de construção. No espaço está sendo construída uma casa de farinha comunitária e a cozinha para a produção dos derivados da mandioca. Os/as participantes falaram que a previsão é de que esse ano seja inaugurada, mas ainda não há uma data.

Ao falar sobre a relação da ASPRUMI com a prefeitura eles afirmaram que a relação que eles têm hoje é por conta da administração do sistema de água, das feiras criativas e as participações no Conselho, e que

“... a prefeitura ela tem uma relação próxima com a questão que é administrar o sistema de abastecimento de água, tem uma outra que é a participação da Associação nas feiras criativas através da sala do empreendedorismo e tem outra relação que é a participação no conselho da Criança e do Adolescente do direito da Criança e do Adolescente, essas são as relações que eu sei, a relação da prefeitura com a com Associação e o PNAE no caso é só repassar. A Associação participa do Conselho, a feira criativa através da Sala do Empreendedor e o sistema de água que é administrado pela prefeitura em convênio com Associação, em respeito a essa questão do sistema de água foi um pedido nosso e que se fosse pelo nosso querer quem tava administrando era a Associação, a gente, mas a gente não entende, como a gente vai se meter nessa questão de sistema” (Damião Maniçoba, 2023).

O sistema de água foi um pedido feito pela Associação, mas que a prefeitura passou a administrar, visto que na Associação não tem técnicos que entendem sobre o sistema de água. A prefeitura faz o pagamento para uma pessoa associada que ficou responsável por administrar o sistema de água, para ligar a bomba, ver para que “rua” a água vai em cada dia, e outras funções que são atribuídas a essa pessoa.

Ao perguntar sobre a Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários (UNISOL), os/as presentes relataram a importância das visitas técnicas que os/as associados/as têm recebido. Falaram também que a parceria com a UNISOL vai além das visitas:

“Uma outra relação com a UNISOL que não é só essa questão da assistência técnica, de só chegar e orientar plantio, do solo essas coisas, ela tem um outro papel que é dar um suporte na questão de orientação para participação da Associação em editais de chamada pública tá entendendo, e como a gente elaborar um projeto, até elaborar um projeto, porque no caso da dos equipamentos da padaria mesmo foi um projeto feito pela UNISOL juntamente com a fundação Banco do Brasil para a gente adquirir os equipamentos para a gente fazer, pra a gente montar a casa de farinha como está, então foi eles mesmo que fizeram que escreveram a Associação no programa. Então na verdade não só como uma assistência técnica, mas nessa questão de dar suporte para outras coisas” (Damião Maniçoba, 2023).

Conforme falado durante a oficina, a UNISOL tem dado um suporte, orientando a ASPRUMI em como participar de editais e na elaboração de projetos. Essa parceria foi importante para a aquisição dos equipamentos da padaria, para a participação no Bahia Produtiva⁸. Dessa forma, a Associação tem desenvolvido relações com outras entidades, e a comunicação se tornou uma ferramenta importante para as articulações que a ASPRUMI tem realizado.

Sobre os Centros Públicos da Economia Solidária (CESOL), eles falaram que há uma parceria na comercialização dos produtos, na orientação de como elaborar rótulos e código de barras, e outros elementos que são importantes para que os produtos da ASPRUMI sejam comercializados. Citaram também sobre o período de pandemia em que a CESOL comprou diversos produtos da ASPRUMI para fazer doações.

Falaram também da importância da relação que a Associação tem com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA, que tem sido de grande relevância para o desenvolvimento de pés de mandioca mais produtivos. Damião Maniçoba falou que:

“Com a Embrapa a nossa relação é justamente na questão do desenvolvimento de um campo Tecnológico de multiplicação de manivas altamente produtiva, que está sendo implantado agora. aí ela quer justamente desenvolver manivas altamente produtiva, para que a gente tenha material genético melhor, melhor produção de farinha, de goma essa relação é uma relação única. embora a Embrapa tem outros programas que a gente pode estar desenvolvendo posteriormente, mas por enquanto é esse campo tecnológico, porque assim, a gente tem manivas aqui que a gente planta né, que para a gente acha produtiva, aí os caras acham que a mané roque, outro só planta formosona, vassoura preta não sei o quê. então eles vêm para cá com a variedade para cruzar essa genética com essa aqui e observando o nosso solo eles irão desenvolver uma variedade que seja altamente produtiva e que se adeque ao nosso solo, então a Embrapa para mim hoje é fundamental na parceria para a gente desenvolver” (Damião Maniçoba, 2023).

A EMBRAPA, em parceria com ASPRUMI, desenvolveu na Comunidade um campo experimental da mandioca. Fizeram cruzamentos com tipos de mandioca que já eram cultivadas na Comunidade para ver qual se adaptava melhor ao solo e que fosse altamente produtiva. Com isso, espera-se que aumente a produção de mandioca nas propriedades dos/as associados/as, o que facilitará a participação na unidade de beneficiamento da farinha.

Como última relação da ASPRUMI está a Central das Associações da Agricultura Familiar de Valença e Baixo Sul da Bahia (CAAF). Eles relataram que essa relação é no suporte

⁸ O Programa Bahia Produtiva é um programa que beneficia sem reembolso subprojetos de inclusão socioprodutiva, de abastecimento de água e de saneamento domiciliar para comunidades de baixa renda da Bahia.

jurídico que a CAAF promove, na contabilidade, nas orientações dadas para a participação em editais, e programas como o PAA. No entanto, eles afirmaram que hoje a ASPRUMI não mantém relação com esta instituição como era há um tempo, por isso está mais distante do diagrama de Venn.

Em seguida, fizemos uma reflexão para que os/as participantes avaliassem se o diagrama estava bom da forma como estava, ou se eles e elas modificariam a ordem de relação da Associação com as entidades. Eles/as pontuaram que a ASPRUMI deveria ter uma relação mais próxima com a Prefeitura e com a Central das Associações do Território de Identidade do Baixo Sul, seguidos da CAR, a UNISOL, a CESOL e a EMBRAPA (**Imagem 17**).

Imagem 17: Diagrama de Venn com as relações atuais que os/as associados/as querem que aconteçam



Fonte: Arquivo pessoal, pesquisa de campo, 2023.

Neste diagrama, os/as associados/as explicaram os porquês deles/as preferirem essa relação atualmente. Um dos participantes falou que “*para mim a prefeitura era para ser mais próxima poderia ser a que mais desse apoio*” (Cícero Tucupi, 2023). Eles desejam que a prefeitura dê um apoio maior à Associação, através da Secretaria de Agricultura, por exemplo, e que deveria ter uma relação mais próxima também com a CAAF, pois segundo um deles,

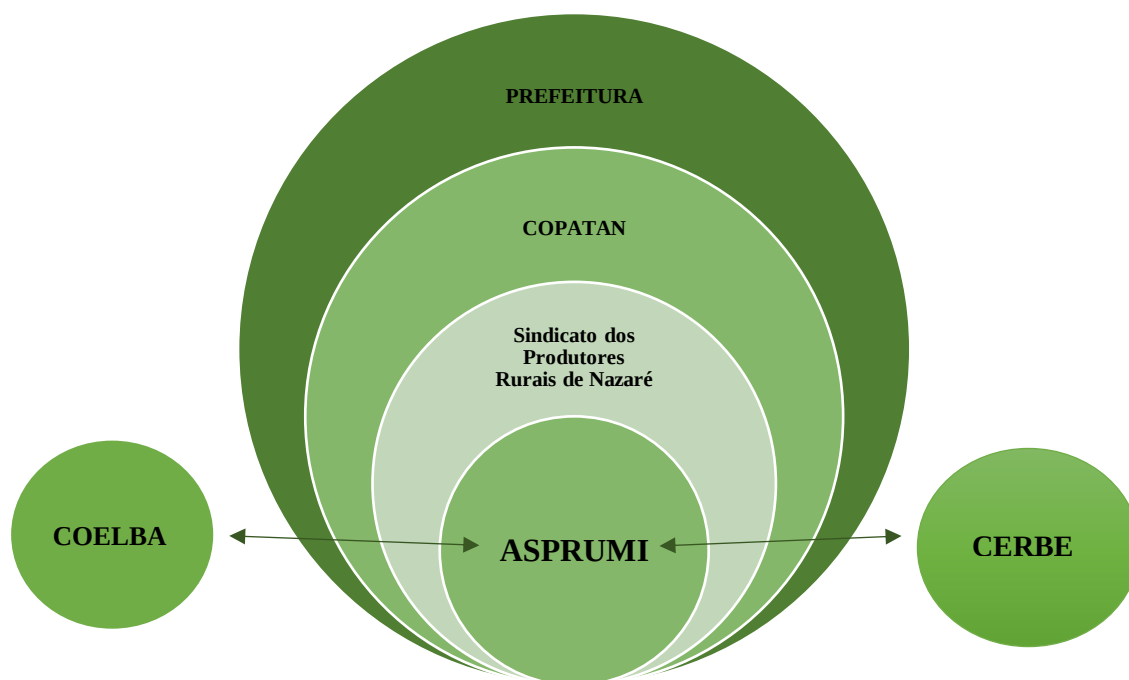
“...primeiro acho que pelo que já passou pela importância que teve a central ela tem que estar mais próxima. à prefeitura deveria ser mais próxima pelo fato da gente ter dado tanta visibilidade ao município. A prefeitura, ela poderia reconhecer a Associação e valorizar mais a nossa Associação que não valoriza. O pessoal que mora aqui sabe disso porque se você prestar atenção, se você analisar bem não tem um mês que não chega alguém aqui do estado para visitar essa comunidade não tem um mês, no entanto não tem nenhuma placa dizendo onde é que fica o Riacho do Miranda, se você chegar do capão para cá você não vê uma placa do Riacho do Miranda, você não vê o lado do Jaciru uma placa informando onde é o Riacho do Miranda. No

entanto, não valoriza eu não sei por que, não sei se é por questão política, mas devia valorizar mais” (Damião Maniçoba, 2023).

Há uma reflexão sobre a importância que a CAAF tem para o bom andamento da ASPRUMI, e o desejo deles/as é que estejam mais próximos. Acreditam também que a parceria com a Prefeitura deveria ser melhor, pela visibilidade que a ASPRUMI deu ao município. Há um inconformismo entre os/ associados/as por não terem placas nas estradas principais sobre o Riacho do Miranda. Ouvi também que há o desejo de que a prefeitura valorize mais o associativismo que é praticado pela ASPRUMI.

O diagrama seguinte (**Figura 10**) foi realizado para que os/as associados, sobretudo os que participam há mais tempo da Associação, pudessem descrever quais eram as entidades que a ASPRUMI mantinha relação no período de sua fundação.

Figura 10: Diagrama de Venn da fundação da ASPRUMI



Fonte: Elaborado pela autora, com base na pesquisa de campo, 2023.

A COELBA e a CERBE estão nos lados do diagrama de Venn porque a relação da ASPRUMI com essas entidades foi pontual, sobretudo no âmbito da resolução de um problema inerente ao período de fundação da Associação. Mesmo sendo relações pontuais, ainda hoje a ASPRUMI estabelece algum tipo de relação com as entidades, por exemplo, com a CERBE há uma comunicação quando acontece algum problema com a bomba d'água e eles enviam técnicos para consertar. Está tendo também uma comunicação entre ambos para o ampliado do sistema de água, visto que a água não tem conseguido chegar em todas as casas.

A relação da ASPRUMI com o Sindicato dos Produtores Rurais de Nazaré foi a oferta de cursos para os/as Associados/as. Eles lembraram que o primeiro curso foi o da cultura do dendê, em seguida foram realizados outros, sobre psicultura, avicultura e cacau. Eles falaram sobre a importância desses cursos afirmando que:

“O que a gente pensou quando, porque assim a gente quando chegou aqui logo, no dia que faltar dendê e mandioca o povo morre de fome o povo vai morrer de fome. A gente tem que trazer alguns cursos para diversificar as culturas tá entendendo, e fazer com que as pessoas plantassem outras coisas porque assim aqui quando a gente começou tinha uns pés de cacau esporádico no fundo da casa, cada um tinha um pé de cacau ou dois ou três, mas aí quando a gente começou a ministrar os cursos que foram quatro ou cinco, e hoje a área de cacau é triplicada, e isso está melhorando a condição financeira das pessoas porque quem tem um cacau hoje, às vezes não quer arrancar mandioca, mas já tem um cacau para se sustentar, sabe, então, a nossa proposta, a nossa preocupação maior com o Sindicatos dos Produtores Rurais com o curso foi exatamente para fazer com que as pessoas plantasse uma outra cultura, de diversificar essas culturas” (Damião Maniçoba, 2023).

Conforme descrito acima, a preocupação principal com a fundação da Associação era promover para os/as associados/as a diversificação da cultura, já que a maior fonte de renda da comunidade era proveniente da farinha de mandioca, mas não se via outras plantações como o cacau, por exemplo. Assim, a parceria com o Sindicato de Nazaré foi para promover esses cursos para os/as associados/as.

Acredito que faltou, durante a formação, um curso para que os/as associados/as tivessem a compreensão dos princípios do associativismo a fim de que eles/as entendessem sobre coletividade. Faltou também um curso sobre gestão para preparar esses/as associados/as para assumirem lideranças dentro da ASPRUMI.

Ao fundar a Associação, houve também uma relação com a Cooperativa dos Produtores Rurais de Presidente Tancredo Neves – COOPATAN. Através dessa parceria, eles/as puderam aprender sobre cooperativismo. Sobre isso, podemos refletir sobre o porquê de uma Associação fazer curso sobre cooperativismo, sendo que eles deveriam ter realizado cursos sobre os princípios do associativismo e outras questões sobre essa temática. Eles relataram também que através da COOPATAN eles puderam aprender sobre a plantação da mandioca que, para eles, foi uma relação de troca de aprendizado:

“A Coopatan ela é uma cooperativa e a gente plantava mandioca muito, e ela tinha uma fábrica de mandioca e a parceria foi justamente para ela para a gente levar essa nossa mandioca, vamos produzir para lá só que pela distância ficou incompatível a fazer isso. Mas no início justamente foi falar

um pouco sobre cooperativismo, de uma maneira melhor de se fazer a comercialização dos produtos que naquele momento não deu certo para a gente, mas a gente ficou aprendendo sobre cooperativismo com esse pessoal da Coopatan” (Damião Maniçoba, 2023).

A Coopatan é uma cooperativa do Território de Identidade do Baixo Sul, referência na produção da farinha de mandioca. A parceria da Associação foi feita na tentativa de levar a mandioca produzida na Comunidade, mas, por conta da distância, acharam inviável, pois na época a Associação não possuía um transporte que facilitasse o deslocamento para a Coopatan, que fica no município de Tancredo Neves. Considero que não seria viável esse deslocamento tendo em vista que eles poderiam comercializar em locais mais próximos. No entanto, eles/as afirmam que puderam participar de cursos na Coopatan, fazer visitas à instituição. Eles/as falaram sobre a importância desses momentos.

Falaram também sobre a relação da ASPRUMI com a Coelba, que foi para fazer o pedido da eletrificação da Comunidade. Eles/as contaram que após a fundação da Associação fizeram o pedido junto à Coelba. O pedido foi feito como pessoa física, porque para esse programa o pedido não pode ser feito por pessoa jurídica, mas que foi um projeto de todos os/as associados/as, onde,

“...na época que era Luz no Campo, só tinha luz onde o prefeito queria, onde os vereadores, onde os representantes dos vereadores e aquela rua que era contra aí não ia porque era luz no campo, o programa. E aí quando veio o programa Luz Para Todos que foi do governo Lula aí ficou Independente de política aí foi quando deu a liberdade de qualquer pessoa física ir lá na Coelba e fazer o pedido” (Ernesto Aipim, 2023).

Conforme a fala de Ernesto Aipim, ficou destacada a importância do Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica (Programa Luz Para Todos), que foi criado no governo Lula. No Programa, uma pessoa física poderia realizar o pedido e não ficar dependendo de políticos. Eles/as falaram sobre a importância desse Programa para a Comunidade, e toda a sua trajetória de implementação. Segundo o que foi relatado na oficina, o pedido foi feito para três comunidades: Riacho do Miranda, Riacho dos Tachos e Ponte de Terra, mas a eletrificação ficou dividida em etapas: primeiro foi Ponte de Terra e Riacho do Miranda e depois Riacho dos Tachos.

O Luz para Todos foi um Programa que teve início com o Decreto nº 4.873 de 11 de novembro de 2003. O Programa foi concebido como instrumento de desenvolvimento e inclusão social, pois, de acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 2000 existiam dois milhões de domicílios rurais não atendidos pela Prestação dos Serviços de Energia Elétrica. Ou seja, aproximadamente dez milhões de brasileiros viviam, no

meio rural, sem acesso a esse Serviço Público, sendo que cerca de noventa por cento dessas famílias possuía renda inferior a três salários-mínimos (Brasil, 2015).

O pedido da energia elétrica foi feito em 2005, e o pedido de água na Companhia de Engenharia Hídrica e de Saneamento da Bahia – CERB foi realizado em 2006. Eles/as citaram a importância de um morador do município de Jaguaripe para que esses pedidos acontecessem. Ele é um economista e fundador do Partido dos Trabalhadores (PT) em Jaguaripe, e segundo os/as associados/as, auxiliou nos pedidos da energia e da água. Damião Maniçoba lembrou que:

“E aí eu falei, eu vou fazer o pedido aí ele disse vem que eu sei onde que fica a Cerb, aí eu cheguei lá no centro administrativo ele trabalhava na Secretaria de Saúde, e a gente foi junto e a gente conversou com a diretora, aí sentou eu e ele, aí ela fez assim, olha começou a falar que aqui chovia muito e que estava dando prioridade para o sertão, e aí eu disse doutora tem uma coisa, o pessoal lá não bebe água da chuva. a gente sabe do problema do sertão, do sertanejo, compreende, mas a gente precisa da água tratada, a gente precisa, e ela fez tá certo, vamos ver o que a gente pode fazer, mas vai lá protocola o pedido, aí eu fui lá e protocolei o pedido, E aí eu me lembro muito bem, a gente fez o pedido em março quando foi em abril já chegou lá em casa de manhã, um dia de sexta-feira, eu nunca me esqueço, como o doutor chegou lá em casa e fez assim ôh rapaz quem é esse deputado, eu nunca vi chegar um pedido em março e tá em campo e foi identificado um mês depois, eu nunca vi isso, e aí eu disse então tá vendo agora a primeira vez” (Damião Maniçoba, 2023).

Ele contou quais foram os passos dados para o pedido da água, e que foram até a CERB em Salvador para fazer o pedido. A instituição tinha como prioridade implementar sistemas de água no sertão. Então, ele falou que o pessoal da comunidade precisava de água tratada, e com apenas um mês depois chegou o primeiro técnico na Comunidade, pois o projeto tinha sido aceito. Segundo Damião Maniçoba, o técnico até questionou sobre a celeridade do projeto, se tinha algum deputado por trás, mas segundo os/as associados/as, eles não tiveram esse tipo de ajuda. E, logo após essa primeira visita, começaram a procurar o lugar mais adequado para cavar o poço, fizeram toda as visitas para ver até onde a água ia. Ernesto Aipim falou sobre a chegada da encanação da água, afinal, quando

“... os tubos chegaram aqui no Dia Nacional da água, 22 de março dia Nacional da água, estava na igreja no tempo de festa, na festa da comunidade, E aí chega um caminhão cheio de tubo e descarregou na Associação aí foram duas festas, uma festa da igreja e a outra dos tubos que chegam” (Ernesto Aipim, 2023).

A fala acima mostra a felicidade que eles/as ficaram com a chegada da encanação do sistema de água, e que, por coincidência, chegou justamente no Dia Mundial da Água. O que

me chamou a atenção é que eles/as sabem quando se comemora o dia da água. Na fala, Ernesto Aipim afirmou que é uma comemoração nacional, mas que na verdade é mundial, criado pela Organização das Nações Unidas – ONU.

No entanto, no decorrer da oficina, os/as participantes falaram que hoje o sistema de água tem alguns problemas. O sistema não atinge todas as casas, principalmente as que ficam mais distantes. O engenheiro responsável já havia anunciado que isso aconteceria, pois, por buscar beneficiar todos/as os/as associados/as, e haver aqueles que moram mais distante dos reservatórios de água, o sistema ficou longo, não conseguindo atender às demandas existentes devido à vazão e pressão do sistema. Então,

“O problema da água é porque a extensão ficou muito longa aí quando o engenheiro estava medindo aí quando ele chegou ali naquele tabuleiro ali de casa aí falou até lá em cima, aí ele falou aí vai dar problema porque a água não vai, ele não falou que era por causa da altura da água ou dá umas puxadinha a mais e aí ele falou para cada puxadinho O problema vai ficar e aí quando chegou na casa de Preta é aqui? aí dá mais uma puxadinha que até lá em Fulano, aí ele falou não dá não, aí eu falei é só até aí, e aí ele falou que ia colocar mas o problema vai ficar para Rua de Damião Maniçoba foi a mesma coisa, para Rua de Siclano também” (Ernesto Aipim, 2023).

Ernesto Aipim relatou que o sistema de água ficou longo por querer atender a várias pessoas da Comunidade, e até mesmo as pessoas que não são associadas. Por conta disso, hoje em dia a água não tem chegado em todas as casas, havendo muitas reclamações das pessoas, inclusive sobre a pessoa responsável por administrar o sistema de água, achando que é culpa dele, mas não é. Trata-se de um problema que já tinha sido avisado anteriormente pelos engenheiros. Mesmo sendo um projeto que atende toda a Comunidade, ainda continua sendo uma pauta da ASPRUMI, porque quem administra o sistema de água é um associado. Se acontece algum problema no abastecimento de água, a Comunidade aciona a Associação para que ela entre em contato com a CERB e a Prefeitura para a resolução do problema. Um dos associados apontou que

“Agora, atualmente a gente já tem outro problema com a CERB que é o pedido de extensão da rede, esperando o engenheiro vir fazer uma outra extensão que já é uma outra mobilização que tem lá, que fica lá fazendo pedido, com a CERB sempre teve né porque ela sempre vem aqui” (Damião Maniçoba, 2023).

Como já tinha falado anteriormente, a relação com a CERB ainda tem sido mantida hoje, visto que a Associação tem feito o pedido de extensão da rede do sistema de abastecimento de água para que esse recurso chegue à casa de todas as pessoas da comunidade.

Como última relação do diagrama de Venn da fundação da ASPRUMI, está a Prefeitura. Os/as participantes falaram que essa relação foi para o pedido de autorização para cavar o poço e as estradas para colocar os tubos de água:

“A gente não tinha relação com a prefeitura a gente tinha um problema com a prefeitura, porque na época era, eu não sei se o presidente era eu ou Tadeu Maniva, E aí eu lembro que o engenheiro veio pedir autorização ao prefeito para a empresa furar o solo do município, e aí eu disse agora que vai lascas porque o tal do prefeito não vai querer assinar o documento, rapaz, aí eu fui encontrar ele lá em Feira de Santana eu me lembro o nome dele era Ítalo, foi eu e Beltrano aí eu falei, se esse homem não tiver lá vai ser um problema, aí ele disse vamos, vamos lá, e aí quando chegou em Feira chegou um engenheiro e um outro cara que ia fazer o serviço. aí eu fui no carro de Ítalo e Edilson veio com o dono da empresa que ia fazer a obra, e aí eu disse aí tem um problema é o seguinte a gente tem um problema com o prefeito eu nem sei se ele vai assinar, E aí ele falou, deixa comigo eu quero ver rapaz, que ele não vai assinar, e aí eu disse que é você que sabe. E aí eu disse: eu nem vou subir porque ele não gosta de mim aí eu cheguei na prefeitura tinha lá um mangangão, e aí eu perguntei amigo, aqui é Ítalo da CERB ele quer ter uma conversa com o prefeito ele tá aí? aí ele falou tá, e ele pode receber, aí ele pode, então ele pode subir. Ítalo subiu eu fiquei cá embaixo” (Damião Maniçoba, 2023).

No relato acima, Damião Maniçoba contou sobre como foi a ida até a Prefeitura para fazer o pedido de autorização para escavar o solo. Conforme falado por Damião, a Associação não mantinha uma relação pacífica com o Prefeito da época, mas ele recebeu o representante da CERB e assinou a autorização para perfurar o solo. Segundo os/as associados/as, o Prefeito começou a divulgar que ele levaria água para a Comunidade, sendo que foi uma ação da Associação. Eu questionei sobre a relação da ASPRUMI com a Prefeitura ser considerada como um problema, e eles falaram que não pediam nada ao Prefeito, mas que quando chegava um benefício para a Comunidade, ele fazia propagandas dizendo que as melhorias tinham ocorrido por intermédio dele.

O último diagrama realizado foi o diagrama das idealizações, que são as relações que os/as associados/as desejam que a ASPRUMI realize futuramente. Perguntei para eles/as quais as instituições que eles/as gostariam que a Associação tivesse parcerias, e montamos no chão (**Imagem 18**) o diagrama conforme a opinião dos/as participantes.

Imagem 18: Elaboração do Diagrama dos Desejos



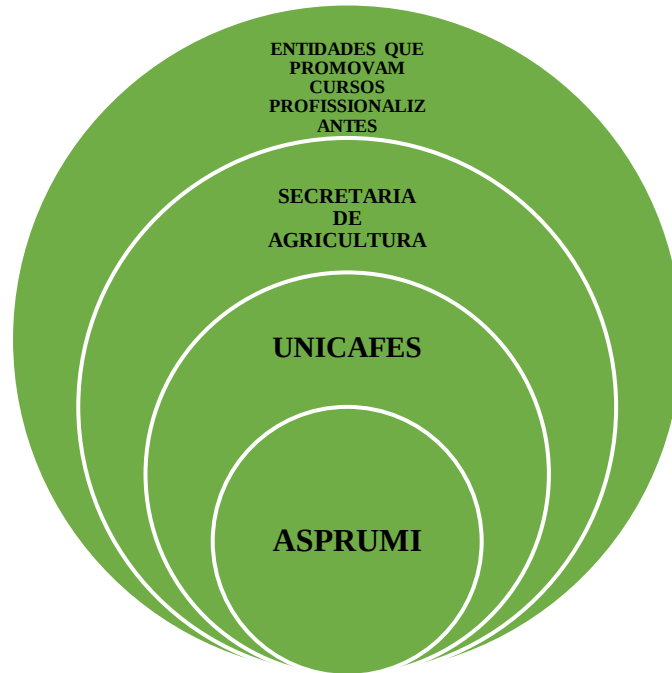
Fonte: Arquivo pessoal, pesquisa de campo, 2023.

Para esse diagrama, eu recortei círculos na cor verde, pensando no verde como a esperança de que em breve a ASPRUMI consiga ter as relações que os/as associados/as almejam. As instituições escolhidas por eles/as foram poucas, segundo minha opinião. Eu comecei a questionar as mulheres sobre o que elas achavam, o que elas desejavam, já que tinham passado a oficina sem falar muito, mas elas sempre me falavam no decorrer de toda a oficina que eram novatas na Associação, e que não sabiam falar sobre os diagramas anteriores. Então eu falei que elas poderiam pensar a partir daquele momento, uma delas então me falou que poderiam ser oferecidos cursos de cabelo e unha.

Um dos associados falou que existe uma Secretaria que é responsável por promover ações voltadas para as mulheres, ele só não sabia o nome. No momento eu também não soube, mas pesquisando vi que é a Secretaria Estadual de Políticas para as Mulheres (SPM/BA), que foi criada pela lei nº 12.212 em 04 de maio de 2011 e tem como missão elaborar, propor, articular e executar políticas públicas para todas as mulheres, respeitando suas diferenças, com prioridade para as mulheres em situação de pobreza e/ou vulnerabilidade social, em todo o Estado da Bahia (Bahia, 2011).

Para melhor sintetizar as imagens do diagrama, elaborei o diagrama de Venn empilhado (**figura 11**) seguindo a ordem de relações que os/as associados/as desejam que a Associação tenha:

Figura 11: Diagrama dos Desejos da ASPRUMI



Fonte: Elaborado pela autora com base na pesquisa de campo, 2023.

Essas são as relações que os/as associados/as desejam que a ASPRUMI tenha. Em primeiro lugar, está a União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e da Economia Solidária (UNICAFES). Para eles/as, essa relação trará benefícios na comercialização dos produtos. Um deles falou que:

“Apesar que a gente já tem algumas parceiras, mas o que a gente estava conversando, mas comecei a ter uma porta para a gente UNICAFES que é uma cooperativa, hoje Se não me engano a nível nacional, mas acho que é de Salvador e ela é responsável por todos os mercados da Agricultura Familiar, todos são regidos por ela, principalmente o de Salvador que foi o mercado que eu fui visitar que só vende mercadorias da Agricultura Familiar, que fica no Rio Vermelho no local bem localizada. Então, tudo é UNICAFES, a UNICAFES eles fizeram uma parceria, antes era só com as cooperativas e as associações e eles têm parceria e agora com advogados eles cobram um valor fixo, tem parceria com empresa de contabilidade que cobra 250 reais para Associação e eles têm um depósito hoje que fica em Salvador em Itapuã que é para receber produtos da Agricultura Familiar, eles estão distribuindo para outros lugares. O que a gente está conversando, mas que ainda não está fechada, inclusive talvez ele seja responsáveis por estar coordenando alguns mercados que vão abrir como no aeroporto, no shopping de Salvador e no Bom Despacho no ferry boat tanto na chegada quanto na saída. Então acho que essa parceria que a gente está galgando que já é a parte de comercialização” (Amâncio Crueira, 2023).

Segundo Amâncio Crueira, a Associação já tem algumas parcerias importantes, mas outras parcerias são sempre bem-vindas, e com a UNICAFES há esse desejo de ter uma parceria para que através dela sejam comercializados os produtos da agricultura familiar. Vale ressaltar que essa parceria aconteceu durante a Feira Baiana da Agricultura Familiar e Economia Solidária (FEBAFES), em Salvador, nos dias 13 a 17 de dezembro de 2023. Obtive essa informação através do grupo *Whatsapp* da Associação e na reunião mensal em que eu estava presente. O que me chamou a atenção é que o Presidente falou sobre a participação da ASPRUMI nessa feira, e que ele empacotou muitos quilos de farinha com o rótulo da Associação para serem levados para a feira, mas não vi a participação coletiva dos/as demais associados/as. Ele foi juntamente com sua esposa para essa feira, toda a farinha foi vendida, mas, ao que tudo indica, ele comercializou a farinha no nome da Associação, mas sem a participação dos/as associados/as.

Podemos refletir sobre o que um associado falou na oficina anterior, que o Presidente é dele para ele mesmo, significando que é uma gestão individualista. O Presidente tem usado o nome da Associação para “fazer seu nome”, inclusive está como pré-candidato das eleições deste ano (2024). Em muitos momentos, eu pude refletir sobre como os interesses individuais se sobressaem sobre os interesses coletivos na Associação. Mais à frente, neste texto, trarei as percepções do Presidente, relatados na entrevista.

O desejo dos/as associados/as é que, além da parceria com a UNICAFES, exista também uma parceria com a Secretaria de Agricultura do Município para seja viabilizada a construção de um ponto comercial dos produtos da Agricultura Familiar no município de Jaguaripe. Um dos associados falou que

“A UNICAFES juntamente com o governo do estado tem a importância muito grande na administração de fontes comerciais isso poderia acontecer se a gente tivesse uma parceria, por isso que eu falei a secretaria de agricultura porque ela pode junto com a UNICAFES, junto com o Governo do Estado ela pode fazer o mercado institucional para vender o nosso produto em Jaguaripe. Então a UNICAFES tem essa importância também e através das suas articulações com o Governo do Estado, se a prefeitura disponibilizasse uma terra para a gente fazer o Nosso Mercadinho, o nosso mercado, ter o nosso posto de comercialização” (Damião Maniçoba, 2023).

Há então esse desejo de que haja essa parceria para a comercialização desses produtos através da criação de um mercado, um ponto de vendas para esses/as agricultores/as. Observo que a comercialização e a geração de renda têm sido a preocupação principal desses/as associados/as. Isso é ruim? Não é, porque os/as agricultores/as precisam melhorar sua renda e,

com isso, a qualidade de suas vidas. No entanto, essa preocupação não deve ser superior aos objetivos coletivos, e essa geração de renda deve ser coletiva, e atender a todos/as os/as associados/as.

A esse respeito, cabe aqui enfatizar sobre os princípios do associativismo, que são: **adesão voluntária e livre:** as associações são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas dispostas a aceitar as responsabilidades de sócio, sem discriminação social, racial, política, religiosa e de gênero; **Gestão democrática:** as associações são organizações democráticas, controladas por seus sócios, que participam ativamente no estabelecimento de suas políticas e na tomada de decisões, sendo os gestores eleitos pela maioria para atender a necessidade de todos; **Participação econômica:** os sócios contribuem de forma justa e controlam democraticamente as suas associações através de deliberação em assembleia geral; **Autonomia de independência:** as associações podem entrar em acordo operacional com outras entidades, inclusive governamentais, ou recebendo capital de origem externa, devem fazê-lo de forma a preservar seu controle democrático pelos sócios e manter sua autonomia; **Educação, formação e informação:** as associações devem proporcionar educação e formação. Os dirigentes eleitos devem contribuir efetivamente para o seu desenvolvimento da comunidade. Eles devem informar o público em geral, particularmente os jovens e os líderes formadores de opinião, sobre a natureza e os benefícios da cooperação; **Interação:** As associações atendem a seus sócios mais efetivamente e fortalecem o movimento associativista trabalhando juntas, através de estruturas locais, nacionais, regionais e internacionais. **Interesse pela comunidade:** As associações trabalham pelo desenvolvimento sustentável de suas comunidades, municípios, regiões, estados e país através de políticas aprovadas por seus membros (Ferreira, Zaluski, 2022).

O associativismo é baseado em sete princípios que orientam e definem quais os caminhos que devem ser seguidos por uma Associação. A cooperação, o trabalhar juntos é o que fortalece e promove o desenvolvimento da Comunidade na qual a Associação está inserida. Acredito que falta ainda o entendimento desses sete princípios para o associativismo que é praticado pela ASPRUMI. Ao falar sobre a cozinha que está sendo implementada na Comunidade, Damião Maniçoba refletiu na oficina que:

“A Associação em termos de equipamentos para ganhar dinheiro, para produzir ganhar, dinheiro já tem, o que falta é a ligação do grupo de mulheres, determinar quais são os dias que vão trabalhar e vocês procurar o lugar para vender depois que a gente vai produzindo, porque tem mulher que produz mas tem vergonha de colocar na sacola e sai de porta em porta

vendendo, mas a Associação vai ter seu gerente de vendas para o que vocês produzem, assim que está no projeto no programa para vender” (Damião Maniçoba, 2023).

Ele falou que a Associação já tem diversos equipamentos que podem gerar renda, mas está faltando um grupo de mulheres organizadas para a produção e comercialização, já que a cozinha industrial do projeto do Bahia Produtiva já tem todos os equipamentos necessários para o funcionamento. Nesse contexto, podemos refletir sobre colocar no outro a responsabilidade: um participante da oficina, homem, fala que para que cozinha funcione é preciso a atuação das mulheres. Uma das mulheres que estava presente, continuou nesse pensamento falando que:

“Porque a gente sempre conversa lá que o nosso grupo das mulheres do meu tempo tinha mais força do que as meninas de hoje em dia, porque hoje tem até um grupozinho bom na Associação, mas a gente tinha aquela força de fazer tempero, correr atrás e hoje em dia não tava nos projetos, tá vindo as coisas, mas ninguém tá fazendo nada tá tudo parado” (Josefa Massa Puba, 2023).

Para ela, o grupo de mulheres que tinha na Associação um tempo atrás, era um grupo que participava ativamente dos projetos, mas o grupo de mulheres jovens que tem hoje não está empenhado na produção como era antes. A partir dessa fala, podemos levantar várias problemáticas: i) é preciso entender qual o perfil desse grupo de mulheres que está hoje na Associação; ii) por que as mulheres mais antigas na Associação não estão produzindo, como era antes? e; iii) já que há um incômodo com as meninas, como ela fala, por que esse conhecimento não é passado para a geração mais jovem? Diante desse contexto, o que precisa haver entre os/as associados/as é uma autorreflexão sobre sua participação na ASPRUMI, e não culpabilizar o/a outro/a pelo sucesso/fracasso da instituição. É preciso perceber que é uma ação coletiva, e que participar fortalece a identidade, o senso de pertencimento e contribui para o desenvolvimento do associativismo na Comunidade do Riacho do Miranda.

Essa segunda oficina proporcionou momentos de muitas reflexões, de análise e críticas ao formato de associativismo da ASPRUMI. Nesse sentido, é preciso a todo instante repensar sobre as práticas associativas vivenciadas na Comunidade do Riacho do Miranda como uma forma de avaliar o caminho percorrido até aqui e o que é preciso ser feito para melhorar essa trajetória.

3.3. TERRITÓRIO E POLÍTICAS PÚBLICAS: SOBRE COMO A ASPRUMI (RE)ARTICULA SUAS AÇÕES

Segundo Silva (2018), as políticas públicas são o resultado de um conjunto de valores e concepções dos grupos que estão no comando do Estado, e que moldam as prioridades, os direcionamentos e as abordagens das políticas públicas. Dessa forma, as políticas públicas não são neutras, refletem a visão e interesses dos grupos dominantes:

A expressão políticas públicas remete diretamente à ação do Estado. No entanto, é comum que pensemos na execução direta das ações, nos projetos e programas dos governos, nos resultados obtidos com a implementação dessas ações, de sorte que o foco recai sobre a ação de quem está governando. Em nossa perspectiva, podemos ampliar a ideia de políticas públicas para entendê-las não apenas como conjunto de procedimentos que organizam e regulam a ação do Estado, mas também como a expressão das concepções e dos valores dos grupos que estão governando, articulados com as formas como se relacionam com a sociedade civil organizada (Silva, 2018, p. 55).

Dessa forma, as políticas públicas são o resultado da interação entre o Estado e a sociedade, onde as concepções e valores dos grupos no poder dialogam com as necessidades, demandas e influências da sociedade civil. De acordo com Silva (2018), muitas vezes refletimos com maior frequência sobre a execução das ações dos projetos e programas advindos das políticas públicas.

Foi sobre essas ações dos projetos e programas que já foram implementados na ASPRUMI que discutimos na terceira oficina que teve como tema “Território e políticas públicas” e aconteceu no dia 19 de novembro de 2023. O planejamento das atividades⁹ teve como objetivo entender as relações que existem entre território e políticas públicas, analisando as políticas implementadas na ASPRUMI.

No decorrer da semana que antecedeu a oficina, enviei o convite (**Figura 12**) no grupo de *WhatsApp* da Associação, e na sexta-feira que antecedeu o domingo, lembrei a cada participante no privado, para que eles/as se sentissem motivados a estarem presentes, visto que era um convite individualizado. Um dos associados me falou que tinha esquecido de me avisar antes, mas que no mesmo dia e horário da oficina estaria acontecendo um evento na Igreja ao lado da ASPRUMI, mas que ele acreditava que não atrapalharia por conta do muro. Por um instante pensei se seria viável trocar o dia da oficina, ou o horário, mas mantive, visto que algumas pessoas já tinham me confirmado que iriam, e eu já estava com os materiais comprados.

⁹ Ver Apêndice D.

Figura 12: Convite da terceira oficina realizada na ASPRUMI



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Enviei o convite também no *Whatsapp* privado do atual Presidente, reforçando o convite, mas a mensagem só foi visualizada no domingo pela manhã. Quando enviei outra mensagem solicitando a chave da Associação, ele me respondeu rapidamente dizendo que estaria em casa até as 10h da manhã, e que eu poderia passar lá antes desse horário para pegar a chave, mas um tempo depois ele me falou que deixaria a chave com uma vizinha da Associação.

Ao chegar na casa de meus pais no sábado, fiquei sabendo que no domingo também teria uma viagem para a sede do município, Jaguaripe, e que a minha família paterna iria, o que causaria um desfalque na oficina, já que os meus tios e tias são associados/as. Levei para a casa de meus pais o material para fazer um pão de forno, para o suco eu não me preocupei, pois sempre pegava o mel de cacau na casa de meus pais.

No sábado à noite fiz o pão e levei para assar na casa de minha tia. Preparei os materiais da oficina, pedi a ajuda do meu companheiro para desenhar o tronco de uma árvore e as folhas para a atividade do dia seguinte. Para os frutos, eu peguei uma imagem da internet e enviei para minha outra tia imprimir. No domingo cedo fui buscar o pão que tinha deixado assando, e as cópias impressas, pois minhas tias iriam para Jaguaripe.

Passei a manhã ajudando minha mãe nas tarefas de casa; minha mãe fez um delicioso cozido, almoçamos, nos arrumamos e fomos todos para a Associação. Eu, meu pai, minha mãe,

Guilherme e meu companheiro. Ao chegar lá, fui até a casa da vizinha pegar a chave e, ao abrir a sede da Associação, nos deparamos com um lugar muito sujo, bagunçado. Eu, minha mãe e meu companheiro começamos a limpar o local e decidimos fazer a oficina em uma das salas, pois no espaço em que geralmente eu realizava as oficinas estava um trator do vizinho.

Logo após, chegou mais um associado, e fiz a oficina com três participantes. Mesmo sendo fácil perceber quem é quem nesta oficina, manterei os nomes fictícios que foram usados até o momento: Damião Maniçoba (estive na segunda oficina); Severino Goma (estive na primeira oficina); Helena Fécula de Mandioca (primeira vez participando).

Vi que alguns/as associados/as estavam na Igreja ao lado participando do evento da Igreja, e outros/as encontrei no caminho quando retornava para casa. Eles/as estavam na *Topic* voltando de Jaguaripe. Segui tranquilamente o planejamento que tinha feito para a oficina; mesmo com três pessoas, eu acredito que consegui alcançar os objetivos propostos. Foram momentos de bastante reflexão sobre as políticas públicas já implementadas na ASPRUMI, e as que estão acontecendo atualmente.

Para refletir sobre o que é território e o que é política pública, dei dois papéis para cada um/a para que escrevessem, em um deles, o que achavam que era política pública e no outro o que era território. Em seguida, eles compartilharam suas respostas e coleí em uma cartolina (**Imagem 19**), onde fizemos uma reflexão sobre as respostas de cada um/a.

Imagem 19: Realização da atividade sobre o que é território e o que é políticas públicas





Fonte: Arquivo pessoal, pesquisa de campo, 2023.

Os/as participantes escreveram sobre o que eles/as entendiam sobre território. Um deles falou que “o território é o lugar que a gente mora” (Severino Goma). Outra fala é que a gente precisa cuidar do nosso território, pontuando que

“... quando fala assim, nesse cuidado, assim, nessa coisa de por exemplo: a gente mora na nossa casa, no nosso teto, no nosso quintal aí a gente começa, é lixo, enche muito de lixo, aí a gente percebe que não está cuidando bem dali, do nosso ambiente que a gente vive, né? E isso é às vezes me incomoda um pouco, vezes quando eu chego em algum lugar que eu vejo tanto lixo, tanta sacola plástica, tanta coisa” (Helena Fécula de Mandioca, 2023).

Na fala, fica explícito a questão do cuidar do território, e esse território está relacionado ao lugar de moradia. Eu senti que essa frase também estava se referindo ao cuidar da Associação, de ter um ambiente limpo. Há uma responsabilização maior com relação ao Presidente porque é ele que está lá todos os dias na mercearia. A mercearia foi idealizada pelos/as associados/as da gestão anterior, e eles/as utilizavam o espaço da Associação para ser um lugar de venda de produtos alimentícios e, na época, o atual Presidente assumiu a responsabilidade de administrar a mercearia. Por esse motivo, os/as demais associados/as já criam uma visão de que a Associação precisa ser organizada por quem está usufruindo do espaço.

Na escrita sobre políticas públicas, Daniel Maniçoba colocou que políticas públicas são programas do Governo Federal, Municipal e Estadual, direcionados ao povo, que visam melhorar a qualidade de vida das pessoas. Ele então explicou sua frase falando que:

“Eu quis colocar assim, porque bem, bem simples, e toda a política pública, né? Ela vem antes, antes de um debate, né? Ninguém vai chegar aqui do lado de Brasília, chega aqui e dizer que dizer aqui que a gente precisa disso aqui e vim fazer, não, não existe, porque às vezes vai colocar porque tem coisa que a gente não precisa, né? Viu? E a política pública, a nível de estado, né? Teve a identificação através da água. É, tem a questão da identidade dos produtos. No caso do governo federal, as políticas públicas de fazer com que a nossa vida não ficou tão diferente da vida do setor urbano no rural. Então quando o Lula veio para implementar essas políticas públicas. Ele vem justamente para dar mais dignidade as pessoas no lugar onde eles moram. Porque se você mora num lugar aqui, e se você não tem uma política pública que faça com você permaneça no seu território você vai ter que se deslocar, né? Vai ter que fazer a retirada, então o que eu entendo é isso, que a política pública ela tem que ser direcionada para que permaneça as pessoas no lugar onde mora de forma digna, morando de forma digna” (Damião Maniçoba, 2023).

Ficou claro através da fala do participante que ele tem uma noção sobre o que é uma política pública e a sua finalidade. Ele citou algumas políticas que já foram implementadas na Associação, como o PRONAF, política da qual ele já foi um beneficiário. Para ele, as políticas públicas oferecem oportunidades de melhoramento para a Comunidade. Minha mãe, que estava presente, citou a importância dessas políticas para a minha formação e para a de minha irmã e irmão:

Então sem essas políticas públicas eu não teria condição de manter ela. não teria condição de pagar uma faculdade, então hoje não teria estudado nem ela nem Patrícia. E até mesmo Natan que agora ele tá terminando particular, mas porque foi escolha dele. Mas se ele quisesse também na pública continuaria (Helena Fécula de Mandioca, 2023).

Então, Helena Fécula de Mandioca falou sobre a importância dessas políticas para que eu pudesse cursar o nível superior. Eu sempre fui bolsista e, durante praticamente toda a graduação, minha irmã também fez faculdade pública, ingressou através do ENEM. Meu irmão conseguiu uma bolsa da Petrobrás para ser Jovem Aprendiz¹⁰ e ganhou uma bolsa de estudos. Então, a minha família tem muitas experiências com relação às políticas públicas.

Em seguida, iniciamos a montagem de uma árvore. Eu expliquei que a raiz da árvore significava o território, o caule as políticas públicas, as folhas representavam as políticas que já tinham sido ou estão sendo implementadas na ASPRUMI e os frutos as consequências dessas políticas. Colamos a raiz e o caule em um papel metro, e um dos participantes anotou em cada folha as políticas que já aconteceram na Associação. Depois, fomos colando as folhas (**Imagem**

¹⁰ Jovem aprendiz é também conhecido com Lei do Aprendiz, é uma modalidade de emprego que busca a capacitação, orientação e inserção de pessoas de 14 a 24 anos no mercado de trabalho.

20) para, em seguida, fazer uma avaliação sobre cada política e descrever quais foram as consequências dessas políticas escrevendo nos frutos.

Imagem 20: Elaboração da árvore do território e das políticas públicas



Fonte: Arquivo pessoal, pesquisa de campo, 2023.

Ao colar cada fruto na árvore, era relatada a importância da implementação de cada política na ASPRUMI e as consequências que foram vistas na Associação após essas políticas. Refletimos sobre cada uma das políticas, e tivemos o resultado da árvore montada coletivamente, conforme está na imagem abaixo (**Imagem 21**).

Imagem 21: Resultado da confecção da árvore



Fonte: Arquivo pessoal, pesquisa de campo, 2023.

Para sintetizar o que foi escrito na árvore, elaborei o quadro abaixo (**Quadro 5**), com tudo o que estava escrito em cada folha e fruto da árvore. Assim, eles/as lembraram de 12 políticas implementadas na ASPRUMI, e os 12 frutos condizem com as 12 consequências. 4 delas estão em execução na Associação, são elas ATER, PNAE, PAA e Bahia Produtiva.

Quadro 5: Síntese da árvore das políticas públicas e do território

RAIZ - TERRITÓRIO		
CAULE- POLÍTICAS PÚBLICAS	✱ FOLHAS	✱ FRUTOS
	✱ Programa Todos Pela Alfabetização-TOPA	✱ Alfabetização de vários moradores da comunidade;
	✱ Programa Nossa Sopa	✱ Diminuir a insegurança alimentar e despertar o senso de solidariedade;
	✱ Programa Luz para Todos	✱ Economia, qualidade de vida e acesso as redes;
	✱ Programa de Incentivo a Agricultura (Cursos do SENAR)	✱ Diversificação das culturas, aprendizado e economia;
	✱ Programa de Aquisição de Alimentos-PAA	✱ Evitou o desperdício, melhoria financeira dos agricultores, ajuda a moradores de outras localidades, organização da produção;
	✱ Programa Fomento à Agricultura	✱ Incentivo à implementação de uma determinada atividade agrícola;
	✱ Programa Nacional de Alimentação Escolar-PNAE	✱ Fortalecimento da alimentação de qualidade à rede municipal, gerando mais renda para o agricultor;
	✱ Programa Nacional de Fortalecimento da	✱ Aumento da capacidade de produzir mais e melhor;

	Agricultura Familiar-PRONAF ✱ Assistência Técnica e Extensão Rural-ATER ✱ Programa Bahia Produtiva ✱ Programa Mova Brasil ✱ Água para Todos	✱ Acompanhamento no dia a dia das atividades agrícolas além de incentivo à prática da Agroecologia; ✱ Geração de renda, certificação dos produtos, identidade do produto; ✱ Despertou na comunidade o interesse de voltar a estudar, usando o método da educação popular de Paulo Freire; ✱ Melhoria da saúde, o trabalho do dia a dia, o retorno para a comunidade de muitos moradores que tinham ido morar fora.
--	--	--

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo, 2023.

Ao falar sobre o TOPA, os/as associados/as lembraram um Programa que foi importante para a alfabetização de várias pessoas da comunidade. Severino Goma lembrou:

“Teve, porque eu aprendi mais fazer como a ler, escrever as coisas, aprendi muito. Mas assim, pra fazer conta, conta de somar essas coisas, porque eu não sabia muito. Aí me pratiquei, né? Eu aprendi fazer umas contas e tal, ler mais um pouquinho a mais. Eu não cheguei a estudar o programa todo me parece, mas a importância foi o que eu aprendi mais do que eu sabia, já que o programa era importante pra muita coisa, acabei aprendendo, aprendendo um pouquinho mais. E o que a gente aprende não esquece. Eu lembro que eu aprendi e a escrever melhor um pouquinho. Então foi muito importante” (Severino Goma, 2023).

Os benefícios desse programa são vistos na fala acima, pois ele pôde aprender a fazer contas e melhorar a leitura. Severino Goma ainda enfatiza que o que a gente aprende, não esquece. Mesmo sendo um benefício individual, o aprendizado que ele teve envolve o coletivo, pois ele não estudava sozinho; a companhia de outras pessoas, as conversas iam muito além do aprender a ler e conhecer a Matemática.

Segundo a Secretaria de Educação do Estado da Bahia, o Programa TOPA atua na perspectiva da intervenção social e educacional, tendo como objetivo o respeito do direito à cidadania, ao aprendizado e a garantia de uma educação de qualidade. Foi criado pelo Governo da Bahia, para promover maior dignidade e esperanças para a população baiana.

O Programa Nossa Sopa também foi implantado através da ASPRUMI: eu me lembro de quando aconteceu. Eu ia até a sede da Associação com minha mãe para fazer a sopa que era distribuída duas vezes na semana. Tinha uma escala com as mulheres que iam em cada dia. A sopa ia em um pacote já temperada, era só colocar a água para ferver e juntar a massa de sopa dentro da água. Eram dois sabores, carne e frango. No finalzinho da tarde, as pessoas da

Comunidade chegavam lá com suas vasilhas para buscar a sopa. Era uma concha por pessoa da família. Assim, a lembrança é de que

“A gente vinha fazer e as pessoas vinha pegar as suas sopas, levar pra suas casas, algumas tomava sopa. E assim também a gente sente, eu mesmo me senti assim, que estava fazendo alguma coisa útil para ajudar as pessoas, então foi muito bom” (Helena Fécula de Mandioca, 2023).

Ela fala sobre o quanto ela se sentia útil por ir fazer a sopa, sentia que estava fazendo o bem ao próximo, ficava feliz ao ver as pessoas chegando com suas vasilhas para buscar a sopa para suas famílias, e muitos aproveitavam para tomar a sopa na própria sede da Associação, promovendo um momento de encontro entre as pessoas. A partir desse Programa, os participantes e a participante acreditam que houve a diminuição da insegurança alimentar e o despertar do senso de solidariedade.

O Programa Nossa Sopa é um programa do Governo do Estado por meio da Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza- SEDES, em parceria com a Empresa baiana de Alimentos-EBAL, que tem como objetivo combater a fome e a desnutrição de pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Ao perguntar sobre as consequências do Programa Luz para todos, os/as participantes falaram sobre o impacto desse programa para a Comunidade, citando a questão econômica como um dos fatores mais importantes:

“Esse daqui teve um impacto fortíssimo, principalmente na questão econômica da diminuição do que era gasto com o óleo diesel. Economicamente, eu diria que esses foram o que teve maior impacto foi o da luz e da água. O que mudou? A gente não conseguia bomba para pegar água lá de baixo, você vê que tem hoje, até hoje, tem gente assim, mas diminuiu bastante, e a luz você pagava, eu me lembro que as pessoas se cadastravam num programa chamado tarifa social, e que o governo subsidiava o pagamento era 70% do que o governo pagava e a gente pagava 30%, então ele pagava a maioria, e a gente pagava 3 reais, 2 reais, 4 reais o recibo de luz” (Damião Maniçoba, 2023).

Damião Maniçoba refletiu sobre a vida das pessoas da comunidade do Riacho do Miranda após a implantação da energia elétrica, e como as pessoas puderam colocar bombas para levar água para suas casas. Aqui vale ressaltar que a energia chegou bem antes da água, por isso, após a energia, as pessoas puderam ter água encanada. Ele ainda falou que hoje algumas pessoas ainda têm bomba d'água, e falou também sobre o pagamento das faturas de energia que as pessoas pagavam um valor bem menor.

Eu me lembro que quando chegou a energia, meu pai providenciou logo comprar um motor para jogar água, comprou toda a encanação e cavou um poço no fundo do terreno próximo ao riacho do Miranda. Foi a maior felicidade ver que tinha água encanada em casa, e saber que não ia mais precisar carregar água no jegue. Anos depois, chegou a água para a Comunidade: meu pai abandonou o motor que tinha comprado para jogar água para casa, até que recentemente a água da rua não estava mais chegando em casa, e ele teve que voltar à “casinha do motor”, como a gente chamava, para ver se o motor ainda estava funcionando, e começamos novamente a utilizar a água do poço que meu pai tinha feito. Não demorou muito e o motor quebrou, e não teve conserto. Ele comprou uma bomba recentemente para jogar água para casa nos dias que não chega a água da rua.

Outro benefício que a energia trouxe e que foi falado pelos/as participantes foi com relação ao chuveiro elétrico:

“Eu estava lembrando aqui agora que quando a gente chegava em casa da roça de tarde aí eu gostava mais de Água quente aí tinha que acender o fogo de lenha pra esquentar a água, pra tomar banho. Toda tarde tinha que acender o fogo e tal e depois da energia a gente tem um chuveiro elétrico, qualquer hora que a gente chegar, pode tá chovendo e não precisa está fazendo o fogo para esquentar água” (Severino Goma, 2023).

Depois de um dia cansativo de trabalho, ao chegar em casa, era preciso acender o fogo para esquentar água para tomar banho, sobretudo nos dias chuvosos. Eu me lembro desses dias: pegávamos a água no balde em uma caixa, íamos até o fogão à lenha onde estava uma panela com água quente e colocávamos no balde até ficar em uma temperatura ideal para ir tomar banho.

Lembramos também, durante a oficina, que antes da chegada da energia não tínhamos vaso sanitário e, por isso, tínhamos que fazer as necessidades no “mato”. Depois da energia, pudemos ter água na caixa em lugar elevado para ter água no chuveiro, na descarga do vaso e na torneira da pia. Também pudemos ter acesso à conservação dos alimentos com a geladeira, e melhorias na comunicação com o uso do celular:

“Aí eu tava lembrando que naquele tempo que não tinha energia pra saber das pessoas que estavam doentes, por exemplo, Rosilda, a minha irmã. Ela ficou doente, aí precisou internar em Feira de Santana, e a gente tem um tio que mora lá em Feira de Santana. Onde que a gente ia saber da notícia? A gente ia para Santo Antônio, né? Pegava o carro de madrugada, carro de feira para quando chegar lá em Santo Antônio ia comprar aquelas fitas de MDB, aí tinha que falar ligeiro porque se a ficha acabasse não podia mais

falar. Aí eu falava do orelhão, pra perguntar a tio Roque, tia Maria pra ver se tava melhor e tal, ligeiro pra não cair. E hoje os filhos da gente, das pessoas, tá no hospital ou já está por fora e a gente tá conversando, parecendo que tá na beira. É tudo através da energia. Cada canto da cidade tinha três orelhão” (Severino Goma, 2023).

Severino Goma lembrou de como era difícil a comunicação com as pessoas da família que moravam ou estavam em outros locais quando não tinha energia. Ele mencionou um período em que sua irmã ficou internada em um hospital de Feira de Santana e ele precisava se deslocar para Santo Antônio de Jesus para utilizar os orelhões que tinha na cidade. Hoje, como a comunicação foi facilitada, é possível falar com pessoas que estão distantes.

Ao refletir sobre os cursos oferecidos aos/às associados/as pelo Serviço de Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae, os/as participantes da oficina mencionaram a visibilidade que os cursos deram para a Comunidade, pois os professores que iam ministrar os cursos faziam relatórios e eles/as falavam sobre as necessidades da Comunidade, falavam também sobre as amizades feitas com as pessoas da Comunidade nos cursos:

“Esses cursos me trouxe bastante conhecimento, assim, nem só conhecimento assim de fabricar coisa que hoje a gente parou, né? Não faz mais, não fabrica mais nada. Mas assim é conhecimento assim de amizade com pessoas, de sair, passar dias fora e assim, desenvolveu assim uma amizade de pessoas que às vezes a gente só tinha essa oi, oi e pronto, né? A gente acabou de desenvolver além do aprendizado a gente também até ganhou um dinheirinho também” (Helena Fécula de Mandioca, 2023).

Os cursos promoveram para os/as associados/as aprendizados, momentos de interação e fortaleceram o vínculo de pessoas da Comunidade que antes não eram tão próximas. A coletividade foi importante para o aperfeiçoamento dos/as participantes dos cursos. Eles/as destacaram também o fato de sair da Comunidade e ir para outros locais para esses cursos, oportunidades nas quais conheceram outras cidades e ampliaram suas relações.

Os/as associados/as falaram também da importância desses cursos para a diversificação da produção em suas propriedades, visto que antes a plantação da mandioca era a principal fonte de renda, e hoje já é possível ver outras culturas nas propriedades. Assim,

“Aqui só falava de mandioca e plantava. Então a gente não conseguia tirar da mente e plantar outra coisa. Aí plantei uns pés de cacau aqui só para chupar, plantamos no fundo da cozinha e o resto do lugar para trabalhar, era tudo mandioca. E aí depois, quando esses pés de cacau iam frutando que eu tirava e vendia, aí eu via que o dinheiro era mais fácil de que a mandioca. Aí depois eu resolvi plantar mais uns pezinhos, fui crescendo mais o quintal, e depois que tomamos o curso da Associação nos ensinando muitas coisas, a não só ficar plantando mandioca. E aí eu fui me alertando e fui aumentando

o quintal de cacau e diminuindo o lado da mandioca. Ai, hoje eu tenho um quintal já grande, eu já pego já um bandinho de arroba, aprendi clonar através dos cursos eu aprendi, não pago para os outros fazer, eu mesmo fiz. E aí, hoje é bem mais fácil. A gente não tem negócio levantado de madrugada, para ir para casa de farinha, o cacau se estiver chovendo a gente não vai tirar e a mandioca se arrancou, tem que dar jeito, chovendo ou não tem que cuidar dela, tem que torrar, tem que buscar na roça, é um trabalho, tem que fazer as forças. Na hora que começou a arrancar, já foi. E na hora de pegar o dinheiro, que era mais difícil da farinha, de pegar o dinheiro tem as despesas todas, e vai o dinheiro todo. E o cacau é dinheiro livre. Eu sempre converso com Ailton que quando eu pego pra vender e o comprador lá me passa o dinheiro parece que está me dando um presente, não preciso pagar dia a ninguém, dinheiro todo livre” (Severino Goma, 2023).

Nessa fala, há o relato da diferença na produção de farinha e do cacau. As etapas para fazer a farinha são bem trabalhosas: se a mandioca já estiver arrancada, independente se estiver chovendo ou fazendo sol, a farinha precisa ser feita. Além disso, há as despesas com o pagamento dos/as trabalhadores/as e a compra dos materiais: tudo isso gera um alto custo, e a farinha não é valorizada, pois é vendida para o atravessador. Assim, o preço pago é baixo, se comparado com os mercados. Já o cacau, a pessoa não precisa pagar o dia a alguém para a colheita, e na hora da venda o dinheiro é “livre”, não tem despesas para pagar.

Vejo isso na propriedade de meu pai: antes, com a produção da farinha, ele tinha um trabalho muito maior para fazer a farinha. Hoje, ele e minha mãe conseguem colher o cacau e, em casa mesmo, fazem a secagem dos grãos. O cacau facilitou bastante a vida de meus pais. É claro que ao pensarmos na diversificação da cultura estamos pensando nas individualidades de cada um/a, mas os cursos realizados através da coletividade têm beneficiado individualmente os/as associados/as.

O Programa Fomento Rural foi um programa em que 10 associados receberam um valor de R\$ 2.400,00 não-reembolsáveis com a finalidade de incentivar a diversificação da produção. Nenhum dos presentes na oficina receberam o fomento, mas eles falaram que aqueles que receberam compraram pintos para criar, porcos e outros fizeram hortas. Nesse sentido, foi um incentivo para as famílias beneficiadas.

Segundo o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social – MDS, o Programa Fomento Rural combina duas ações: acompanhamento social e produtivo e transferência direta de recursos financeiros não-reembolsáveis, para que as famílias rurais mais pobres possam desenvolver seus projetos produtivos.

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF foi outra política que, por intermédio da Associação, facilitou o empréstimo junto ao banco para o desenvolvimento de atividades da agricultura familiar. Na opinião de Severino Goma:

“Então esse programa do PRONAF foi muito bom, eu naquele tempo tirei, depois eu parei, quando eu comecei a aumentar o cacau, eu tirei de novo, quando começava a clonar. No ano passado, vai fazer 2 anos, peguei um empréstimo, vou pagar nesse ano que vem. Aí eu fui lá para fazer o secador de cacau, ele sai para secador de cacau, é para fazer o galpão, se não tiver galpão para botar cacau. E aí o projeto é de 6 mil. Aí eu tirei o secador a lenha. Então é uma ajuda muito boa que o governo federal dá as pessoas. Quando a gente trabalha certo, a gente pega o dinheiro para aquelas coisas certas e a faz a investida, né? Então a gente vê a recompensa daquele dinheiro, ainda tem um bônus ainda que o governo federal, dar as pessoas, então foi, e tá sendo bom” (Severino Goma, 2023).

Através do PRONAF, os/as agricultores/as podem ter recursos para as atividades agrícolas. Como no depoimento acima, o/a beneficiado/a fez um empréstimo para a construção de um secador de cacau. Os benefícios dessa política são individuais, mas através da ASPRUMI, os/as associados/as tiveram a orientação de que eles/as poderiam fazer esses empréstimos para facilitar as suas atividades agrícolas.

O PRONAF é um programa destinado ao apoio financeiro para as atividades agropecuárias realizadas mediante a força de trabalho do produtor e sua família. Segundo o Decreto nº 3.991 de 30 de outubro de 2001, o PPRONAF tem por finalidade promover o desenvolvimento sustentável do meio rural, por intermédio de ações destinadas a implementar o aumento da capacidade produtiva, a geração de empregos e a elevação da renda, visando a melhoria da qualidade de vida e o exercício da cidadania dos agricultores familiares.

O Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (Mova Brasil) na Comunidade teve resultados positivos. A minha mãe, que participou do projeto, falou que *“A minha experiência foi ótima. O Mova Brasil até a gente teve até teatro aqui”*. Ela sempre lembra das aulas que eram bastante dinâmicas, fizeram um grupo de teatro com a turma e, segundo ela, foi um incentivo para estarem presentes:

“Porque assim, foi bom, é era divertido, não era só, assim... Era porque eu acho que incentivava mais a gente, era um divertimento, não era Carlos. Era porque era assim, a gente estudava, mas tinha diversão também. Assim, aquela diversão de teatro, de aquela coisa assim que envolvia mesmo as pessoas aí assim. É, eu não sei muito explicar, mas era mais ou menos por aí” (Helena Fécula de Mandioca, 2023).

Ela falou da importância das atividades que eram desenvolvidas durante as aulas, que não era somente o estudar, mas sim as práticas do cotidiano que eram utilizadas como

ferramenta de ensino-aprendizagem. Foi mencionado também que não houve muitas desistências no decorrer do ano letivo. No entanto, esse programa só durou um ano. Ao falar sobre a utilização de temas do cotidiano, o associado falou que

É porque assim, o que é que era que fazia com os alunos para que tivessem acessibilidade, como mostrar o interesse em estudar? Porque o método de Paulo Freire de usar as ferramentas do cotidiano. Entendeu? Como a didática para as pessoas, assimilar mais o código da escrita e da matemática, então, a irmã trabalhava com enxada, foice... a gente colocava essas ferramentas, e aí colocava as frutas da região com ferramenta de aprendizagem e aí mostrava no dia a dia aquilo que eles faziam. Ficava mais fácil o aprendizado. Eles ficavam mais interessados no método do Paulo Freire e na educação popular e ficava mais interessante a direção da aula. Porque não é só a questão de chegar lá e dizer é assim e assado. Tinha hora que você tinha que usar um programa, um de saúde, né? E aí chegava já na sala nós vamos falar hoje sobre saúde e aí usava um tema e as pessoas ficaram interessadas” (Damião Maniçoba, 2023).

Conforme o relato, eles utilizavam o método de Paulo Freire, porque foi ele quem criou o MOVA-Brasil, então, eram sempre utilizadas ferramentas do cotidiano para que o aprendizado fosse baseado nas experiências de vida dos alunos.

Segundo o Instituto Paulo Freire, o Projeto MOVA-Brasil foi inspirado no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos – MOVA criado por Paulo Freire, cujo objetivo era inclusão social e a garantia do direito humano à educação, a redução do analfabetismo no Brasil, a geração de trabalho e renda para, através disso, contribuir para a construção de políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos – EJA. No projeto, a ação metodológica é desenvolvida com base na leitura de mundo do educando, buscando mapear as situações do contexto de vida em que estão inseridos.

Sobre a chegada da água, os/as associados/as falaram sobre a melhoria da qualidade de vida de todas as pessoas da Comunidade, pois antes as pessoas não bebiam água tratada, e agora podem ter melhor saúde:

“Eu diria que o impacto maior foi dar mais saúde as pessoas, melhorar o sistema de saúde, de todas as pessoas daqui. E você sabe, não é? A gente usava água que às vezes não tinha filtro, muita gente não tinha filtro ou não se fervia a água, e a gente veio com um sistema de água para ser tratado, né? E aí se trouxe mais saúde. Além de fazer com que muitas pessoas que moravam e saíram daqui, foram morar lá em outros locais, voltassem para a região. Eu me lembro muito bem que muitas pessoas que moravam aqui e saíram voltaram a morar aqui por causa da água. Os filhos de Benito, muita gente mesmo veio morar aqui por causa do sistema de água” (Damião Maniçoba, 2023).

A partir da fala acima, pode-se observar que pessoas voltaram a morar na Comunidade após a chegada da água. Hoje as pessoas podem utilizar água tratada em suas casas e, com isso, a qualidade de vida das pessoas melhorou. Para as mulheres, esse benefício foi ainda maior, pois elas que desempenhavam a função de ir para o rio buscar água:

“As consequências é que me tirou do riacho. Me tirou do caminho do riacho e de ir pro rio. E que nessa questão assim da água, foi até melhor assim, em questão até de trabalho mesmo porque, por exemplo, hoje a roupa que eu lavo, por exemplo, a que eu lavo roupa hoje, aí, se eu fosse para o rio era o dia todinho. Então, já também já me ajudou em sair porque... Por exemplo, eu lavo as minhas roupas e dá tempo fazer minhas outras coisas. Ainda sobra ainda um tempinho ainda. Apesar que esses dias a gente está sem, né?”
(Helena Fécula de Mandioca, 2023).

A chegada da água para as mulheres fez com que elas não fossem mais para o rio, nem lavar roupa, nem buscar água. Hoje elas conseguem ter mais tempo para outras tarefas, porque se fossem para o rio como antes, perdiam praticamente um dia inteiro. No entanto, como já foi falado anteriormente, a água não tem chegado em todas as casas, como no início.

Essa é uma fala sobre as melhorias vistas pelas associadas com a chegada da água, mas é uma fala que representa as muitas mulheres da Comunidade que tinham essa difícil responsabilidade do cuidar da casa, da roupa limpa, da água para fazer comida, e de todas as outras atividades domésticas que utilizam água. Infelizmente, ainda há tarefas que são responsabilidade das mulheres, sobretudo as atividades domésticas. Essa divisão do trabalho pode ser vista também na produção da farinha da mandioca, em que os homens têm a função de ir para a roça arrancar mandioca, torrar a farinha e as mulheres têm a função de raspar.

Quando as mulheres vão para a roça, é para carregar a mandioca no jegue até a casa de farinha. Os homens raspam mandioca no horário de meio-dia, quando estão aguardando a hora de retornar para a roça. Então, é importante reconhecer o valor do trabalho das mulheres da roça, pois, na maioria das vezes, o trabalho das mulheres é visto como “mais leve” e o dos homens o “trabalho pesado”.

A implementação da água na Comunidade se deu por intermédio da Companhia de Engenharia Elétrica e de Saneamento da Bahia-CERB. O site da Companhia explica como se dá atuação da CERB na Bahia, sendo uma sociedade de economia mista vinculado à Secretaria de Infraestrutura Hídrica e Saneamento-SIHS cujo objetivo é garantir a oferta de água para a melhoria da qualidade de vida e do desenvolvimento sustentável.

O Programa de Aquisição de Alimentos – PAA foi outra política implementada na ASPRUMI e que gerou bons resultados segundo os/as associados/as. Eles/as sempre falam

sobre os benefícios que o PAA trouxe para a vida deles/as, como também das pessoas que eram beneficiadas com os produtos: *“O PAA esse também foi muito bom, evitou o desperdício. E além de evitar o desperdício a gente já ganhava uma financeira, e a gente não pode só pensar na nossa parte porque também ajudou as pessoas que estavam lá necessitando”* (Helena Fécula de Mandioca, 2023).

O PAA foi desenvolvido na ASPRUMI através da modalidade compra com doação simultânea. Os/as associados/as entregavam seus produtos, recebiam por isso, e esses alimentos eram levados para famílias em situação de insegurança alimentar do próprio município. Essas famílias eram identificadas pelo Centro de Referência da Assistência Social – CRAS. No entanto, a Associação ficou sem participar do PAA por alguns anos, retornando a sua participação agora, pois conseguiu ser contemplada no último edital do programa.

Segundo o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, o PAA foi criado pelo artigo 19 da Lei nº 10.696, de 02 de julho de 2003, e possui duas finalidades básicas: promover o acesso à alimentação e incentivar a agricultura familiar. Para o alcance desses dois objetivos, o programa compra alimentos produzidos pela agricultura familiar, com dispensa de licitação, e os destina às pessoas em situação de insegurança alimentar e nutricional e àquelas atendidas pela rede socioassistencial, pelos equipamentos públicos de segurança alimentar e nutricional e pela rede pública e filantrópica de ensino.

O PAA também contribui para a constituição de estoques públicos de alimentos produzidos por agricultores familiares e para a formação de estoques pelas organizações da agricultura familiar. Além disso, o programa promove o abastecimento alimentar por meio de compras governamentais de alimentos, fortalece os circuitos locais e regionais e redes de comercialização, valoriza a biodiversidade e a produção orgânica e agroecológica de alimentos e incentiva hábitos alimentares saudáveis e estimula o cooperativismo e o associativismo (Brasil, 2017).

Ao falar sobre o PNAE, os/as associados falaram sobre a importância dessa política para os/as agricultores/as familiares e para a promoção de alimentos de qualidade para os estudantes das escolas públicas do município. Damião Maniçoba compreendeu que

“Fornecer a alimentação de qualidade ao aluno do município. Sabendo da procedência, entendeu? O fornecimento da alimentação de qualidade da rede municipal gerando mais rendas. Se tivesse muito aluno no município seria melhor do que o PAA. Impressão é melhor. Mas como é pouco” (Damião Maniçoba, 2023).

Através do PNAE, os/as associados/as puderam comercializar seus produtos para a merenda escolar. Eles sempre apontam a questão da geração de renda, enfatizando que o valor pago é bom, mas a demanda de alunos no município é pouca. Além da questão financeira, falaram também sobre o quanto era importante o dia das entregas, em que havia o encontro dessas pessoas, o trabalho coletivo para pôr as coisas no carro, e demais ações que poderiam ser desempenhadas coletivamente.

Sobre os serviços prestados pela Assistência Técnica e Extensão Rural – ATER, eles/as relataram o quanto foi bom para os/as associados terem o acompanhamento de técnicos nas suas propriedades. O primeiro acompanhamento durou três anos, com dois técnicos da UNISOL prestando serviço na Comunidade:

“Além de acompanhar durante 3 anos, tudo no dia a dia, ela também trouxe outro benefício de dá uma orientação na questão dos editais públicos, mas... Olha o grande impacto mesmo foi a questão da gente de ter o acompanhamento nas nossas lavouras. E como a gente deveria melhorar nossa produtividade, é estar sempre dizendo aqui ó, faça dessa maneira, é melhor você faça assim, porque a gente tomou vários cursos, mas, assim oh, esse cacau seu aqui, a folha está seca e precisa de uma adubação, precisa de uma correção, não sei o que” (Damião Maniçoba, 2023).

Os técnicos davam as orientações de como cuidar melhor do solo, quais adubos utilizar e faziam a análise do solo para fazer a correção do pH através do calcário. Após o acompanhamento dos primeiros técnicos, já houve acompanhamento com outro técnico em parceria com a Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional-FASE. Atualmente, as visitas técnicas a partir da UNISOL retornaram. Podemos perceber que a ASPRUMI está sempre se articulando com outras entidades, outros atores que estão nas territorialidades construídas pela Associação, nas suas relações econômicas, sociais, dentre outras.

O Bahia Produtiva foi uma política mencionada pelos/as associados/as, e está acontecendo atualmente na Comunidade através da unidade de beneficiamento da farinha de mandioca:

“O Bahia Produtiva é um programa que ele tem como linha principal a montagem de uma agroindústria, certo? Para que você tenha o selo de inspeção que possibilite você vender o seu produto daqui direto para as prateleiras de supermercado, então isso aí é o objetivo principal do programa, e também incentivar na parte da comercialização, porque a partir do momento que você tem a sua fábrica, ela pôs esse certificado nos produtos com esse certificado, você vai acessar o mercado com mais facilidade e isso

vai melhorar a sua comercialização do produto, então, o objetivo do programa é esse, a gente aqui da Associação pensou dessa maneira, a gente fazia a nossa farinha e aí a gente não conseguia vender de forma direta do produtor ao consumidor. Tinha que vender a um atravessador. Até hoje é assim, pra esse atravessador revender para um comerciante, para esse comerciante revender para o consumidor final, então, olha o quanto a gente perdia (Damião Maniçoba, 2023).

Torna-se possível compreender o objetivo da implementação dessa agroindústria e, a partir dela, haverá uma maior valorização da farinha de mandioca que é produzida na Comunidade e que é vendida para o atravessador. Os/as agricultores/as perdem a maior parte do lucro por seus produtos não irem diretamente para o mercado. Na oficina, falaram que a farinha que eles/as fazem é vendida em Santo Antônio de Jesus. Essa cidade “ganha a fama” de produzir a farinha, sendo que a farinha é de municípios circunvizinhos, como Jaguaripe. Os/as associados/as falaram também que através da agroindústria todas as partes da mandioca vão ser aproveitadas:

“vai evitar o dano do solo, porque a maioria das casas de farinha, toda as águas que sai fica no solo, não é isso? na beira da casa de farinha sabe tem aquele fedor retado que é pra o Sol fazer aquela erosão, mais para as pessoas que tá do lado é uma beleza, né? Mas a hipótese então é mata tudo. Então, até o se sair a água naquela hora, se teve algum bicho que bebeu, morre. Então a gente tem essa preocupação. Lá, tem uma captação dessa água que ela vai ser armazenada para utilizar como fertilização, utilizar como alimentação animal, também utilizar, como adubo, depois ela é decantada e tal. E a raspa vai ser secada ensacada para ser vendida como ração animal e como adubo orgânico também, entendeu? Então tem uma, além da casa de farinha do lado vai estar a cozinha que vai ser processado os derivados da mandioca. Quando ele fala o derivado da mandioca é da goma, que é derivado da mandioca. Pra gente fazer biscoito, né? Isso aí quando fez a manifestação de interesse para trazer essa fábrica era só farinha. Quando chegou aqui o consultor do Sebrae para fazer o plano de negócio eu disse, rapaz, o seguinte: esse pedido, mas eu preciso do lado dessa fábrica de uma cozinha comunitária, onde a gente possa processar os derivados da mandioca, tem como? Ele fez, tem! Então você coloca aí porque a área lá tem 144 m já tá subdividida. O galpão já tá feito de um lado para fazer farinha, do outro lado da cozinha comunitária para produzir biscoito, beiju, tapioca granulada, goma fresca, biscoito voador, sequilho e pão” (Damião Maniçoba, 2023).

No excerto acima, o associado fala sobre todas as atividades que serão desempenhadas na unidade de beneficiamento da mandioca. Será aproveitada a manipueira da mandioca para produção de fertilizantes, e a casca será utilizada como ração para animais; além da produção da farinha de mandioca, foi feito o pedido da cozinha para a produção de biscoitos, beiju, tapioca e outros derivados.

Segundo a CAR, o Programa Bahia Produtiva é um projeto desenvolvido pelo Governo do Estado da Bahia, executado pela CAR, que é uma empresa vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural-SDR, a partir de um acordo feito entre o estado e o Banco Mundial, que tem como objetivos aumentar a integração ao mercado, promover a segurança alimentar e nutricional; melhorar a infraestrutura básica necessária para apoio à produção e a comercialização; promover a inclusão econômica de mulheres, jovens, povos indígenas, comunidades tradicionais e empreendedores da economia solidária; fortalecer a capacidade das associações comunitárias/organizações de produtores para elaborar, implementar e gerir os subprojetos; e, promover a adoção de práticas de gestão sustentável de recursos naturais em áreas de produção, tendo como área de atuação os vinte e sete territórios de identidade da Bahia. (CAR, s./d)

Ao chegar ao final da oficina, os/a participantes fizeram uma reflexão sobre a trajetória da ASPRUMI até os dias atuais. Eles/as falaram que até 2017 havia um bom índice de políticas na Associação, mas que tudo mudou. Refletiram ainda sobre a falta de transparência da gestão, a falta de comprometimento e responsabilidade. Também mencionaram o fato de os equipamentos da Associação estarem sendo destruídos, como é o caso do caminhão que. Segundo um participante, ele foi perguntar sobre o que iria ser feito com o caminhão, mas não obteve resposta. Os/as associados/as também questionaram a escolha do atual Presidente. O argumento utilizado para a sua eleição foi o fato de ele já estar na administração da mercearia, o que fez com que, para os/as associados/as, ele parecesse uma boa escolha.

Sobre essas questões, não trarei as falas para não comprometer os participantes. No entanto, o que observo em todas as oficinas realizadas até o momento é que sempre há uma insatisfação dos/as associados/as com relação à atual gestão. Essa culpa acaba recaindo mais sobre o Presidente. Por outro lado, como já foi falado anteriormente, há sempre uma culpabilização do outro, das responsabilidades que cabem ao outro e não a si mesmo. Há sempre o questionamento pela falta de transparência, e não sei se isso está gerando o afastamento dos/as associados. Encerrei a oficina com a sensação de que havia cumprido mais uma etapa e que naquele momento só faltava mais uma que, por sinal, já deixei agendada.

3.4. PARTICIPAÇÃO NO CONTEXTO DO ASSOCIATIVISMO: O OLHAR PARA SI

Segundo Milani (2008), as origens do discurso de participação são múltiplas. São encontradas referências para a necessidade do uso de ferramentas que sejam participativas nos manuais de agências internacionais que cooperam com o desenvolvimento no contexto dos

programas de Estado que visem a descentralização e também nas práticas locais que afirmam promover, a partir da participação dos cidadãos, estratégias de inovação e democracia local. Nesse sentido, “a participação é reivindicação histórica de alguns movimentos sociais, por exemplo os relacionados à pauta dos trabalhadores rurais sem-terra, à gestão de políticas urbanas ou à educação popular” (Milani, 2008, p. 554).

A participação é uma reivindicação histórica de determinados movimentos sociais, enfatizando seu papel na busca por mudanças e na construção de uma sociedade mais justa e participativa. Quando o autor menciona “alguns movimentos sociais”, fica reconhecido que nem todos os movimentos têm a participação como uma reivindicação central. No entanto, alguns exemplos são mencionados, como os movimentos relacionados aos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, à gestão de políticas urbanas e à educação popular, a participação é um elemento fundamental de suas lutas e reivindicações.

A quarta e última oficina teve como tema “Participação no contexto do associativismo”, conforme planejado¹¹. Os objetivos da oficina foram compreender quais os principais problemas sociais e de participação da ASPRUMI, e perceber como deve se dar uma efetiva participação na ASPRUMI.

Figura 13: Convite par a quarta oficina



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

¹¹ Ver Apêndice E.

A última oficina aconteceu no dia 17 de dezembro de 2023. Ao contrário das anteriores, propus realiza-la pela manhã, porque à tarde teria um casamento do filho de um morador da Comunidade e algumas pessoas da Associação iriam. Por isso, marquei para às 9h. Durante a semana, organizei os materiais, comprei os itens para fazer um cuscuz de tapioca com coco e um cuscuz de milho com ovo. Nossos alimentos expressam o nosso lugar e nossa cultura.

Na sexta que antecedeu a oficina, à noite, comecei a sentir um mal-estar, sensação de febre, corpo dolorido e não consegui dormir. No sábado pela manhã, fui para a casa de meus pais ainda me sentindo mal: fiquei o dia inteiro doente, tomei remédios e chás. No domingo pela manhã, acordei melhor das dores no corpo, mas com muita dor no estômago. Acredito que os remédios que eu tinha tomado no dia anterior afetaram o meu estômago. Minha mãe disse “Faça um chá de alumã que você vai melhorar”. Então, fui no quintal, peguei umas folhas de alumã fiz o chá e tomei, não demorou muito eu já estava me sentindo melhor. Fazer pesquisa em casa é ter a família como esteio de todos os momentos.

Fiz o cuscuz, minha mãe fez o café e fomos para a Associação. Ao chegar lá, o Presidente já tinha deixado a chave com um participante da oficina porque ele não estaria presente. Não demorou muito chegaram algumas pessoas e comecei a oficina. Os participantes da quarta oficina foram Teodoro Manipueira (participou da primeira e segunda oficina); Damião Maniçoba (participou da segunda e terceira oficina); Severino Goma (participou da primeira e terceira oficina); Helena Fécula de Mandioca (participou da terceira oficina); Tereza Mandioca Mansa (Primeira vez participando); Clara Beiju (primeira vez participando) e Marlene Tacacá (primeira vez participando).

Iniciei a oficina agradecendo pela presença dos/as associados/as e fiz uma roda de conversa com eles/as para que eles/as avaliassem se há problemas na participação dos/as associados/as da ASPRUMI. A primeira fala sobre a participação na Associação já denotou essa falta de participação quando o associado falou que

“não estou participando das reuniões mensais, mas eu acho que a participação ainda é, dentro daquilo que a Associação prega, ainda é bem participativa, embora muitas pessoas se afastaram, e o motivo, cada um tem os seus motivos, mas eu acho que Associação ainda tem uma boa participação nas suas reuniões, agora dizer que precisa melhorar essa participação, precisa” (Damião Maniçoba, 2023).

Ele refletiu que não tem participado das reuniões, mas que acredita que a participação está dentro do que é esperado, que as pessoas são bem participativas, mas tem muitas delas que se afastaram. No final de sua fala ele se contradisse, dizendo que precisa melhorar essa

participação. Dessa forma, com base em seu depoimento, observo que não está acontecendo uma efetiva participação na ASPRUMI. Isso se refletiu na fala de uma associada que complementa a fala anterior, dizendo que

“precisa muito, porque a participação, por que se tem quantas pessoas associadas? aí quando marca uma reunião só tem quinze ou vinte, e os outros? aí se há uma participação, eu acho assim, eu participo e vejo o quanto que é importante pra gente, uma Associação, que já chama o que? uma Associação, então Associação, é todos juntos ali, e se der errado é pra todos juntos ali, e se der também certo, todos ficam feliz, e se der errado todos está ali juntos, ali assumindo o erro, todos juntos, se tiver uma participação todos juntos fica melhor de reconhecer se tá errado ou se tá certo” (Marlene Tacacá, 2024).

Quando ela falou que “precisa muito”, estava se referindo à participação que precisa melhorar muito, reforçando o que o associado tinha dito. Ela fez uma reflexão questionando quantas pessoas associadas tem e por que sempre apareceram poucas pessoas nas oficinas. Para ela, todos/as deveriam estar juntos assumindo os erros e acertos, já que é uma Associação, uma união de pessoas. No entanto, coube o questionamento do quanto ela também é uma participante ativa, já que ela não tem noção de quantos/as associados/as a ASPRUMI tem. A conversa sobre a questão da participação continuou e Severino Goma refletiu no sentido de:

“Na verdade não é em todas as reuniões que eu venho também não, tem vez que eu levo um tempo sem vim, mas quando eu venho eu noto que a participação das pessoas é pouca mesmo, aí tem vez que tem quinze pessoas, tem reunião que vem dez, quando vem muito é vinte, mas é de vinte pra cá, então as pessoas não estão muito presentes, mesmo assim tão né, mas pelo tanto de associado que tem, era pra ter mais gente vindo, mas mesmo assim ainda vem, mas não vem o tanto que a gente espera que venha, mas se as pessoas vinse mais era mais importante, aí vem os projetos, vem as coisas acontecendo, aí quando a gente não vem, primeiro tenho que falar de eu, quando eu não venho, eu fico desinformado das coisas que tá acontecendo, aí eu não sei, e também não posso ficar perguntando as pessoas que veio pra Associação, foi o que que aconteceu lá? porque eu já não vim, como é que eu posso tá perguntando se eu não vim, o certo é eu vim, o importante é a gente vim pra ouvir aqui” (Severino Goma, 2023).

Ele admitiu que também tem faltado às reuniões, que não está tão presente nas reuniões. Mesmo assim, ele tem notado que a participação das pessoas tem sido pouca, e ele reconheceu a importância de participar, porque quando ele não participa, ele não fica sabendo sobre os projetos, sobre o que está acontecendo na ASPRUMI, e ele entende que se ele não foi, como vai ficar perguntando, porque o importante é estar presente.

Em todas essas falas, os/as associados/as percebem a importância de participar, mas dizem não têm participado como deveriam. Por isso, cabe refletir sobre os motivos que têm levado à pouca participação desses/as associados/as.

Os/as associados/as lembraram de um episódio que tinha acontecido dias atrás na Associação, quando foi ofertado um curso para a produção de derivados da mandioca, como pães, pizzas, biscoitos, sorvete e outros. No entanto, a quantidade de pessoas que participaram foi bem abaixo do esperado. Indaguei se isso não era um reflexo da participação, e obtive a resposta:

“Claro que é um reflexo, a gente aqui não pode pontuar o porque dessa falta de participação, mas a gente tá mais ou menos, com o que é que as pessoas não estão devidamente participando, uma Associação que tem o que tem, ela é vista lá fora como uma Associação rica, pela quantidade de patrimônio, pelo aquilo que já conseguiu, pelo projeto que tá em andamento, era pra ter uma participação maior, mas quem pode explicar melhor isso é a diretoria executiva, porque eu tô de fora, eu sou associado, tô em dias com minhas obrigações, e eu posso questionar, tenho esse direito de questionar, principalmente a gente que já foi gestor da Associação, e a gente tem que questionar mesmo, do porquê que está assim, tem que ter um motivo, agora quem tem que dizer isso é a diretoria executiva, porque assim, se o ser humano, qualquer um que seja não olhar pra ele mesmo reconhecer os erros que comete e ter a humildade de dizer que está errado e que errou e tá querendo se corrigir, você cresce como ser humano, mas quando a pessoa não olha pra si, não reconhece os erros que comete” (Damião Maniçoba, 2023).

Ele reconheceu que há uma falta de participação dos/as associados/as mesmo com todo o patrimônio que Associação possui, e mais uma vez surgiu a estratégia de pôr a culpa no outro, pois ele diz que está adequado com suas obrigações, ou seja, com o pagamento das mensalidades, e que esse seria um problema da diretoria. O que fica subentendido é que a diretoria tem errado, mas não tem assumido seus erros. No decorrer de sua fala, ele também apontou que deveria ter uma reunião de alinhamento da direção juntamente com o conselho fiscal para rever suas ações, e em reunião com os associados reconhecer as falhas e tentar melhorar. Foi dito também sobre um dos fornos que a Associação recebeu para a panificação e que está tomando chuva e sol, e isso gera uma visão negativa para a Associação.

O que observei é que na ASPRUMI não tem acontecido uma dialogicidade entre associados/as e diretoria, o que tem gerado os conflitos que não estão sendo resolvidos pela falta de comunicação.

As mulheres que estavam presentes na oficina relataram sobre o curso, falando que não houve uma explicação por parte do Presidente dos detalhes do curso, e que, quando a professora

que ministrou o curso chegou e não encontrou as coisas organizadas, ficou muito chateada, pois todos os materiais para a realização do curso já tinham sido entregues ao Presidente e ele tinha confirmado que teria trinta pessoas no curso. Quando a professora chegou, só tinha cinco. Sobre isso:

“Na verdade quando ela chegou, Amâncio Crueira tinha saído, ela já ficou chateada quando não viu as coisas em ordem, procurou café da manhã, não tinha, que tu viu a discussão aqui, que até Fulana levantou que Amâncio Crueira não falou com ninguém pra fazer esse café da manhã, até então a gente nem sabia disso, aí quando Amâncio Crueira chegou ela disse, mas Amâncio, cadê as pessoas? cadê o café? ela só fez algumas perguntas, só que ela tava com tanta raiva que ela só fez mesmo... ela chorou mesmo, eu sei que ela chorou amargamente, ela, Amâncio cadê as coisas que você não organizou? cadê as pessoas? e assim, também Amâncio não respondeu nada, não tinha o que responder” (Helena Fécula de Mandioca, 2023).

No relato acima, é possível perceber que houve uma falta de organização para a realização do curso. Quando a ministrante do curso chegou e não encontrou nada organizado, ela chorou. Segundo o relato, a professora chorou de raiva por ver que todos os materiais estavam lá, tanto do curso quanto das refeições, e eram alimentos para trinta pessoas, e o Presidente não tinha comunicado nenhum/a associado/a para organizar pelo menos o café.

Esse curso gerou várias discussões no grupo dos/as associados/as, e na reunião mensal da qual eu participei. Na ocasião, a própria esposa do Presidente falou que ela não tinha sido comunicada sobre o que era pra ser feito no dia do curso. Houve uma discussão acalorada entre o Presidente e a sua esposa, pois ela estava defendendo as mulheres que foram para o curso e tiveram que ouvir falas da ministrante do curso por falta de organização, mas que, segundo a esposa do Presidente, a culpa foi dele por não ter comunicado os detalhes do curso.

Eu sugeri que criassem comissões dentro da Associação para que a responsabilidade não ficasse somente para o Presidente, mas a esposa do Presidente me falou que isso já havia sido falado anteriormente, mas que o Presidente falou que não era necessário, porque já tinha o grupo da Associação e eles/as se comunicariam por lá.

Nisso tudo, pode-se reforçar que há falhas na gestão no que diz respeito ao planejamento e organização da ASPRUMI, tendo em vista que a Associação é uma instituição que não tem se organizado para a realização de planejamentos, o que gera uma falta de clareza sobre as prioridades da Associação.

Quando eles/as perceberam que há problemas na participação na ASPRUMI, dei então a eles/as uma folha de papel para que eles/as anotassem as suas opiniões sobre o que tem causado essa pouca participação. Após dar um tempo para que pudessem escrever, eles/as

compartilharam suas respostas, e fui escrevendo em papel metro a conclusão a que eles chegaram (**Imagem 22**).

Imagem 22: Elaboração do quadro sobre os principais problemas de participação na ASPRUMI



Fonte: Arquivo pessoal, pesquisa de campo, 2023.

No decorrer da atividade, cada associado/a falou sobre o que eles/as consideram como principais problemas da participação na ASPRUMI, e eu fui anotando as falas que mais se repetiam no mural, conforme mostra a imagem acima. Uma das associadas falou o que tinha escrito, afirmando que:

“para que as coisas aconteça de fato na Associação, os participantes deve ter mais participação, não esperar apenas pelo presidente, porque se é uma Associação não para apenas uma pessoa resolver, e sim o compromisso é para todos os envolvidos, e quando acontecer um problema ou erro, saber assumir e entender que na Associação tem que ter união, responsabilidade e força de vontade, respeito entre si” (Clara Beiju, 2023).

Para ela, os/as associados/as deveriam participar mais, não ficar esperando só pelo presidente; todos/as precisariam assumir suas responsabilidades, ter respeito e força de vontade para que as coisas de fato aconteçam na Associação. Essa fala foi muito importante para mim, porque foi a primeira vez dessa associada na oficina, e ela já chegou falando que não sabia falar, uma jovem, tímida, e ao terminar sua fala, eu a parabeneizei, e disse que sua fala foi muito importante. Todos/as falaram suas respostas e eu as sintetizei no quadro abaixo (**Quadro 6**):

Quadro 6: Os principais problemas da participação na ASPRUMI

Principais problemas relacionados a participação
Falta de compromisso
Falta de Interesse
Falta de União
Individualismo

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo, 2023.

Houve um momento de reflexão sobre os problemas citados, e os/as participantes da oficina concordaram que o maior problema da participação é o individualismo, porque os/as associados/as só têm pensado em si mesmos. Expuseram, por exemplo, que quando tem uma reunião para discussão de alguma política da Associação, as reuniões enchem de pessoas, mas quando não há o interesse pessoal, a presença reduz significativamente. Falaram também sobre a falta de comprometimento:

“comprometimento, entre aspas diretoria e associados, não adianta ser só comprometimento da diretoria, responsabilidade, diretoria e associados, que a diretoria pode ser responsável e os associados levar tudo na brincadeira, seriedade, que as vezes a gente tá falando alguma coisa e a pessoa tá ali conversando e tal, por parte dos dois, diretoria e associados, transparência na prestação de contas, aí é um problema só da diretoria, que se você não dá transparência nas prestação de contas, você não passa confiabilidade pra os associados estarem ali presentes na hora que forem chamados, sem isso aí... por isso que as vezes tem gente se afastando, por falta dessa transparência na prestação de contas, citar só um exemplo, como que tá a prestação de contas da mercearia? quem é que sabe aqui?” (Damião Maniçoba, 2023).

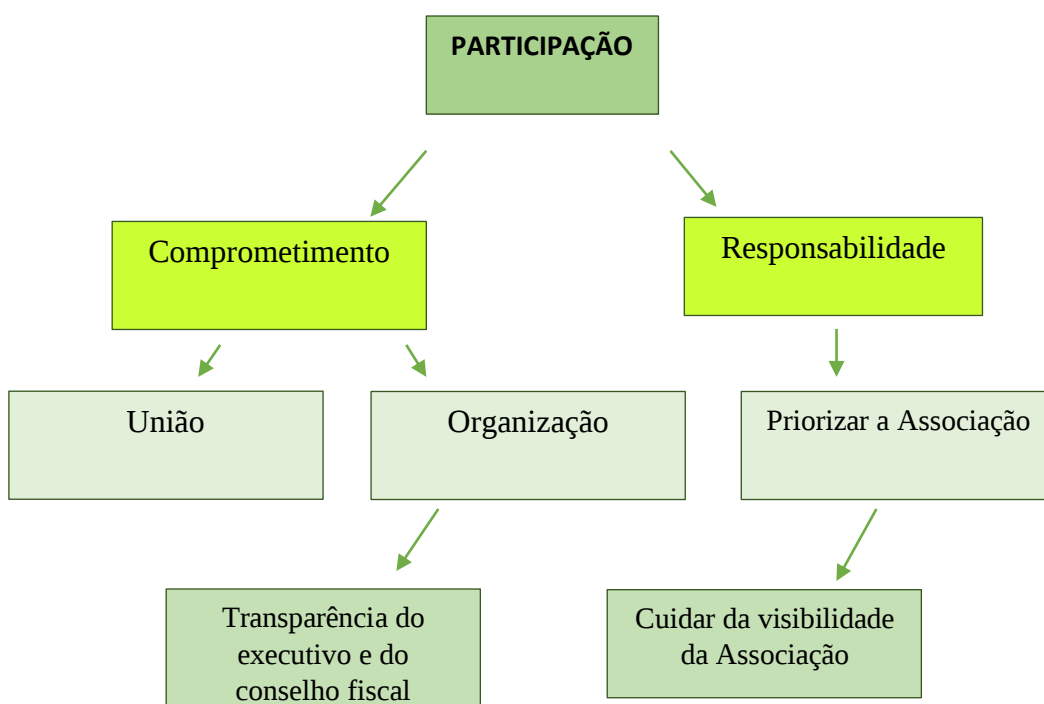
Para ele, há uma falta de comprometimento tanto da diretoria quanto dos/as associados/as, e ambos precisam estar comprometidos. Damião Maniçoba apresentou também a questão da transparência na prestação de contas, pois isso gera confiabilidade para os/as associados/as. Ele defendeu a perspectiva que está tendo um afastamento por parte dos/as associados/as porque não está tendo uma prestação de contas, como exemplo, da mercearia, que

está sendo administrada pelo Presidente e sua esposa, e os valores referentes às vendas não têm sido repassados para os/as associados/as.

A mercearia foi implementada na gestão anterior, ficando acordado que os lucros obtidos na mercearia seriam para a própria Associação. Eu lembro que na gestão passada em toda reunião todos os valores, tanto do caixa da Associação, quanto da mercearia, eram repassados. No entanto, conforme o relato acima, a gestão atual não tem sido transparente.

Após pensar nos problemas relacionados à participação, chegou o momento de refletir sobre quais características são essenciais para que aconteça uma efetiva participação na comunidade. Ao pensar essas características, elaboramos um fluxograma (**Figura 14**). Na primeira linha, colocamos as características que os/as associados/as consideravam mais importantes para que acontecesse a participação de fato na Associação, seguindo o grau de importância que eles/as consideravam.

Figura 14: Fluxograma sobre a participação na ASPRUMI



Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo, 2023.

No fluxograma, os/as associados/as consideraram que para que aconteça uma real participação na ASPRUMI, as características essenciais são comprometimento e

responsabilidade por parte da diretoria e dos/as associados/as. Após essas características, eles/as refletiram que é preciso ter união, organização e dar prioridade à Associação. Em seguida, eles/as falaram que é preciso ter transparência por parte da direção e do conselho fiscal, e por último cuidar da visibilidade da Associação, isto é, cuidar da limpeza da sede, manter o espaço limpo. Falaram também sobre pintar o espaço para que seja um lugar onde as pessoas gostem de estar.

Ao refletirem sobre essas características, sugeri então que elaborássemos um planejamento para o primeiro trimestre de 2024 para que fosse desenvolvido na Associação. O planejamento ficou da seguinte forma:

Quadro 7: Planejamento do primeiro trimestre de 2024 da ASPRUMI

Planejamento para o primeiro trimestre de 2024		
Janeiro	Fevereiro	Março
✱ Limpeza da sede da Associação e da fábrica; ✱ Convite individual para as reuniões mensais; ✱ Confraternização; ✱ Reunião de planejamento do ano de 2024.	✱ Participação no PNAE; ✱ Formação de comissões na Associação; ✱ Convite individualizado para a reunião mensal; ✱ Reunião em homenagem a associados que ajudaram a fundar a Associação.	✱ Organização para a festa cultural arrasta jegue. ✱ Ofício solicitando convênio com a UNICAFES

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo, 2023.

No quadro acima estão as ideias sugeridas pelos/as associados/as que estavam presentes na oficina. Como não tinha ninguém da direção e nem do conselho fiscal, eu falei para eles/as que iria digitar e enviar para a direção da ASPRUMI. Inclusive fiz isso, no dia que entrevistei o Presidente, quando conversei com ele sobre esse planejamento. Ele falou que algumas coisas que foram planejadas já tinha realizado, como o convênio com a UNICAFES. Essa questão apresenta sensivelmente a falta de comunicação entre ele e os/as associados/as.

No momento da oficina, quando falei sobre o planejamento, a primeira questão que foi problematizado foi a limpeza:

“Minha vó me dizia uma coisa que eu não me esqueço nunca, se você levantar e não fizer a primeira ação do dia, vai ser o dia todo atrapalhado, primeira coisa quando você levantar é arrumar a cama, se você não arrumar a cama, não vai dar nada certo. A segunda coisa é você varrer a casa, então, já que a gente tá falando de visibilidade, em janeiro a primeira coisa que tem que fazer é uma limpeza geral na Associação, convocar todos os associados, homem e mulher e aí a gente passar aqui o dia todo, limpando, lavando fazendo tudo que for possível pra melhorar” (Damião Maniçoba, 2023).

Ele acredita que a primeira ação a ser desenvolvida na Associação é a limpeza da sede, pois, segundo sua avó, se a pessoa levantar pela manhã e não arrumar a cama, o restante do dia será desorganizado. Para essa limpeza, foi sugerido que um grupo de jovens da Igreja desenvolvesse essa ação, pois no mês de janeiro tem um grupo chamado “Calebes” que desenvolve ações sociais, e esse grupo poderia se juntar aos/as associados/as para fazer essa limpeza. Conforme foi planejado, essa limpeza aconteceu. Pude acompanhar pelo grupo de Whatsapp que os Calebes foram fazer a limpeza, mas entre os/as associados/as que não fazem parte do grupo da Igreja, só compareceu uma pessoa, e foi uma ação que já estava sendo divulgada no grupo com antecedência. Isso reflete como está a participação dos/as associados/as na ASPRUMI.

Falaram também sobre a importância dos convites individualizados para as reuniões, citando como exemplo a forma que eu estava utilizando para chamá-los para as oficinas. Disseram que por eu ir no privado de cada um/a e enviar um áudio fazendo o convite, eles/as achavam difícil me dizer não, por isso, eles/as acreditam que se o Presidente fizesse isso as pessoas estariam mais presentes, conforme foi relatado por um dos participantes:

“Primeiro mês, é dar um grau como ele disse aí, convidar as pessoas de uma em uma, individual, esquecer de colocar no grupo, é de um em um, individual, porque aí é difícil dar um não pra não vim, me chamou eu vou ter que ir, é mais difícil inventar uma desculpa pra dar, porque chamando oh Damião Maniçoba vem pra reunião hoje, pra dizer um não... tem que vim, com a cara feia ou não tem que vim, no primeiro mês dá pra fazer isso né?” (Teodoro Manipueira, 2023).

Para Teodoro Manipueira, o convite individualizado dá ao/a convidado/a o sentimento de que a presença dele/e é importante, pois quando é feito o convite apenas no grupo, é mais fácil o/a associado/a não comparecer porque não foi uma mensagem direcionada a uma pessoa. Falaram também que nessa primeira reunião do mês poderia organizar para que cada um/a levasse uma bandeja para fazer um lanche coletivo.

Planejamos também a formação de comissões para que as responsabilidades da Associação sejam divididas. Foi falado que a Associação já teve essas comissões, mas que hoje não há essa organização:

“A Associação tinha isso, chamado relações públicas, a pessoa era responsável por ir individualmente na casa das pessoas, conversar pra saber o porquê estava se afastando, porque que não tava participando, se precisava melhorar alguma coisa, de vez em quando fazia isso individualmente. O que Raimundo Farinha de Mandioca falou com relação a questão do patrimônio, a gente designou uma comissão pra ficar olhando o patrimônio da Associação, e ele ficou responsável, tinha outras comissões, então a gente pode pensar na formação de comissões dentro da Associação pra, por exemplo, comissão de eventos, vai ter essa reunião da limpeza aqui, a responsabilidade desse evento ficaria por conta dessa comissão, três pessoas só pra ficar responsável, porque senão não tem como (Damião Maniçoba, 2023).

Foi falado que a Associação tinha uma pessoa responsável por ir na casa dos/as associados/as quando esses/as não compareciam com frequência na Associação, então, imagino que esse cargo de relações públicas era antes da existência do *whatsapp*, pois hoje em dia a comunicação se baseia por esse meio. Ao mesmo tempo que as redes sociais promovem a facilidade de comunicação, há também um distanciamento das pessoas; isso pode ser percebido no próprio grupo de *whatsapp* da Associação, que tem associados/as bem participativos no grupo, mas que não participam dos encontros presenciais.

Houve também a ideia de fazer uma reunião para contar a história da ASPRUMI, sobretudo para os/as associados/as mais jovens, fazer uma retrospectiva, falar de pessoas que foram marcantes no decorrer dos anos da Associação, inclusive, algumas delas já faleceram. O objetivo da reunião seria fazer com que os/as associados mais jovens entendessem a importância da Associação na Comunidade no decorrer dos anos.

Encerramos a oficina com o sentimento de que venci mais uma etapa. Agradei a todos e todas pela presença e deixei clara a minha disponibilidade para auxiliar no planejamento no que fosse preciso. Foi um momento bastante proveitoso no qual pudemos fazer reflexões sobre a participação na ASPRUMI e buscar a compreensão sobre esses problemas e as possíveis soluções.

Ao refletir sobre a realização das oficinas, pude perceber que foram momentos de aprendizado mútuo. A sensação de que eu tinha conseguido – pois, em muitos momentos, fiquei insegura – prevaleceu, pois vi que consegui, através das oficinas, cumprir o que eu havia proposto no meu projeto de pesquisa.

Através das oficinas, pude refletir sobre o meu objetivo da pesquisa e buscar as respostas para a construção das territorialidades e da participação na ASPRUMI, compreendendo que as diversas formas de participar constroem as territorialidades, e que posso, através desta pesquisa, juntamente com os/as associados/as, repensar as territorialidades da Associação.

4. AS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO DAS TERRITORIALIDADES DA ASPRUMI: O ASSOCIATIVISMO É DIVERSO COMO A MANDIOCA

Para que aconteça a produção da farinha de mandioca, é necessária a participação de pessoas trabalhando coletivamente, ou seja, a farinha é realizada a partir da coletividade. Na Comunidade do Riacho de Miranda, os homens e as mulheres “troca dia”¹² para a produção da farinha. Minha mãe “troca dia” com minhas tias e vice-versa. O trabalho pode ser raspar a mandioca, por exemplo. Meu pai “troca dia” com meus tios e outros conhecidos da Comunidade para arrancar a mandioca, para que consigam dar conta da farinha de mandioca pronta.

Ao refletir sobre a produção da farinha de mandioca com a atuação coletiva dos agricultores familiares, podemos perceber a importância da atuação coletiva em todas as esferas da sociedade. Ao relacionar a ASPRUMI, compreendemos que participação, individualidade, coletividade e territorialidade se correlacionam. Neste capítulo, cada seção está relacionada ao *noema* encontrado no decorrer da redução eidética, trazendo reflexões sobre a teoria e a realidade encontrada na ASPRUMI.

4.1 TERRITORIALIDADES E SUAS DINÂMICAS DE PRODUÇÃO DA ASPRUMI A PARTIR DA PARTICIPAÇÃO

Os processos naturais e sociais e até mesmo o pensamento se efetivam com a territorialidade cotidiana. É nesse nível que se dá o acontecer da nossa vida e é onde se concretiza a territorialidade. O território é apropriado e construído socialmente. Os processos de territorialização são um dos produtos socioespaciais do movimento e das contradições sociais em que as forças econômicas, políticas e culturais determinam as diferentes territorialidades (Saquet, 2007).

Para Saquet (2015), o território é construído socialmente, e as territorialidades mudam em cada território, como pode também ter aspectos comuns em territórios diferentes, mas em todos eles, o território é construído a partir das desigualdades, das diferenças, das identidades, das mudanças e permanências: “ Há, portanto, no território, fixação e movimento, contradições e unidades; dominação e subordinação, controle do e no espaço geográfico, que está contido na

¹² A troca de dia é uma prática entre agricultores familiares, onde eles/as se reúnem para ajudar uns aos outros em suas atividades agrícolas. Fonte: <https://www.embrapa.br/tema-agricultura-familiar/perguntas-e-respostas>.

formação territorial, não como substrato, palco, mas como elemento presente, inerente às conjunções internas do território” (Saquet, 2015, p. 40).

O estudioso aborda a complexidade do território destacando que ele não é apenas um espaço físico, mas sim um conjunto de relações e processos em constante transformação no qual coexistem a permanência e o movimento, as contradições e as unidades, a dominação e subordinação. O autor enfatiza, ainda, que o controle do espaço geográfico está presente na formação territorial como um elemento inerente às dinâmicas internas. Essa visão ampliada do território como um espaço de múltiplas interações e relações é fundamental para compreender as dinâmicas sociais, econômicas e políticas que o constituem.

O território é onde se constroem as práticas sociais: o associativismo se insere nesse território como uma prática social, tornando-se uma manifestação do território na qual se concebem os mecanismos de diálogos, mobilização e participação coletiva. Além das forças econômicas, políticas e culturais, as forças sociais que compõem um território são importantes para a organização territorial em que os agentes locais atuam coletivamente com as políticas públicas e as organizações sociais. Dentre essas, está o associativismo, que desempenha papel importante nas localidades e na construção do território, tendo em vista que o associativismo permite a troca de experiências e a convivência entre as pessoas, fortalecendo assim os vínculos e a coletividade e promovendo maior envolvimento, participação, união, cooperação, trabalho, e a busca de objetivos em comuns, ou seja, o associativismo se relaciona com o território, é parte dele. Assim,

[...] as forças sociais efetivam o território no e com o espaço geográfico, centrado nas territorialidades e temporalidades dos indivíduos e emanado delas, condicionado e sendo diretamente determinado por nossa vida cotidiana. Historicamente, formam-se territórios heterogêneos e sobrepostos. Cristalizam-se territorialidades e interesses predominantemente econômicos e/ou políticos e/ou culturais e/ou ambientais que dão significados pluridimensionais aos territórios (Saquet, 2015, p. 45).

No parágrafo acima, é ressaltada a influência das forças sociais na efetivação do território, destacando as territorialidades e temporalidades dos indivíduos na construção e transformação do espaço geográfico. Além disso, o autor enfatiza que os territórios são historicamente heterogêneos e sobrepostos, sendo moldados por uma variedade de interesses econômicos, políticos, culturais e ambientais. Essa abordagem ressalta a complexidade e a diversidade de significados atribuídos aos territórios, evidenciando a importância de considerar as múltiplas dimensões que os constituem.

Nesse caminho, Comerford (2003) discute sobre os territórios de parentesco, que não necessariamente estão relacionados com as divisas político-administrativas, geográficas, ou

outras, mas sim no âmbito da sociabilidade. Esses territórios de parentesco não se constroem antes do que os territórios delimitados pelos procedimentos administrativos, mas sempre em relação a eles. Desse modo, é “nas práticas e nas retóricas de familiarização que eles se definem e porque têm o parentesco e a família como referência discursiva básica” (Comerford, 2003, p. 41).

O território de parentesco é um conceito utilizado na Antropologia para descrever a forma como diferentes grupos sociais organizam e estruturam as suas relações familiares e de parentesco em um espaço geográfico. Nesse contexto, o território não é apenas uma área física, mas também um espaço simbólico que está intrinsicamente ligado às relações familiares, às práticas culturais e as tradições. Na ASPRUMI, pude observar essas relações estabelecidas desde a sua fundação. A esse respeito, Amâncio fala que:

“Porque assim, a Associação desde o início, inclusive da formação inicial quando surgiu mesmo, que acho que foi na casa de Ernesto Aipim, eu já tava lá, inclusive com minha mãe, foi aquela coisa bem de família, meu pai, minha mãe, a galera, então eu já conheci desde essa época, e aí desde muito novo eu já fazia, eu já mexia em computador, essas coisas, então quem fazia os ofícios, essas coisas pra Associação, os primeiros ofícios era eu que fazia de Salvador, e minha mãe que corria por lá, porque aqui não tinha energia, não tinha nada, então desde muito novo, já meio que conhece só não participava ativo, era meio que obrigado a fazer as coisas” (Amâncio Crueira, 2023)

Para Amâncio, a fundação da ASPRUMI foi algo bastante familiar. Ele reflete que mesmo não estando como associado desde o início, ele já fazia os ofícios e os documentos que a Associação precisava. Nesse momento de fundação, ele não morava na comunidade, mas conseguia ter acesso a computador e internet, já que na Comunidade este acesso não existia. Por conta disso, o associado já percebe sua relação com a Associação desde o início, considerando o associativismo da ASPRUMI como algo bem familiar. O que observo é que, desde a fundação, houve um agrupamento de diferentes famílias, todas muito próximas, que já conviviam há muito tempo na Comunidade. Essas relações podem ter definido como os cargos foram se distribuindo no decorrer dos anos, já que o atual presidente é o filho do Presidente que o antecedeu, a atual secretária é minha irmã e eu também já fui secretária. Isso reflete nos territórios de parentesco vivenciados pela ASPRUMI.

Os territórios de parentesco não estão somente relacionados aos níveis de parentesco entre os indivíduos, mas sim nas relações sociais estabelecidas entre eles. Esse fato acontece principalmente em comunidades rurais, em que a convivência diária entre os habitantes traz o sentimento de parentesco. Na Comunidade do Riacho do Miranda não é diferente: lembro-me de que, quando pequena, meus pais me ensinaram a pedir a benção às pessoas mais velhas,

chamando de tia/tio, vó/vô, mesmo não tendo nenhum grau de parentesco. Essas relações que são vistas na Comunidade do Riacho do Miranda não são diferentes de outras comunidades, conforme aponta Comerford (2003, p. 40):

Assim, em meio a casamentos, heranças, mudanças, permanências, indivisão, subdivisão, trabalho à meia, troca de dias, mutirões, bem como frequência às casas uns dos outros, circulação de crianças, troca de produtos da roça, sem falar ainda de caronas, almoços, caçadas, pescarias, visitas e ajudas nos momentos de doença, e finalmente da mistura através de casamentos, sempre tão mencionada, é possível ir formando um padrão de territórios de parentesco, que concentram residências e/ou locais de trabalho (lavouras, roças) de parentes reconhecidos e valorizados como tais, bem como compadres e comadres, territórios aos quais certas famílias se vinculam no mapeamento social que se produz na vida cotidiana.

Comerford (2003), menciona uma série de práticas e interações cotidianas, como casamentos, heranças, trabalhos coletivos, dentre outras, evidenciando como essas atividades contribuem para a formação dos territórios de parentesco, destacando também sobre a importância das relações familiares na organização do espaço e no mapeamento social da comunidade. Pode-se perceber que as relações familiares na ASPRUMI são evidentes, existindo uma relação geracional entre os/as associados/as, isso fica evidente nas entrevistas realizadas:

“primeiro foi minha mãe e foi incentivando né, aí pesquisei, fui lá, antes eu não gostava, mas aí fui pesquisando, achei que era bom, eu e meu esposo continuou e tá até hoje lá, mais ou menos uns 15 anos, eu não lembro o ano, quantos anos tem a Associação que eu esqueci” (Genoveva Tapioca, 2023).

E, ainda,

“(...) rapaz, eu fiquei sabendo através do meu pai que ele era associado. e aí depois ele se afastou através de problemas de saúde, a idade já chegando também, aí, com isso, depois comecei ir com Fulana, ela sempre me incentivando, através dos cursos de beiju que teve, eu não participei do curso, mas depois ela disse, rumbora que eu vou te passando como é, te ajudando, aí eu fui, gostei, aí depois eu me associei, e aí eu continuei indo” (Clara Beiju, 2023).

Nas falas das duas associadas, percebe-se a importância da influência de seus pais para que se tornassem associadas. Hoje há uma geração de associados/as mais jovens que seguiram o exemplo de pessoas da geração anterior. Nos dois depoimentos, tanto a mãe quanto o pai citados já faleceram, mas deixaram um legado sobre a importância de participarem de uma Associação.

Comerford (2003) aborda a hierarquização que há nessas localidades, que estão divididas em dois níveis:

Primeiro, entre as famílias-parentelas que “contam” e as que “não contam”, ou seja, entre as que têm seu nome associado a uma localidade e as que são consideradas famílias isoladas, pequenas famílias; e segundo, entre famílias-parentelas que “contam” no sentido de distinguir as que mandam. Essa hierarquização está associada, em seus dois “níveis”, a critérios como antiguidade no local, tamanho, grau de união, boa reputação, e à capacidade de mandar que envolve não só as relações “locais” e “internas”, mas as modalidades de relação da família e de seus líderes com aquilo que está para além da localidade (Comerford, 2003, p. 61)

Esta hierarquização pode ser observada não somente na localidade pesquisada por Comerford, mas uma realidade nos mais diversos cenários rurais, em que algumas famílias se destacam se sobrepondo a outras. O primeiro nível dessa divisão, segundo Comerford (2003), é feita em as famílias-parentelas, que estão associadas àquelas famílias que possuem representatividade, reconhecimento dentro de uma comunidade e as que não possuem.

Essa dinâmica pode ser verificada na Comunidade do Riacho do Miranda. Antes da fundação da ASPRUMI, a Comunidade não tinha um nome definido: as referências para chegar até a comunidade era usar nomes de comunidades vizinhas ou utilizar nomes de pessoas/famílias que moravam na Comunidade. Meu avô Antônio era uma dessas referências, Antônio de Dute (Dute é minha avó). Outros nomes também eram evidenciados, como Manoel de Alexandre, Dona Nina. Esses nomes tinham relação com o tempo de vivência na Comunidade, com o tamanho da família, por exemplo. Meus avós tiveram catorze filhos, a maioria moradores da Comunidade.

Com a fundação da ASPRUMI, esses nomes ainda eram referências, mas a Comunidade ganhou um nome, o que facilitou seu reconhecimento. Hoje, não mais precisamos utilizar como referência comunidades vizinhas, e sim, dizer que a Comunidade do Riacho do Miranda existe, que ela ganhou visibilidade dentro do município de Jaguaripe.

O segundo nível de hierarquização, segundo Comerford (2003), está associado às famílias que mandam, ou seja, às famílias que apresentam algum tipo de poder sobre as demais. No entanto, o autor destaca que nem sempre as famílias mais ricas são as mais “fortes”, já que sempre vai haver mais de um critério de hierarquização que pode, inclusive, mudar com o tempo.

É importante perceber que, ao mesmo tempo em que há uma hierarquização entre as famílias, há também uma relativa igualdade, pois nenhuma é tão forte que possa desconsiderar a presença das outras: sempre vai haver uma relação de dependência. É a igualdade daqueles que se identificam como da roça, é um contraste com o mundo dos ricos, dos que estudaram (Comerford, 2003).

Essa relação de dependência entre as famílias pode ser vista no trabalho, porque mesmo que uma família possua maior posse, maior poder aquisitivo, dependerá do trabalho das famílias com menor poder aquisitivo no plantio, na colheita e em todo o processo de produção, seja por meio de pagamento de diárias, dos meeiros, ou outras formas de relações que são vistas nas localidades.

Essa dependência também pode ser vista no contexto do associativismo, e, na ASPRUMI, essas relações podem ser observadas desde a sua fundação. A Associação foi fundada quando um morador da Comunidade participou de uma reunião da Associação de outra localidade no município de Laje. Desde então, foram organizadas as primeiras reuniões realizadas nas casas dos primeiros associados. Em entrevista, um dos associados relatou que:

“(...) de casa em casa, a primeira foi aqui na minha casa, a segunda foi em João Bolinha pra terminar de concluir os membros do conselho, que aqui faltou um, quando chegou em João Bolinha, que João Bolinha veio também que eu convidei ele, ai ele chamou pra ir pra casa dele com trinta dias, quando chegou lá ai entrou um irmão dele pra fazer parte do conselho, ai desse dia em diante a gente começou de casa em casa até a gente conseguir fazer a sede da Associação” (Tadeu Maniva, 2023).

Conforme relatado acima, o início das discussões sobre a fundação da ASPRUMI se deu nas casas de moradores da Comunidade, e após a fundação da Associação, as reuniões continuaram acontecendo nas casas até a construção da própria sede:

“O terreno foi a coisa mais difícil de conseguir por um motivo que ninguém queria, nem todo mundo queria doar a terra, porque o povo naquele tempo não tem o conhecimento que tem hoje né? o povo tinha medo de doar uma área de terra pra fazer uma coisa assim, eu mesmo falei com Damião Maniçoba e com a direção que eu não doava a área pra fazer a sede da Associação por o motivo de aqui ser um final de linha e também não ter espaço, que aqui é um lugar que não tem espaço, eu acho que sede de Associação tem que ser num lugar como tá lá, que é um lugar centralizado, que envolve tudo que é coisa, de gente, carro, tudo, e aqui é um final de linha e também o espaço aqui é pequeno, o terreno é grande na verdade, o problema é a ladeira, porque se não fosse isso, se meu terreno fosse numa boca de estrada que nem é lá tava dentro do meu terreno, mas por esse motivo, ai ficou, procurava um, procurava outro e o povo não queria, depois foi que Bio de Juli entrou na Associação que era genro do vói Benício, como é até hoje, e conseguiu conquistar o vói Benício pra doar aquilo ali, o lugar da igreja católica e o lugar da sede da Associação, e as primeiras pedras a botar ali foi como minha esposa falou, juntou o grupo, cada um deu uma coisa, fez rifa, fez isso tudo, ai foi conseguindo comprar as coisas pra começar a fundação da sede” (Tadeu Maniva, 2023).

Assim, foi difícil conseguir a doação de um terreno para a construção da sede da Associação. Tadeu Maniva falou que ele não fez a doação de um local pois seu terreno possui muitas declividades, e seu terreno não se encontra na área principal da Comunidade. Isso pode

ser facilmente constatado pois, conforme falam na Comunidade, a casa de Tadeu fica em lugar “fim de linha”, em uma rua sem saída. Mas, por intermédio de uma pessoa que se associou, e cujo sogro tinha terras em um lugar centralizado, a Associação recebeu a doação de parte do terreno para a construção da sede e da Igreja Católica.

Compreendendo a partir da interpretação de Saquet (2013) sobre o território e a *práxis* territorial, o território não é apropriado pelas pessoas, mas sim construído por elas. O território é dinâmico, não estático. O território, a partir da existência da vida, é plural e polissêmico de acordo com os sujeitos que se colocam nele. Esses sujeitos dizem respeito à pessoas individuais ou coletivas formadas a partir de associações, cooperativas, os entes do Estado, os aspectos ontológicos como educação, saúde, dentre outros. É nesse cenário de participação social, nas mais diversas esferas da sociedade, que se constroem as territorialidades. Assim, perceber as imbricações entre os sujeitos e a Associação, por exemplo, nos ajuda a compreender sua dinâmica participativa e as intencionalidades resultantes dessa participação, ou seja, como o território se apresenta.

O território é o espaço de vida das pessoas onde se estabelecem as relações entre os indivíduos ou grupos e desses com o ambiente. É o espaço onde ocorrem as relações de cooperação, como também a expressão das diferenças e dos conflitos. O que irá determinar a área de abrangência de um território é a dimensão de certas relações sociais a partir das manifestações da identidade, das relações de pertencimento e de poder da sua população (Dallabrida, 2020).

Nem todos os recortes espaciais devem ser considerados territórios, uma vez que esses se consolidam a partir das relações estabelecidas a partir de alguns objetivos em comum, mas que podem também apresentar divergências nesses interesses, pois assim se firmam as relações de poder. Dallabrida (2020, p. 10) aponta que “isto implica em que os atores do território, mesmo mantendo suas diferenças de interesse, respeitem democraticamente uns aos outros, permitindo que se estabeleçam relações de colaboração em busca de objetivos que possam ser comuns”. Esses atores do território são as pessoas que habitam em determinado espaço e estão em busca de melhorias para o seu lugar de vivência, mesmo que existam diferenças, se respeitam e estão na busca de objetivos comuns para o estabelecimento do território.

Os estudos geográficos acerca do território e da territorialidade humana perpassam pelo reconhecimento simultâneo das características do processo de apropriação, dominação e produção do território, bem como as relações de poder, as identidades, as desigualdades. Numa

análise que reconheça a unidade entre essas dimensões, o território se dá como uma construção social, histórica e relacional (Saquet, 2008).

Saquet (2013, p. 24) destaca a necessidade de abandonar a visão simplista da compreensão do território, onde

O território significa natureza e sociedade; economia, política e cultura; ideia e matéria; identidades e representações; apropriação, dominação e controle; des-continuidades; conexão e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental; terra, formas espaciais e relações de poder; diversidade e unidade.

Segundo o autor, o território engloba diversas dimensões, tais como a economia, a política, a cultura, as ideias, as identidades, as representações, a apropriação, a dominação, o controle, as conexões, as redes, as diversidades, dentre outras dimensões. Essa abordagem ampla permite perceber que o território é um espaço vivo e dinâmico, influenciado por uma variedade de fatores e relações.

As forças econômicas, políticas e culturais quando relacionadas entre si e em unidade, efetivam o território no processo social, no e com o espaço geográfico, procedente na e da territorialidade cotidiana dos indivíduos, em diferentes centralidades, temporalidades e territorialidades. Assim, tanto os processos naturais quanto os sociais e até mesmo nosso pensamento se efetiva na e com a territorialidade cotidiana, e é a partir daí que se dá o acontecer da vida e se concretiza a territorialidade (Saquet, 2007).

Nessa perspectiva, para as discussões acerca do território e suas territorialidades, o espaço-tempo cotidiano é fundamental, pois nós vivemos e somos o tempo e o espaço, vivemos a natureza e a sociedade. Assim, trabalhar no nível da cotidianidade tem se revelado fundamental, pois é a partir dela que é possível compreender as heterogeneidades e complexidades que se estabelecem no território.

Em sua análise sobre território, Saquet (2013) cita o conceito de território abordado por Giuseppe Dematteis, que o compreende como uma construção social que possui desigualdades, características naturais como o clima, solo, dentre outros, assim como as relações horizontais, que podem ser entre as pessoas, na produção, e verticais, podendo ser percebidas nos tipos de culturas, dentre outros. O autor destaca a importância da atuação dos sujeitos sociais para a construção do território. A esse respeito Saquet (2013, p. 58) ainda discutindo as ideias de Dematteis afirma que ao contrário da abordagem atomística e mecanicista, afirma que, na geografia, pode-se estudar o espaço transformado, como produto das atividades do homem em interação com a natureza. Faz uma compreensão relacional e processual do território,

entendendo-o como enraizamento, ligação/relação do homem com a natureza terrestre e como produto de contradições e relações efetivadas entre os homens.

A abordagem territorial não se dá forma mecanicista, mas sim, a partir das interações entre as pessoas e a natureza, não somente com relação ao espaço físico, mas também nas relações sociais que são estabelecidas a partir dos atores sociais presentes em cada território. As contradições citadas por Saquet (2013) no território são justamente a possibilidade de a Associação como mecanismo social interferir ativamente ou passivamente no território.

Para Saquet (2013), precisamos conhecer melhor as abordagens e definições do conceito de território e fazer uma ligação dessas reflexões com a nossa vida diária. Para isso, precisamos compreender as relações de poder, e perceber que elas estão presentes nas mais diversas esferas do nosso cotidiano, na família, no Estado e suas diversas instâncias, dentro do associativismo, cooperativismo, dentre outras.

Essas relações que são vividas, sentidas e percebidas de forma diferente por cada pessoa é que dão origem ao território e suas territorialidades e “são substantivadas por relações, homogeneidades e heterogeneidades, integração e conflito, localização e movimento, identidades, línguas e religiões, mercadorias, instituições, natureza exterior ao homem; por diversidade e unidade; (i)materialidade” (Saquet, 2013, p. 25). Assim, são as relações, e todas as suas complementaridades que concretizam o território. Essas relações são complexas, cada pessoa vivencia, sente e percebe essas relações de forma única, o que contribui para a diversidade e complexidade do território. Assim, os elementos como integração, conflito, identidades, religiões e outros aspectos são fatores que contribuem para a formação e dinâmica dos territórios.

Reflito a partir da ASPRUMI e do que pude compreender a partir das oficinas e das entrevistas compreensivas que, de forma contundente, evidenciam a construção da Associação como um território potente para a participação e conquistas coletivas. A superação das condições tensionadoras dadas pelo individualismo e pelo esmaecimento da presença nas atividades se situam como fragilizadoras das potencialidades das territorialidades possíveis para a própria Associação, e, por consequência, comprometem as possibilidades de melhora das condições da Comunidade e dos/as associados/as.

4.2. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A COMUNICAÇÃO SOB A ÉGIDE DA PARTICIPAÇÃO

As associações desempenham um papel importante nas comunidades nas quais elas estão inseridas. No entanto, para que elas sejam realmente eficazes, é preciso que as organizações sejam atuantes e busquem a participação de todos/as os/as envolvidos/as. Para uma efetiva participação, a comunicação é imprescindível, pois a comunicação é necessária em qualquer instituição, especialmente nas associações. A comunicação é a essência que sustenta qualquer organização, e isso é especialmente importante quando se trata de associações. Uma Associação, seja ela de qualquer natureza, depende fortemente de uma comunicação eficaz para prosperar e alcançar seus objetivos, dessa forma:

É fundamental que em toda Associação a comunicação esteja contemplada no planejamento estratégico da Associação. Definindo o objetivo estratégico da comunicação, o que será comunicado, definição do público-alvo, a intensidade e frequências com que será comunicado, e quais canais serão utilizados. Através de uma boa comunicação, as associações podem efetivamente colocar seus pilares através de seus valores porque uma Associação, nada mais é, que atender o interesse coletivo das pessoas que se aproximam para ter um futuro com base nos seus valores e convicções (Escola de Associativismo, p. 9, 2018).

Conforme citado acima, para que a comunicação se efetive em uma Associação, é preciso um planejamento estratégico e organização da gestão, para que sejam definidos objetivos e estratégias para o alcance de uma comunicação eficaz. Em uma Associação, a comunicação desempenha vários papéis fundamentais. A comunicação se apresenta como um meio de ligação entre os membros, conectando pessoas com interesses, objetivos e visões comuns. Através da comunicação, os membros podem compartilhar ideias, trocar experiências e colaborar para alcançar metas coletivas.

Freire (1983) faz uma reflexão sobre a importância da comunicação e pontua que não somos seres isolados, e que não há pensamento isolado: o mundo é um lugar de comunicação. Para ele, “o sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário” (Freire, 1983, p.45).

Esse pensamento pode se relacionar ao contexto do associativismo, em que o “pensamos” deveria sobressair ao “penso”. Somos dependentes um do outro, inclusive na formação de opiniões, de ideias. Ao comunicarmos, compartilhamos nossas experiências e estamos enriquecendo nosso aprendizado e nossas vivências. A Associação é formada por pessoas diferentes, sejam nos gostos, na idade, dentre outros aspectos, no entanto, é nessa diversidade que a comunicação pode ser fortalecida.

Nas entrevistas, os/as associados/as relataram sobre a importância da comunicação e como ela é importante para a conscientização e a formação de opinião mais consolidada. Amâncio Crueira falou que

“Tinha muita história que a gente falava, e a galera não tinha rede social, não sabia muito disso, e a galera acreditava no político, no que ele chegava e falava, então hoje a história tá se desenhando, a galera tá entendendo que só tem as coisas hoje aqui que foi através da Associação né, eu tenho essa conscientização, da galera mais nova, a galera já sabia, mas não se preocupou em passar pros seus filhos e tal, então hoje a gente tá tentando resgatar isso, e acredito que tem muita a se fazer também, ainda” (Amâncio Crueira, 2023).

A comunicação é fundamental para perpetuar uma história, como é o caso da ASPRUMI. Ela tem uma trajetória de grande importância para a Comunidade do Riacho do Miranda e, segundo relatado a mim, essas informações não foram repassadas para as novas gerações. No entanto, eu discordo dessa fala, pois o que eu percebo é que a geração atual não tem dado a devida importância para o associativismo, tem buscado a Associação quando lhes é conveniente, na busca de interesses individuais. Dessa forma, é preciso refletir sobre o território associativo. Neste sentido, Santos (2010, p. 35) aponta que:

É necessário entender que que podem existir estratégias montadas para que essa participação sirva para outros interesses, não potencializando a participação dos seus membros e os resultados conseguidos podem ser apenas elementos que resolvem problemas imediatos, sem alteração das condições estruturais que causaram tais problemas.

A autora enfatiza que, nas associações, existem ações que servem apenas para resolver problemas imediatos, mas não há uma preocupação em investigar e resolver as questões estruturais que causam os problemas. Isso pode ser o reflexo da nossa sociedade imediatista que deseja resolver os problemas individuais em detrimento dos coletivos e de forma rápida. Ao agir desta forma, não há o incentivo para uma efetiva participação, sendo necessário analisar criticamente as dinâmicas de participação nas associações, para garantir que realmente sirvam aos interesses e necessidades dos associados, e não para outros propósitos.

Santos (2010) ainda aponta que as associações, como organizações locais, passaram a desempenhar um papel de forma mais ativa, possibilitando a participação popular no que se refere à gestão municipal, principalmente através dos conselhos de gestão. Esse fato pode ser percebido na ASPRUMI pois, através da Associação, os membros puderam participar dos Conselhos municipais estabelecendo uma comunicação entre a Associação e a gestão

municipal. Na entrevista, um dos associados falou sobre a sua participação no Conselho de Saúde:

“Eu comecei participar do conselho de saúde porque em cada Associação do município, que seja da colônia dos pescadores, da Associação dos produtores rurais, ou que seja por exemplo, de uma crença, cada um que faz parte de um órgão desse aí tem que ter um pra fazer parte do conselho de saúde, então eu fiz parte por causa disso, que o pessoal lá convidou a gente da Associação, aí foi eu e meu irmão participar, porque as vezes as outras pessoas não queriam ir, porque não era remunerado, mas eu gostei bastante, por que não era remunerado, mas aprendi muito” (Raimundo Farinha de Mandioca, 2023).

No seu depoimento, ele refletiu sobre sua participação no Conselho de saúde. Raimundo ponderou que, mesmo não sendo uma atividade remunerada, ele aprendeu muito. Ele ainda falou que no Conselho tinha representantes de diferentes associações do município, e que isso enriquecia os momentos de encontro, pois as trocas de experiências entre eles/as eram momentos marcantes. Na entrevista, ele deixou isso evidente, revelando momentos em que ele teve sua voz ouvida, havendo, assim, uma importante comunicação entre as diversas esferas do município de Jaguaripe.

No entanto, o que ficou também constatado nas entrevistas e oficinas, refere-se ao fato de que o atual representante da ASPRUMI no Conselho de Saúde não está participando ativamente, e que os demais Conselhos municipais têm como representante da ASPRUMI o atual Presidente. Sobre isso, discutiremos na seção sobre individualidade, em que abordaremos a existência dos interesses individuais nessas participações. Aqui, posso dizer que a ausência de um representante em uma instância de diálogo e de fomento a ações públicas tem como resultado o esmaecimento da representação da ASPRUMI em instâncias públicas. Nesse sentido, a perda das oportunidades de colaborar nas demandas e ações no âmbito da saúde e a construção de uma percepção pública no âmbito do desinteresse e da desmobilização da Associação são eminentes.

Assim, para que a Associação consiga avançar na participação e comunicação entre seus membros e demais atores sociais, é necessário que se tenha um planejamento e organização da gestão com a divisão de funções e responsabilidades, buscando solucionar os conflitos decorrentes das falhas de comunicação. Uma gestão associativa organizada desempenha um papel fundamental para uma comunicação eficaz.

Nas entrevistas, os/as associados/as relataram sobre como eles/as percebem a gestão da ASPRUMI atualmente. Para a Genoveva Tapioca:

“Por a gente não se importar muito pelas coisas, não ter muito interesse naquelas coisas, não é interesse é falta de organização mesmo, que interesse nós tem, mas tem o dizer se um não quer dois não briga, se a pessoa que tá lá na frente tá fraco, não tem como a gente seguir sozinho, sozinho não vai, tem que ter aquele cabeça, pra tudo tem um cabeça pra dizer, oh fulano faz isso aqui, aquilo ali, nós temos que fazer isso aqui, pra gente seguir a gente tem que fazer isso e aquilo, quando a gente fala alguma coisa errada puxa na orelha da gente, pra amanhã a gente aprender. [...]Ter pessoa de cabeça erguida, não só um, mas vários, porque dentro da Associação tem que ter o presidente, tesoureiro, fiscalização, pra poder chegar nos outros, então tem que ter isso pra seguir, se não for isso não segue, que eu até já comuniquei com as pessoas que... o presidente é gente boa, inteligente e tudo, mas tem alguma falha que a gente precisa de pessoa mais capacitado pra resolver aquilo ali” (Genoveva Tapioca, 2023).

No seu depoimento, ela estava se referindo à unidade de beneficiamento da mandioca, cujos equipamentos já estavam instalados e tudo estava pronto para que eles/as começassem a produzir. No entanto, estava faltando um incentivo por parte da gestão. Enfatizo também que é preciso haver um planejamento e uma organização na distribuição das funções da ASPRUMI, uma gestão que esteja determinada a agir de forma coletiva, tendo como base a comunicação para que todos/as compreendam sobre suas responsabilidades dentro da Associação.

Além disso, a comunicação é crucial para manter os membros informados sobre as atividades, projetos e decisões da Associação. Transparência e clareza nas comunicações ajudam a construir confiança e engajamento entre os membros, promovendo um ambiente onde todos se sintam valorizados e incluídos.

Severino Goma, um dos associados entrevistados, relatou a mim, na entrevista, sobre a importância da participação nas reuniões para que ele se mantenha informado sobre as ações da Associação, tendo em vista que quando ele não participa, fica desinformado do que está acontecendo:

“Quando a gente acompanha as reuniões a gente acha que naquele momento a gente tá presente, porque é nas reuniões que a gente vai saber das coisas que tá acontecendo, que vai acontecer, o que foi que fez, o que foi que deixou de fazer, através de quando a gente participa das reuniões, quando a gente não vai a gente fica desinformado, então quando a gente não vai para a reunião a gente sente que a gente não tá presente, e aí a gente se sente distante” (Severino Goma, 2023).

Para ele, a participação é um fator importante para uma boa comunicação. Através do diálogo e da escuta sensível por parte de todos/as, tanto a gestão quanto os/as demais associados/as eles/as se sentem pertencentes à Associação, e quando há a ausência eles/as se sentem distantes.

Outro aspecto relacionado à comunicação diz respeito aos conflitos existentes, que podem surgir através das diferenças de opiniões, objetivos divergentes, comunicação deficiente, ou até mesmo uma competição interna. No entanto, é importante lembrar que os conflitos podem ser também oportunidades de crescimento e aprendizado. A esse respeito, uma associada falou que

“Se a gente não tiver fé em Deus e paciência a gente não fica, que a Associação é totalmente um Big Brother, porque, não só a Associação, mas muito lugar que tem gente, existe conflito, mas se a gente quer seguir, a gente tem que deixar tudo de lado, sempre eu digo, que as pessoas tem dois lados, o lado bom e o lado ruim, mas quando tá nos conflitos é melhor a gente lembrar o lado bom, pra esquecer o ruim, porque se só lembrar dos ruim aí a situação piora e não resolve nada” (Genoveva Tapioca, 2023).

A associada faz uma comparação entre a Associação e o programa de TV, o *Big Brother*, relatando os conflitos que existem não somente na Associação, como em qualquer espaço que tenha a presença de diversas pessoas. Ela fala que é preciso lembrar o lado positivo das pessoas, para assim promover uma melhor convivência.

Ao discutir sobre os conflitos, Simmel (1983, p. 122) enfatiza a importância das divergências para se conseguir algum tipo de unidade. Segundo ele, “o conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir algum tipo de unidade, ainda que através da aniquilação de uma das partes conflitantes”. Dessa forma, os conflitos apresentam uma importância sociológica, pois através deles é possível resolver os dualismos, e assim conseguir algum tipo de unidade, nem que uma das partes precise ceder para que isso aconteça.

Fernandes (2021), ao fazer uma análise sobre a discussão de Simmel (1983), aborda o modo como considerações importantes como o antagonismo e o conflito são formas de socialização e de estabilidade de um grupo, afinal, “para Simmel o conflito significa a negação de que tudo se dirige para a unidade, ao mesmo tempo em que também contribui para ela” (Fernandes, 2021, p. 472). Os conflitos existentes significam que há as divergências em um grupo, não há uma unicidade. Assim, ao mesmo tempo, os conflitos contribuem para a busca da unidade. Mesmo que isso pareça contraditório, não é: trata-se de uma maneira pensar como os conflitos podem desempenhar um papel importante na evolução das relações interpessoais entre os membros de uma Associação, o que nos faz refletir sobre as complexidades das interações humanas:

Esta visão do sociólogo alemão George Simmel a respeito do conflito abre uma nova possibilidade também no campo político, em particular para as teorias democráticas não clássicas. Para o autor alemão do século XIX, o conflito é algo favorável, pois é um modo de se conseguir algum tipo de

unidade: uma necessidade da sociedade contemporânea (Fernandes, 2021, p. 473).

A comunicação eficaz ajuda a resolver conflitos e a superar desafios dentro da Associação. Quando os membros podem expressar suas preocupações, opiniões e pontos de vista de maneira aberta e respeitosa, é mais provável que os problemas sejam identificados e resolvidos de forma construtiva, fortalecendo os laços entre os membros e promovendo a coesão do grupo.

Além disso, a comunicação é fundamental para a promoção da missão e dos valores da Associação. Através de mensagens claras e consistentes, a Associação pode compartilhar sua visão com outros atores sociais, atrair novos membros, mobilizar recursos e influenciar mudanças positivas na sociedade. No entanto, a importância da comunicação vai além das interações entre os membros de uma Associação: ela também se estende às relações com outras organizações, parceiros, autoridades e o público em geral. Uma Associação que se comunica efetivamente pode estabelecer parcerias sólidas, ampliar sua influência e maximizar seu impacto na comunidade.

Quando a comunicação não é uma estratégia presente em uma associação, as territorialidades podem ser interrompidas, pois a falta de uma comunicação eficaz pode dificultar a integração e a participação dos membros da associação, tendo em vista que se não há uma efetiva comunicação os/as associados/as ficam desinformados e, como consequência, não participam ativamente. Além disso, a ausência de uma comunicação estratégica pode prejudicar a representatividade da associação perante órgãos governamentais e a comunidade no geral, dificultando, assim, a promoção de mudanças positivas na comunidade por intermédio da associação.

Assim como na família, quando a comunicação não é eficaz, os conflitos são difíceis de serem resolvidos, no contexto associativo não é diferente. Comerford (2003) descreve, em sua pesquisa, que existem algumas famílias que são “mais” famílias do que outras, e que isso não está relacionado a fatores como tamanho da propriedade, da família ou o poder econômico, mas sim, à união dessas organizações que são baseadas na ajuda mútua, no presenteamento e atenção, e mesmo quando não há trabalho conjunto das famílias nucleares, ou seja, as famílias consanguíneas, há uma proximidade e intimidade que vão sendo cotidianamente construídas, não somente entre os que compartilham o nome de uma família, como entre todos aqueles que são identificados “como se fossem” uma família.

Assim, consideramos que, como na família, a comunicação é essencial para compartilhar informações, alinhar objetivos, promover a transparência e fortalecer a

participação dos membros de uma associação. No entanto, quando essa comunicação está fragilizada, as territorialidades ficam comprometidas. Ao refletir sobre a ASPRUMI, observamos que ela utiliza como meio principal de comunicação o grupo de *WhatsApp* no qual os/as associados/as interagem entre si e ficam informados/as sobre o que vai acontecer na associação. Inclusive, como eu já havia falado anteriormente, o convite para as oficinas se deu a partir do grupo do *WhatsApp*.

Algumas considerações podem ser feitas sobre essa forma de comunicação utilizada na ASPRUMI. Dentre elas, conforme relatado nas oficinas, os/as associados/as gostariam que eles/as tivessem um maior contato pessoal, que fosse para além do grupo do *WhatsApp*. Relembaram a importância de organizar um grupo que eles denominaram de relações pessoais, que atuasse no incentivo dos/as associados/as, e fosse em busca dos que não estão participando ativamente. Falaram também da importância do envio de mensagens direcionadas para cada pessoa no privado, pois assim eles/as se sentiam mais motivados para participar. Assim, consideramos que há várias outras possibilidades de comunicação a serem pensadas pela ASPRUMI para que a interação aconteça de forma eficaz.

Por tudo isso, compreende-se que a comunicação é o alicerce sobre o qual uma Associação constrói suas territorialidades a partir de uma efetiva participação entre os/as participantes e demais entidades que proporcionam as trocas de experiências, de vivências, considerando, assim, a comunicação com um fator de grande relevância, pois por meio de uma comunicação transparente é possível tomar decisões coletivas e desenvolver ações que impactem positivamente os territórios.

4.3. A COLETIVIDADE COMO PROMOTORA DAS TERRITORIALIDADES: A ASSOCIAÇÃO NÃO SE EXPLICA NO SINGULAR

Aprendi na minha experiência como associada que, quando pessoas se unem em associações, elas têm a oportunidade de fortalecer suas vozes e buscar soluções para desafios comuns. Coletividade e associativismo estão intimamente relacionados, pois, para um bom desempenho do associativismo, precisa existir a coletividade. Ela está relacionada à ideia de agir em conjunto, buscando o bem-estar coletivo e o despertar para o senso de comunidade.

Além disso, a coletividade estimula o senso de responsabilidade compartilhada, promove a troca de experiências e conhecimentos e fortalece os laços sociais. No entanto, a realidade das associações pode não se parecer com essa forma de reflexão, e a coletividade

precisa ser discutida e repensada nesses espaços, ou seja, a coletividade é uma construção e é necessário fazer a revisão de seu processo.

Para pensar a coletividade, é necessário refletir sobre a participação, pois valorizar a coletividade é fundamental para fortalecer a participação. Coletividade e participação são elementos imbricados no conceito de associativismo. Entendo que o tema participação tem sido discutido em diversos espaços, desde o ambiente familiar até nas questões econômicas, políticas e sociais do país, visto que vivemos em uma democracia e esta é baseada nos níveis de participação, pois quanto maior for o grau de participação, maior o grau de democracia. Importa refletir que:

O papel das associações para o desenvolvimento dessas virtudes democráticas – cooperação, confiança, comunicação e espírito público – é central. Para essa vertente analítica, as redes associativas ou de engajamento cívico reduzem os comportamentos oportunistas, desenvolvem um senso de pertencimento coletivo e produzem práticas de colaboração que são sustentáculos da vida democrática (Luchmann, 2014, p. 163).

A autora considera de grande importância a atuação das associações para o desenvolvimento de virtudes democráticas, tais como a cooperação, a confiança, a comunicação e o espírito público. Considera ainda que, por meio das associações, pode-se reduzir comportamentos oportunistas e dar lugar ao senso da coletividade e da colaboração, que são os pilares para uma vida democrática.

É importante perceber também que a autora discute sobre a importância das redes e das conexões sociais para a promoção de impactos positivos na democracia. Ela continua destacando que

Nessa perspectiva, quanto mais ricas as redes e conexões que operam nas estruturas sociais, mais chances de causar impactos positivos na democracia, tornando as instituições políticas mais eficazes. A existência dessas redes permite que os indivíduos acessem esses recursos sociais na constituição de relações que beneficiam outros indivíduos. Por esses mecanismos – as redes e conexões – as normas de reciprocidade e de confiança tendem a se desenvolver na direção das virtudes cívicas, estimulando sentidos de coletividade, sendo esta a chave da relação entre capital social, associativismo e democracia (Luchmann, 2014, p. 163).

Neste bojo, as redes permitem que os indivíduos acessem recursos e estabeleçam relações que beneficiem outros membros da sociedade. Essa relação entre capital social, associativismo e democracia ressalta a importância das interações sociais para o funcionamento saudável da sociedade e das instituições democráticas.

Demo (1991) também considera importante este senso de coletividade e de participação. Ele faz uma reflexão sobre o lugar da participação na política social e nas relações

socioeconômicas e como essa participação pode ser percebida na teoria e prática. No entanto, ele enfatiza que a participação não é a única preocupação da política social, mas que também não pode ser ignorada, pois é sempre relevante pensar o papel do Estado nesse cenário. Para ele, o planejamento social eficaz é participativo:

O planejamento social depara, em algum momento, com a questão participativa, até porque seria inimaginável simplesmente ignorar a atuação sindical, associativa, partidária, cooperativa etc., sem falar em serviços públicos destinados a instrumentar a cidadania popular, como educação, cultura, justiça, segurança pública etc. Torna-se, desta maneira, fundamental saber compreender e efetivar o horizonte da participação em planejamento social (Demo, 1991, p. 32).

Segundo o autor, é inimaginável pensar o planejamento social sem a participação social, seja ela nas diferentes esferas da sociedade, e, como forma de aumentar a participação, Demo destaca alguns instrumentos, como a importância dos sindicatos, entidades que lutam pelos direitos dos trabalhadores; as organizações partidárias, porque é por intermédio delas que é possível democratizar o poder, tendo em vista que essas organizações são criadas com a finalidade de garantir a representatividade popular nos espaços de poder; o planejamento participativo, que através da atuação na realidade de cada localidade pode proporcionar a formação da consciência crítica e o desenvolvimento de estratégias concretas no enfrentamento de problemas; a cultura, como motivação essencial dos processos participativos.

Além desses instrumentos citados acima, o autor aponta a importância do associativismo que, segundo ele, atua como um desses mecanismos de participação, visto que uma comunidade unida por meio de uma Associação busca melhores condições de vida, a partir da solidariedade, da participação, cooperação e na busca de objetivos em comuns. Participação é definida por Demo (1991, p. 35) como “processo de conquista e construção organizada da emancipação social”.

A participação conforme citada acima é um processo de conquista, não algo dado, instantâneo. É algo construído no decorrer do tempo, através da integração de indivíduos para a reivindicação de mudanças para os grupos que vivem em sociedade. Demo (1988, p. 18) ainda enfatiza que “participação é conquista para significar que é um processo: infundável, em constante vir-a-ser, sempre se fazendo”. Nesse sentido, não existe participação acabada, completa, uma vez que se trata de uma conquista processual. Demo (1991, p. 35) destaca quatro conceitos fundamentais para se compreender a participação:

Pelo menos quatro conceitos parecem aqui fundamentais: o de processo, denotando que se trata de fenômeno historicamente dinâmico e marcado pela profundidade qualitativa no espaço e no tempo; o de conquista e construção, significando que não pode ser obra de terceiros, mas dos reais interessados; o de organização, indicando que um dos signos principais de sua competência está na cidadania coletiva bem armada; o de emancipação social, estabelecendo a centralidade do sujeito social no espaço histórico-estrutural das desigualdades sociais.

Ao se referir à participação, Demo (1991) coloca como primeiro conceito fundamental o processo que diz respeito a um fenômeno sempre dinâmico com profundo envolvimento no espaço-tempo, visto que, para a construção da participação social, é imprescindível a cooperação de todos os sujeitos. O segundo conceito, conquista e construção, tem que ser realizado pelos que realmente se interessam, pois cada conquista depende de todo um processo de construção coletiva em que os interessados sejam os principais protagonistas.

O terceiro conceito está relacionado à organização: nesse sentido, para que aconteça uma efetiva participação, a sociedade civil precisa se organizar, buscar conhecimento para a construção coletiva da cidadania e assim estar preparada, “bem armada” como diz Demo (1991), para que os cidadãos superem o comodismo e vão em busca da concretização dos direitos e deveres humanos. O quarto conceito, emancipação social, implica conceder aos sujeitos o protagonismo de suas trajetórias, a conscientização e a racionalidade dos indivíduos para que eles tenham condições mínimas de participar rompendo com a estrutura histórica das desigualdades sociais, e que os próprios sujeitos estejam empenhados na concretização dos direitos.

Esses conceitos podem ser percebidos na Comunidade do Riacho do Miranda a partir de como o associativismo é vivenciado pela ASPRUMI, uma organização da sociedade civil, composta sobretudo por agricultores familiares que buscam coletivamente a melhoria da realidade local, uma conquista da Comunidade local que tem no associativismo desde sua implementação na Comunidade a construção coletiva de uma participação eficaz. Uma das associadas reflete sobre as conquistas obtidas através da Associação:

“Porque a nossa comunidade era uma comunidade apagada antes, a gente não tinha nada como eu falei, que veio a energia, veio a água, e vários projetos, do cacau, esses clones de cacau que veio, todo mundo mudou seus cacaús, que só era aqueles cacaús antigos, aí a Associação trouxe muitas coisas, eu acredito que isso aí faz parte das políticas públicas” (Josefa Massa Puba, 2023).

A associada comenta sobre a visibilidade que a Associação deu para a Comunidade do Riacho do Miranda, uma Comunidade que não tinha nem um nome definido passou a ser

reconhecida por conta da ASPRUMI, que conseguiu levar o nome da Comunidade tanto para o município de Jaguaripe, como para outros locais. Ela cita ainda a importância da Associação para a conquista de elementos essenciais para uma melhor qualidade de vida, como a energia elétrica e a água, além da melhoria das plantações. Outro associado também falou sobre esses benefícios conseguidos coletivamente:

“Eu lembro que naquele tempo, em primeiro lugar, não tinha energia, foi depois da Associação que colocou, não tinha água encanada, depois da Associação veio a energia, a água encanada, cursos que a gente recebeu sobre trabalho, teve cursos sobre plantação de mandioca, sobre plantação de cacau, dendê, cursos pra fazer bolos e muito mais coisas que veio, e antes não tinha, e através da Associação que trouxe esses benefícios pra a gente, a gente aprendeu muitas coisas, através do programa da Associação, se não fosse a Associação a gente não sabia muitas coisas que a gente sabe hoje, como clonar cacau, como utilizar a terra, trabalhar” (Severino Goma, 2023).

Nessa reflexão, Severino Goma percebe a importância da atuação coletiva através do associativismo para as melhorias que a Comunidade do Riacho do Miranda obteve após a ASPRUMI. Ele cita a energia elétrica, a água encanada, os cursos que foram ofertados e que através destes cursos eles/as puderam diversificar sua produção. Ele reconhece que a ação coletiva promove melhorias que não seriam conseguidas individualmente. Sabemos que vivemos em um mundo desigual, e que o associativismo se configura como um mecanismo de busca de melhorias, de um lugar mais justo e equitativo para todos/as.

Ganança (2006) comenta que o Brasil é um país com grandes e urgentes demandas sociais, onde há ainda uma concepção de democracia e participação muito limitada, e se mantêm estruturas de dominação extremamente patrimonialistas, patriarcais e com uma burocracia estatal constituída pela elite. Nesse contexto, o autor faz uma pergunta teórica: “Quais seriam os aspectos de uma democracia participativa e quais mecanismos institucionais a viabilizariam?” (Ganança, 2006, p. 19). O autor aponta que a participação é a forma pela qual as necessidades dos diferentes grupos sociais podem ser expressas na sociedade de forma democrática e não apenas no ato de votar, e como esses grupos se reconhecem como cidadãos e cidadãos.

A participação é um processo educativo em que “Expressar desejos e necessidades, construir argumentos, formular propostas, ouvir outros pontos de vista, reagir, debater, e chegar ao consenso são atitudes que transformam todos/as aqueles/as que integram processos participativos” (Ganança, 2006, p.19). Dessa forma, a participação é mais potente quando acontece a partir da construção coletiva com diálogo, debate e outros mecanismos que facilitam

a solidariedade e a construção das identidades dos grupos sociais que passam a atuar como sujeitos políticos.

Na pesquisa de campo, perguntei ao Presidente se ser associado o tinha modificado de alguma forma. Para ele, além do crescimento pessoal, houve também um aprendizado no trabalho coletivo:

“A questão do crescimento, mas também tem outra coisa que é saber trabalhar em conjunto né velho, a coletividade é muito mais complexa do que se imagina, como a Associação é um pouco diferente de outros modelos de trabalho, não tem uma hierarquia né? É todo mundo no mesmo patamar, mesmo você sendo presidente você tem que se entender quem você é, que você não tá no topo da hierarquia, não existe esse negócio, você está no mesmo patamar que todo mundo, então acho que essa parte é um pouco mais complexa de se lidar, mas é legal, nunca tinha trabalhado dessa forma” (Amâncio Crueira, 2023).

Na sua fala, ele enfatiza a importância do trabalho coletivo, mas diz que não é algo fácil, pois são pessoas com pensamentos, opiniões e atitudes diferentes, e que existem os desafios de lidar com essa diversidade. Para ele, todos estão no mesmo patamar, não há hierarquia, mesmo ele estando na presidência. Eu discordo dessa fala, pois nas minhas observações na pesquisa de campo, existe sim uma hierarquia dentro da ASPRUMI em que o Presidente, como o principal representante da Associação, tem estado em espaços que outros/as associados/as não estão. Ele tem ganhado notoriedade dentro e fora do município como o Presidente da ASPRUMI, e tem usufruído disso também para benefício próprio.

Sabemos que esse não deve ser o caminho percorrido pelas associações. Precisamos compreender a importância das associações que atuam como um mecanismo de participação, pois elas “constituem um recurso imprescindível na construção de conexões e relações baseadas em laços de solidariedade confiança e de reciprocidade, elementos centrais na formação de atitudes e práticas de base cooperativa” (Luchmann, 2014, p. 164). Assim, as construções coletivas de solidariedade, confiança e reciprocidade são recursos essenciais para a prática cooperativa entre pessoas que se interessem em buscar informações e que estejam preocupadas com a vida em sociedade.

Durante as entrevistas, um depoimento me chamou a atenção. A associada relatou sobre um fato que tinha acontecido dias antes da realização da entrevista. Tinha faltado energia elétrica na Comunidade por conta das fortes chuvas, e a Comunidade ficou três dias sem energia. Por conta disso, a entrevista que eu faria dias antes com Genoveva Tapioca só ocorreu quando a energia voltou. Ela relatou a mim que ia em um povoado próximo, no Palma, para conseguir ligar para a Coelba para que eles resolvessem a situação, mas ela não conseguia uma resposta positiva. Segundo ela, a Coelba não estava acreditando em sua fala, até que, por

intermédio de um primo que trabalha na instituição, os superiores foram comunicados que o povo que estava sem energia era da Associação da Comunidade do Riacho do Miranda e, prontamente, a situação foi resolvida:

“Quando procurei, a todo momento eu ligava, não só eu como várias pessoas ligavam, foi tanto que de tanto eu ligar, abusar a Coelba, eles queria até me processar, achava que eu tava mentindo, e aí eu fui em busca de meu primo que trabalha lá Coelba, eu disse vou ver, quando ele ligou pra o gestor, ele disse infelizmente a gente não pode, porque tem muita gente na frente, aí meu primo falou assim, mas esse povo é um povo lá da Associação do Riacho do Miranda, aí ele disse, ah é da Associação do Riacho do Miranda, pera aí, “xover” aqui, e logo ligou pro eletricista e logo deu Resposta a Nel e disse assim, eles já tão indo, e foi verdade, Nel mandou tirar as foto tudo de onde caiu o fio, fiz isso, fui no Palma, que aqui não tinha energia, não tinha internet pra eu falar com Nel, porque ele disse que ia me dar a resposta, quando cheguei lá ele disse, já tá indo. Demorei lá pelo Palma, quando eu voltei o fiscal já tava em mei de caminho que eu peguei levei lá, mostrei as fotos a ele, levei ele lá no local, e ele disse assim, hoje mesmo a gente vai resolver, então foi através de meu primo que trabalha na Coelba, mas também, através de um povo associado, porque eu acho assim, se não tocasse o nome de um povo associado, vinha, porque eles tinha que vim, mas ia demorar, e quando fala da Associação eles vê logo que é um povo unido, um povo associado que tá necessitando” (Genoveva Tapioca, 2023).

No seu depoimento, Genoveva Tapioca compreende a importância da coletividade para uma Comunidade, pois o reconhecimento por parte da Coelba de que o povo que estava sem energia era um povo associado agilizou a ida à Comunidade para a resolução do problema. Para Milani (2008), a participação se articula com a cidadania. A autora pontua que:

a participação social cidadã é aquela que configura formas de intervenção individual e coletiva, que supõem redes de interação variadas e complexas determinadas (proveniente da “qualidade” da cidadania) por relações entre pessoas, grupos e instituições com o Estado. A participação social deriva de uma concepção de cidadania ativa. A cidadania define os que pertencem (inclusão) e os que não se integram à comunidade política (exclusão); logo, a participação se desenvolve em esferas sempre marcadas também por relações de conflito e pode comportar manipulação (Milani, 2008, p. 560).

Para uma participação social cidadã eficaz, é preciso que aconteçam ações individuais e coletivas. As redes de interação devem acontecer, como exemplo, uma Associação não se mantém sozinha, ela precisa estabelecer relações com outras instituições, sejam elas governamentais ou oriundas da sociedade, como cooperativas, organizações não-governamentais, dentre outras. A cidadania define os níveis de participação, os que pertencem, ou seja, os que estão inclusos e os que não estão inseridos na comunidade política. Nas esferas

de participação como um todo, esses ficam excluídos dos processos participativos. Nesse sentido, é preciso perceber também que a participação se desenvolve em espaços marcados por conflitos, podendo se manter de forma autoritária.

No entanto, se essa participação se mantém de forma manipulada e autoritária, não se configura como uma participação social cidadã eficaz, visto que a cidadania se baseia no conjunto de direitos concedidos aos indivíduos de uma sociedade para que possam participar de forma democrática seja no contexto civil, político ou social.

A participação diz respeito às múltiplas formas de ações nos diferentes espaços sociais, que se desenvolvem com o objetivo de buscar interesses individuais ou coletivos. Demo (1988, p. 18) afirma que “participação não deve ser entendida como uma dádiva, como concessão, como algo já preexistente”. Ele continua tecendo comentários sobre o fato de que a participação não pode ser entendida como dádiva porque não seria o produto da conquista, a participação não é concedida por um doador, mas sim conquistada. A participação também não pode ser entendida como concessão, porque ela não é um fenômeno que vem após a política social, mas esta é um de seus eixos fundamentais. Dessa forma, é a participação que promove a política social, pôr fim a participação não pode ser entendida como algo preexistente porque “o espaço de participação não cai do céu por descuido”. Assim a participação é, para Demo (1988), uma construção contínua e inacabada.

Percebe-se, então, que a participação não é dada, mas sim reivindicada, conquistada todos os dias. Para isso, precisa-se da ação coletiva, pois como diz o ditado popular “uma andorinha só não faz verão”. Isso significa que uma pessoa sozinha não é o suficiente para alcançar uma ação maior, é preciso coletividade. Os/as associados/as refletiram sobre a importância da coletividade para uma interferência exógena na ASPRUMI através das políticas públicas implementadas na Associação. Um deles falou que

“A Associação tem buscado essas políticas para a comunidade, busca mesmo, as vezes, nós é que não sabe, como é que chama? “asfruir”, mas tem curso, é pra fazer bolo, doce e enfim, é... tem o PAA já foi muito bom, depois teve alguma coisa que não deu certo, e agora tão dizendo que vai renovar novamente, mas uma das coisas que eu acho melhor, que beneficia mais é sobre a entrega da merenda escolar, do PNAE e o PAA que já foi muito bom, também essas feiras que tem é boa e aqueles técnicos que saia olhando como cuidar das plantações, que eu não sei como é que chama” (Raimundo Farinha de Mandioca, 2023).

Ele reflete sobre as políticas públicas que a ASPRUMI tem buscado para os/as associados/as, mas reconhece que por muitas vezes os/as próprios/as associados/as não

reconhecem a importância dessas políticas. Ele cita o PAA, o PNAE e a ATER, que foram políticas já implementadas na Associação e que tiveram um impacto positivo na vida dos/as associados/as. No entanto, o que pude perceber é que os/as associados não possuem muita propriedade para falar sobre cada política, algumas delas eles/as não lembram os nomes, só sabem que houve melhorias, que eles puderam entregar os produtos, não sei se é pela falta de interesse dos/as associados/as, como ele diz, ou se é pelo fato de que o Presidente acaba assumindo as responsabilidades, sem dividir as funções, atuando de forma hierárquica.

Ao abordar a questão, Demo (1988) faz uma reflexão sobre os passos no terreno da participação. Para ele, o primeiro é a “tendência histórica à dominação”. Ele aponta que as sociedades se organizam de forma hierárquica, havendo uma conduta de dominação, ou seja, a tendência histórica das sociedades é ter uma relação de cima para baixo, em que uma menor parte comanda e a maior parte é comandada, assim, não existe nenhum espaço em que naturalmente aconteça a participação, ela é fruto da conquista.

O autor ainda aponta que essa realidade de conduta hierárquica não deve ser desculpa para a não participação, pelo contrário, é nesse cenário que a participação precisa acontecer: “o espaço de participação precisa ser conquistado, centímetro por centímetro, o que ocorre muitas vezes é que não podemos andar a metro, mesmo porque todos os processos participativos profundos tendem a ser lentos” (Demo, 1988, p.19). Nesse contexto, cada centímetro conquistado é sempre a partir de um processo lento e processual. Ainda conforme o autor:

Nestes termos, participação é um processo de conquista, não somente na ótica da comunidade ou dos interessados, mas também do técnico, do professor, do pesquisador, do intelectual. Todas estas figuras pertencem ao lado privilegiado da sociedade, ainda que nem sempre ao mais privilegiado. Tendencialmente buscam manter e aumentar seus privilégios. Se o processo de participação for coerente e consistente, atingirá tais privilégios, pelo menos no sentido de que a distância entre tais figuras e os pobres deverá diminuir. Por isso mesmo, a participação tende a ser um discurso teórico, para encanto das plateias e das modas. Para se chegar à prática supõe-se forte ascese, que é mais fácil pregar aos outros, do que concretizá-la em nós (Demo, 1988, p. 21).

A participação como processo de conquista precisa acontecer não somente no âmbito da comunidade, mas sim de todos, independente de que lado da sociedade estejam: pesquisadores, intelectuais e afins não devem se sentir superiores à comunidade ou aos interessados pesquisados, pois todos/as têm a contribuir no processo participativo. A participação precisa sair do discurso teórico e ser vivenciada na prática, a partir do exercício contínuo e permanente, pois é nesse espaço que se delimitam os territórios que, conforme afirma Comerford (2003), se estabelecem os territórios de parentesco.

Milani (2008) traz alguns questionamentos sobre a participação social no processo de constituição de espaços públicos: De que tipo de participação se trata? Participação em quê? Para quê? Como? Quem participa? Em que espaços de decisão ou canais de participação podem participar? Essas e outras perguntas são feitas pelo autor como forma de reflexão sobre a participação. Fazendo uma reflexão sobre quem participa, Milani (2008, p. 560), aponta que:

Uma vez que sabemos que a participação social pode, ao mesmo tempo, levar à constituição de interesses corporativos nos processos de decisão e dar vazão às vozes específicas de sujeitos subalternos na economia e na política, parece-nos essencial interrogar as diferentes experiências sobre o perfil da participação. Trata-se de indivíduos, cidadãos, atores sociais, atores institucionais, atores econômicos, atores da sociedade civil? Participam enquanto indivíduos ou grupo (ou representando um grupo)? Há uma profissionalização da participação? Há diversidade na participação? Além disso, que desigualdades subsistem na participação?

Diversas reflexões são feitas sobre o tema da participação social, pois ela pode levar à consolidação de interesses corporativos, dando voz às pessoas que estão inferiorizadas na economia, política e outros aspectos. Cabe então questionar sobre o perfil da participação, buscar entender quem participa, quais os fatores que levaram aquela pessoa a participar, se a participação é individual ou coletiva. Trata-se de questionar se é um grupo diverso, e quais as desigualdades existentes. Pensar tais questões é de suma importância para perceber que a participação é complexa e variada, não é única em todos os espaços e requer uma análise de cada contexto em que ocorre.

As práticas participativas variam de acordo com os contextos sociais, históricos e geográficos: elas evoluem de acordo com o cenário em que se encontram. A participação social é construída a partir das vivências de cada lugar, pois ela é a construção na/da transformação social. Nesse sentido, Gohn (2019, p. 76) destaca que:

o tema da participação social tem sido fundamental para explicar processos de inclusão social, contra as injustiças, pelo reconhecimento de direitos (antigos e novos) advindos tanto de lutas, movimentos, campanhas, protestos etc. de setores da sociedade civil, como de processos engendrados no interior do Estado, operacionalizados por instituições que promulgam determinadas políticas públicas

A participação não é dada, mas sim conquistada nos diversos setores da sociedade. A partir dela, pode-se explicar os processos na busca da inclusão social, no reconhecimento de direitos, ou em processos concebidos no interior do Estado que sejam operacionalizados por instituições que elaborem políticas públicas. Assim, a participação pode ser percebida nos mais variados cenários da sociedade.

Compreendemos que todas as relações participativas e coletivas na ASPRUMI dizem respeito de alguma forma às famílias e as suas relações que vão configurar esse território de parentesco. As ações “entre família” são recortadas, interpretadas e narradas sobre a visão de quem as interpreta, analisando como se estabelecem essas relações que, muitas vezes, evidenciam conflitos que podem ser resolvidos através do diálogo.

Na pesquisa de campo, presenciei um desses momentos de diálogos acalorados entre o próprio Presidente e sua esposa em uma reunião mensal da Associação onde estavam tentando resolver um mal entendido entre as mulheres que participaram de um curso de produção de derivados da mandioca, e o Presidente, que não tinha avisado com antecedência sobre o que era preciso organizar para o curso. Então, continuo acreditando que, por mais que seja falha, a comunicação ainda é o melhor meio de resolução dos conflitos.

Ao fazer uma retrospectiva sobre a pesquisa atual e as pesquisas anteriores feitas na ASPRUMI, pude perceber que a coletividade tem mudado de objetivos. Nas pesquisas anteriores, a coletividade era vista a partir da participação nas políticas públicas, nos cursos, e hoje a associação está precisando se reinventar quanto aos motivos que fazem com que o/a associado/a queira estar ali. Eles/as já estão de certa forma capacitados. As políticas estão voltando agora, houve um período de afastamento dos membros durante a pandemia, bem como a falta de políticas vivenciadas no período de 2019 à 2022. Tudo isso acabou refletindo nas ações coletivas atuais. Percebo que há tentativas para que a coletividade se fortaleça, mas compreendo também que esse é um processo lento que precisa do envolvimento de todos/as.

Assim, compreendo que a participação e a coletividade são fatores essenciais para o associativismo. As formas de socialização dessas pessoas configuram o território de parentesco que é construído a partir das relações cotidianas tanto da familiaridade da família de sangue como daqueles que são “como família”. Essas relações estão sempre sendo colocadas à prova, e essas provas passam pela interpretação mútua dos atos e relatos. É a relação desses atos e relatos com o território que faz dos territórios de parentesco um fenômeno que pode ser compreendido (Comerford, 2003).

Nesse sentido, compreendemos que a coletividade é inerente ao fortalecimento da participação na Associação, sendo preciso perceber a importância da coletividade e do engajamento de todos/as os associados/as, pois a união e o trabalho coletivo são essenciais para o sucesso de uma associação.

4.4. INDIVIDUALIDADE E PARTICIPAÇÃO: DINÂMICAS E TERRITORIALIDADES

Entendo que todos os indivíduos possuem as suas individualidades e isso é inato do ser humano. Sempre estamos em busca da realização dos nossos objetivos pessoais, mas então como conciliar as nossas individualidades com a coletividade? As vezes pode parecer difícil, mas não impossível. É uma tarefa constante de equilíbrio das vontades pessoais e coletivas, pois, por um lado, a individualidade é fundamental para a diversidade, inovação, construção das territorialidades, dentre outros aspectos, tendo em vista que cada indivíduo traz consigo experiências, habilidades e perspectivas únicas. Já o associativismo permite que essas pessoas diferentes se unam para alcançar objetivos maiores do que seriam capazes sozinhos.

Tanto o associativismo quanto a individualidade são fundamentais para o desenvolvimento humano, e ambos podem caminhar juntos, mesmo sendo conceitos distintos, tendo em vista que vivemos em uma sociedade democrática em que cada indivíduo tem o poder da escolha – escolher estar presente, estar ausente, assumir responsabilidades ou deixar para o outro o que poderia ser feito. Luchmann (2014, p. 160) faz uma reflexão sobre o associativismo e seus efeitos democráticos, pensando sobre as diversas possibilidades que as associações permitem uma comunidade ter, ela aponta que

[...]o papel e os impactos das associações se desdobram em diversas – e não necessariamente cumulativas – possibilidades, com destaque para três conjuntos de contribuições: no desenvolvimento individual, contribuindo para a formação, o aumento e o suporte na formação de cidadãos mais democráticos, especialmente em sua capacidade de produzir julgamentos autônomos; na formação da opinião pública construindo, ampliando e problematizando as opiniões e políticas; no fortalecimento das instituições de representação, além da criação de canais institucionais que produzam, via participação dos cidadãos, decisões políticas legítimas. Por meio da representação política, da pressão, da resistência, da participação ou da cooperação, o fato é que, diante dessa paisagem complexa e plural que conforma as sociedades contemporâneas, a democracia se fortalece quando contemplada por um quadro rico e plural de práticas e dinâmicas associativas atuando em diversas tarefas, cooperativas e/ou conflitivas, que ampliam e diversificam as demandas e as respostas democráticas para as diferenciadas necessidades e conflitos políticos e sociais.

Ela destaca três conjuntos de contribuições que o associativismo oferece. O primeiro deles é o desenvolvimento individual, que significa que, por uma pessoa estar participando em uma Associação, ela não será uma marionete, ou seja, manipula por um líder, mas sim terá a oportunidade de produzir opiniões próprias, tendo uma formação democrática. A segunda contribuição diz respeito à formação da opinião pública, sendo uma forma de contribuir e problematizar as políticas, pois as associações podem promover espaços para debates, trocas de

ideias, que enriquecerão a opinião pública. A última contribuição está relacionada ao fortalecimento das instituições que representam esses/as associados/as.

Assim, as associações podem desempenhar diversos papéis. Essa diversidade contribui para o fortalecimento da democracia e na busca pelo atendimento das necessidades e conflitos dos territórios. No entanto, Luchmann (2014) ressalta também que é necessário ter um cuidado ao refletir sobre associativismo e democracia, pois podem existir associações que não desempenhem ações democráticas, sendo necessário analisar cada caso de forma única.

Ao refletir sobre a ASPRUMI, ficou constatado que em alguns momentos as ações estavam monopolizadas pelo Presidente. Mesmo tendo as reuniões em que todos/as poderiam participar coletivamente, algumas das ações não estavam acontecendo de forma democrática. Isso ficou evidente quando um membro da gestão falou que

“A gente faz parte do conselho da saúde, da ação social, da criança e do adolescente, da agricultura, eu acho que são esses os principais que a gente participa, e agora do CONSEA, que eu acho que é o Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional, a gente participa desses conselhos, é um desafio a mais, o da saúde a gente não tá tão... era Zé da água e Ailton que participava, depois que mudou as pessoas a gente não tá tendo mais a mesma participação, tá complicado. Mas assim, os outros conselhos a gente consegue participar, que inclusive a maioria sou eu, aí eu tenho que me deslocar, pra poder fazer parte desses conselhos, pra estar presente, mas também entendo porque é outro problema, não tem transporte, é mais uma coisa voluntária, os gastos, você não consegue repor esses gastos na maioria das vezes, o pessoal não liga tanto para a questão do conselho, assim quando eu falo da população em geral, a gente sabe da importância do conselho, mas acho que a galera ainda não entendeu, tem vez que falta quórum da própria prefeitura, que a metade é do poder público, as vezes falta membros da própria prefeitura pra participar das reuniões, mas a gente participa, inclusive participamos da conferência territorial e estadual do CONSEA, que a gente participou ativamente, o da criança e adolescente também, da ação social também, eu cheguei a ser delegado daqui do território, então acho que é isso, a gente participa dos conselhos, mas tem essa problemática, tudo muito voluntário, a galera que aqui da agricultura, da terra ou de diária de raspagem, tem essa questão de você se deslocar, perder sua diária, então é bem complicado”(Amâncio Crueira, 2023).

O depoimento reforça que a gestão da ASPRUMI tem concentrado as funções apenas para um membro da gestão, em que ele, com exceção do Conselho de Saúde, tem sido representado por outro associado que não participa. O presidente é o único que tem representado a Associação nos demais conselhos. Ele cita as dificuldades em participar, por não ser remunerado, pela cidade de Jaguaripe ser um lugar de difícil acesso, mas acredito que mesmo com todos esses empecilhos, outros associados teriam o interesse em participar, visto que

conforme já foi dito no decorrer do texto, já houve representantes da Associação no Conselho de Saúde que participaram ativamente.

A fala do gestor demonstra que ele participa por interesses individuais, para ganhar uma notoriedade dentro do município. Inclusive, na entrevista, ele deixou claro seu interesse em participar das eleições deste ano (2024). Ele ainda relata sobre o crescimento pessoal adquirido através de sua atuação na gestão da Associação:

“Eu tenho uma sensação muito boa, primeiro de crescimento pessoal absurdo, é gigante o crescimento, porque assim, você lida com diversas famílias, cada um com sua cultura, cada um com seu jeito, então você lida com essa galera toda, eu fico alegre, eu vejo como um crescimento pessoal gigantesco, acho que eu não teria esse crescimento se tivesse em outra área, mas eu fico feliz” (Amâncio Crueira, 2023).

Na sua fala, ele demonstra que fica feliz com o seu crescimento pessoal, que se deu por intermédio da ASPRUMI. Ele compreende que pelo fato de estar lidando com diversas famílias, com pessoas diferentes, ele consegue amadurecer enquanto ser humano. Mas, podemos nos questionar até que ponto esse crescimento pessoal de um gestor é benéfico para todos/as os/as associados/as. É preciso ter em mente, que um bom gestor considera como o sucesso de uma Associação a participação de todos/as, garantindo que os interesses coletivos sejam priorizados em detrimento dos pessoais.

Por outro lado, vale ressaltar que a participação em uma Associação promove não somente benefícios coletivos, como também os individuais. A esse respeito, Luchmann (2014, p. 164) fala que

Ocupando uma posição central no conceito de capital social, as associações constituem recurso imprescindível na construção de conexões e relações baseadas em laços de solidariedade, confiança e de reciprocidade, elementos centrais na formação de atitudes e práticas de base cooperativa. Elas estimulam o interesse e a responsabilidade com os assuntos públicos e, como corolário, impactam o funcionamento das instituições e da própria democracia. Aqui, não apenas os indivíduos, mas a sociedade toda ganha com o capital social. No plano individual, os ganhos do capital social dizem respeito ao fato de que a participação e o envolvimento grupal contribuem para a saúde e o bem-estar individual, além de promoverem o desenvolvimento de cidadãos mais bem informados e preocupados com a vida em sociedade.

A autora discute em seu texto o conceito de Capital social. Para ela, as associações ocupam um lugar central, ressaltando a importância do associativismo na construção de conexões e relações baseadas em solidariedade, confiança e reciprocidade. Ela fala ainda que as associações estimulam o interesse e as responsabilidades com os interesses públicos, impactando o funcionamento das instituições e da democracia, e a sociedade como um todo se

beneficia, tanto individualmente na promoção da saúde e do bem-estar, quanto coletivamente, promovendo o desenvolvimento da cidadania e permitindo que as pessoas se preocupem com a coletividade.

Pensando nos ganhos individuais e coletivos que uma Associação proporciona, uma associada em sua entrevista refletiu sobre o “peso” que o nome da ASPRUMI tem sobre a sua venda de bolos. Ela, uma associada que aprimorou a feitura de bolos através dos cursos ofertados por intermédio da Associação, produz seus bolos em casa e os comercializa de casa em casa. A esse respeito, ela disse que:

“Algum lugar que a gente vai, eu vender meu bolo, que antes ninguém conhecia assim meu bolo, as vezes as pessoas diz assim, rapaz, hoje eu não quero não, logo de primeiro eu fui oferecer os bolos lá no Palma, com uma vergonha, aí eu fui vender bolo no Palma, com uma vergonha, porque foi a primeira vez não sabia se tava bom, se tava ruim, eu dizia você quer, ah hoje eu não quero não, eu dizia é o bolo da Associação, ia com a camisa da Associação, que era da fábrica de dendê, aí botava a camisa com o nome Associação do Riacho do Miranda, e eu dizia, é o bolo da Associação, eu aprendi lá, ah é da Associação do Riacho do Miranda vou comprar um pra ver, aí com isso, com esse nome da Associação, eu fui aprendendo vender e o povo comprava mais, porque quando falava em uma Associação, ali mesmo que eles nem quisessem o bolo, eles fazia questão de comprar pra ajudar, a importância de uma Associação é isso aí, que é um povo unido e as pessoas se interessa a ajudar” (Genoveva Tapioca, 2023).

Ao sair para vender os bolos, ela disse que vestia uma camisa que tinha o slogan da ASPRUMI, e saía para oferecer seus bolos nas casas. No primeiro momento, ela foi vender na comunidade do Palma, e ela considera que através do nome da ASPRUMI, ela vendeu os bolos com maior facilidade. Isso mostra que através da Associação ela conseguiu realizações pessoais através da venda dos bolos, levando o nome da Associação para um empreendimento próprio, que se originou através da produção coletiva de bolos coletiva para as entregas do PAA. No entanto, com o fim das entregas, ela decidiu continuar por conta própria sua fabricação de bolos.

Ao refletir sobre a ASPRUMI, são muitas as nuances percebidas sobre a questão da individualidade que me fizeram refletir sobre a presença e a ausência dos/as associados/as, a alocação do outro nas responsabilidades, enquanto eles/as se isentam dos deveres que seriam seus. Observei durante a pesquisa de campo que houve um afastamento dos/as associados/as que anos atrás participavam ativamente. Escolhi entrevistar um desses associados, que esteve presente desde a fundação e que hoje está desligado da Associação. Em uma de suas falas ele disse que

“Eu gosto muito da Associação, na verdade, gostei, porque hoje me afastei, não tenho nada contra, que a gente se afasta de qualquer coisa assim, mas não vai ficar com raiva de ninguém né, mas só que a gente não vai ter mais aquela boa vontade que tinha antes né, que a Associação pra mim foi uma coisa boa, eu achava boa, porque eu tinha vontade de entrar como eu entrei, até que a gente fundou a nossa, e a nossa Associação, foi uma Associação que cresceu, hoje no município de Jaguaripe, é uma das melhor, antes de me afastar eu achava que era uma das melhor, e hoje eu acho que ainda tá sendo, não tá aquela coisa como era no tempo que a gente tava, os fundador velho, que os fundador velho se afastou, acho que só tem dois ou três, que eu não tenho participação, tá com cinco anos agora no dia 29 desse mês que eu fui em reunião, eu não tenho certeza não, mas acho que tem dois ou três fundador que hoje ainda faz parte dela, agora se as coisas ainda tá como tava no tempo da gente eu não sei, porque eu me afastei de lá e eu não se tá como era no tempo da gente, agora no tempo da gente, não é por me gavar nem gavar os membros mais velho não, mas só que a Associação andava muito bem, como você mesmo, acho que você lembra, como era aquela Associação, até porque a gente junto com o grupo montou aquela mercearia, que era uma mercearia que hoje podia tá um supermercado bem grande ali, mas ninguém sabe qual o motivo, que eu não posso explicar, que eu não sei, que hoje desmoronou, que acabou a mercearia” (Tadeu Maniva, 2023).

Através de sua fala, percebo que ele considera a Associação de grande importância dentro do município de Jaguaripe. Ele relembra sobre sua trajetória na ASPRUMI, de como foi importante para ele, já que este era um desejo seu, fazer parte de uma Associação. Mas com o decorrer do tempo, ele foi perdendo o encanto pois, segundo ele, os associados mais antigos na Associação conquistaram coisas, e foram se perdendo com o decorrer do tempo.

Ele cita a mercearia, que foi montada dentro do espaço da sede, onde foram colocados diversos produtos alimentícios para serem comercializados, e que começou a gerar lucro, pois na Comunidade não existia outra mercearia. No entanto, com o passar do tempo, a administração da mercearia não estava sendo totalmente transparente, o que resultou no afastamento de associados/as que começaram a se incomodar com aquela situação, visto que esses associados/as não queriam promover embates com a gestão, preferiram se afastar. Isso foi o que ficou constatado durante a pesquisa de campo.

O associativismo é um elemento importante na medida em que desloca as atribuições dos problemas e condições do plano pessoal para o coletivo – ou sistêmico –, requisito essencial para o desencadeamento de um movimento social. Assim, em Associação, as pessoas desenvolvem sentidos e percepções da vida social que transcendem a dimensão individual e pessoal. Aqui, as bases de aprendizado superam muito as expectativas de civismo e cooperação, ao buscarem alterar o status quo nas diferentes dimensões da vida social (Luchmann, 2014, p. 165)

A autora reflete sobre a importância do associativismo com um elemento importante para que as pessoas desenvolvam uma compreensão mais ampla da vida social, que vai além do âmbito individual e pessoal. Além disso, o aprendizado deve ir além das práticas que são assumidas como deveres fundamentais da vida coletiva ao buscarem alterar o *status quo*, que é o estado das coisas nas diversas esferas da vida social. Neste sentido, podemos perceber que é esperado que, por meio do associativismo, as pessoas desenvolvam uma compreensão mais ampla da vida social que vai além do âmbito individual e pessoal.

Assim, ao pensar nas individualidades presentes em uma Associação, percebemos que participar constrói processos de pertencimento. Quando os/as associados/as se envolvem nas atividades, nos projetos e na Associação de uma forma geral, eles/as têm a oportunidade de contribuir para algo maior do que eles/as mesmos/as, e essa contribuição cria um senso de pertencimento, promove relações interpessoais prazerosas e contribui para o bem-estar individual e coletivo.

Ao refletir sobre a vida associativa, Félix (2019) faz algumas considerações sobre Edith Stein e suas ações pensadas na empatia e no associativismo. Stein foi uma mulher judia que marcou a história no século XX por sua competência com a filosofia e sua dedicação ao cristianismo. Sua vida foi marcada pela busca da identidade própria, busca da dignidade humana, busca do sentido deste mundo, busca da verdade do ser, busca da fé e busca de Deus. Ela, que cresceu sendo orientada nos princípios do judaísmo, se afastou na adolescência e começou a fazer filosofia, sendo a única mulher da turma a estar no curso. Nesse percurso, ela teve seu encontro com a fenomenologia através de Husserl, e abraçou a fé cristã na Igreja Católica. Ela acreditava que percorrer o caminho espiritual não fechava a porta para fazer Filosofia. Edith buscou aprofundar seus estudos sobre a empatia. Félix (2019, p. 124), ao refletir sobre o conceito trazido por ela, aponta que

Por meio da empatia é possível se chegar ao âmbito dos valores e não estar somente no âmbito do físico. Pela empatia dou-me conta da realidade espiritual do outro, não somente percebo o outro, mas me apercebo do seu “tu”, um “tu” que não é diverso do meu “eu” e que reflete as realidades vividas, desejadas, planejadas, etc. por mim. Deste modo, dou-me conta de um sujeito que não é estático como as meras realidades materiais. Sem dúvida, é certa a afirmação de que a «empatia é o outro nome da relação». Nesta realidade de relação, o outro sempre poderá dar-se conta de nosso estado vivencial, pois não conseguimos esconder o que estamos sentindo, uma vez que é evidente quando uma pessoa está exausta, preocupada, triste ou exuberante de alegria. Tudo isso, fica claro na realidade da corporeidade.

Segundo expressei acima, a base para a compreensão da empatia está na percepção do outro e na construção de relações significativas. Por meio da empatia, somos capazes de ir além do aspecto físico e perceber a realidade espiritual do outro, reconhecendo-o como um ser semelhante a nós mesmos, com suas próprias experiências, desejos e planos. A empatia nos permite também estar conscientes tanto do nosso estado emocional como do outro, pois mesmo que tentemos esconder nossos sentimentos, não iremos conseguir, pois nas relações interpessoais que têm como base a empatia, os sentimentos ficam esclarecidos. Esse sentimento é o que deve existir nos meios associativos, perceber o outro com empatia, estabelecer um contato profundo com o outro, mas respeitando as individualidades de cada um.

Outra característica importante para o fortalecimento do associativismo é a solidariedade, pois, apesar das semelhanças que possam existir entre as associações e outras organizações produtivas, não podemos ignorar as especificidades das atividades econômicas do associativismo. No associativismo, a solidariedade e a democracia constituem princípios de ação coletiva. As associações são espaços relacionais e comunicativos, buscando a reivindicação da liberdade e da igualdade entre seus membros (Ferreira, 2011).

Lima (2016) faz uma análise sobre as relações interpessoais que tem como referência os conceitos de Mark Granovetter sobre os laços fracos e os laços fortes que se diferenciam pela regularidade e pela intensidade das relações estabelecidas, destacando também a importância de redes de relacionamento para que os indivíduos se apropriem dos meios necessários para o alcance de objetivos que de outra forma não seriam alcançados.

Nesse contexto, a autora, ao analisar os escritos de Granovetter aponta que “os laços de relacionamentos, potenciais ou efetivos, são apresentados pelo autor como peças decisivas para o indivíduo alcançar seus propósitos, vis-à-vis a motivação e o poder necessários de seus contatos para que suas demandas sejam atendidas” (Lima, 2016, p.50). Compreendemos que as relações humanas são essenciais para que os indivíduos alcancem seus objetivos.

Os laços fortes e fracos citados por Granovetter são utilizados para diferir os relacionamentos do indivíduo. Os laços fortes estão relacionados à esfera íntima do indivíduo, como amigos próximos e família, e os laços fracos são os contatos externos ao círculo imediato de família e amigos próximos (Lima, 2016).

Podemos correlacionar essa ideia dos laços fortes e fracos à ASPRUMI. Quando os laços fortes da Associação podem ser os membros ativos da ASPRUMI, que têm um compromisso com os objetivos da Associação, sendo esses laços fundamentais para fornecer o suporte necessário para que de fato o associativismo aconteça. Por outro lado, os laços fracos

podem ser representados por aqueles que não participam ativamente da Associação, ou quando participam por interesses superficiais e momentâneos que possam beneficiar a si mesmos naquele momento. Os laços fracos também podem ser representados pelos contatos externos da Associação que possam trazer contribuições e oportunidades de parceria a recursos externos. Essas relações mais distantes também são importantes para a expansão da rede de contatos e para trazer novas perspectivas para a Associação.

5 A CARTILHA COMO PRODUTO

A cartilha é uma ferramenta que vem sendo utilizada cada vez mais nas mais diversas instituições pois, a partir dela, pode-se tratar de temas variados de forma lúdica e atrativa para os leitores:

As cartilhas educativas podem ser importantes mecanismos de Popularização da Ciência, quando atrativas e elaboradas de forma acessível a diferentes públicos-alvo. Para isso, são necessários o conhecimento da realidade ou do assunto a ser abordado, embasamento teórico, criatividade ao elaborar o material paradidático e estratégias de difusão das informações, a fim de atingir um maior número de pessoas leigas e interessadas na temática (Alves; Gutjahr; Pontes, 2019, p. 84).

Nesse sentido, as cartilhas são uma importante ferramenta para a popularização da ciência, mas é importante que sejam elaboradas de forma atrativa e que haja uma aproximação com o objeto de pesquisa e conhecimentos prévios do tema que será abordado. Além do conhecimento científico, é preciso ter criatividade, para que o material consiga alcançar o maior número de pessoas que tenham interesse na temática.

A elaboração da cartilha se deu partir de uma linguagem simples para se tornar acessível a pessoas de qualquer nível escolar. Além de lúdica, é um material possível de ser reconstruído.

Todos os dados coletados – fotos, falas, produções feitas pelos participantes nas oficinas, a pesquisa documental e entrevistas – foram utilizados para a elaboração da cartilha que visa auxiliar associações com ferramentas e estratégias para fortalecer a participação na ASPRUMI e colaborar no desenvolvimento de outras atividades. A cartilha encontra-se disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/747360>.

CONSIDERAÇÕES ÚLTIMAS OU SOBRE ALGUMAS CONSTATAÇÕES

Ao considerar o objetivo proposto nesta pesquisa – interpretar que territorialidades surgem a partir da participação na ASPRUMI – compreendemos que as territorialidades que se configuram na Associação são frutos das diversas formas de participação, ou da ausência delas. Percebemos que, além da presença e da ausência dos/as associados/as, a ASPRUMI tem mantido as redes de contatos que trazem benefícios para a associação. A ASPRUMI possui grande importância na construção das territorialidades que, em sua maioria, estão inseridas nos territórios de parentesco. Esses, não dizem respeito somente ao vínculo consanguíneo, mas às vivências cotidianas das pessoas que acabam se tornando “como uma família”.

Ao refletir como os/as associados/as concebem/percebem os mecanismos e processos de participação na ASPRUMI, percebemos que em muitos momentos há a alocação do outro nas responsabilidades. Em muitos momentos, a participação está condicionada por interesses pessoais em detrimento dos coletivos. Pude perceber também que os/as associados/as reconhecem que precisam participar de forma assídua. A participação só pode ser construída a partir das vivências e, por isso, entendemos também que a coletividade é inerente ao fortalecimento da participação.

Ao buscar interpretar as territorialidades percebidas e vividas pelos/as associados/as a partir da ASPRUMI, percebemos que as territorialidades da ASPRUMI são construídas a partir das relações internas e externas. Nas relações internas, estão a presença e ausência dos/as associados/as e as formas de socialização que constituem os territórios de parentesco. As relações externas podem ser percebidas a partir das forças exógenas na implementação das políticas públicas e na relação com outras entidades tanto do município como de fora.

Buscamos também compreender as potencialidades para a participação social e produção das territorialidades a partir dos/as associados/as da ASPRUMI. Percebemos que a Associação possui grande potencial para, a partir da participação, construir e fortalecer suas territorialidades. Isso fica nítido em todos os depoimentos que pontuaram a importância da ASPRUMI para a conquista de melhorias para a Comunidade. Os/as associados/as compreendem que precisam melhorar a participação. Buscam respostas – ou talvez culpados – para a pouca participação que tem acontecido atualmente. Mas vi em cada um/a o desejo de encontrar a motivação que está faltando para que a participação efetivamente aconteça.

Como último objetivo, produzi uma cartilha com as experiências e metodologias para o estímulo da *práxis* territorial. A cartilha tem como objetivo auxiliar a ASPRUMI e demais

entidades que desejem utilizá-la em momentos formativos, de reuniões, cursos ou outros momentos para a busca de novas informações e de estratégias para que a participação nos mais diversos aspectos seja fortalecida.

No decorrer da pesquisa de campo, busquei responder os objetivos propostos através da realização das oficinas e entrevistas para, assim, compreender as territorialidades e a participação na ASPRUMI. A partir da pesquisa, pude refletir que a participação e o associativismo constroem a *práxis* territorial, pois não podemos pensar a *práxis* territorial sem a participação que seja dialógica e continuada, reconhecendo as diversidades, as relações e os conflitos. Foi por intermédio da *práxis* que pude discutir e cooperar com os/as associados/as, participando da transformação dos sujeitos da pesquisa, tanto a minha quanto a dos/as associados/as.

Assim, pude perceber que as territorialidades da ASPRUMI são construídas na participação circunscrita à *práxis* territorial por meio da presença/ausência dos/as associados/as, das políticas públicas, das diversidades geracionais, das relações, e que em muitos momentos essas territorialidades são fragilizadas pela necessidade de um planejamento e organização eficaz e pela pouca dialogicidade que interfere na construção das territorialidades.

Compreendo que a pesquisa pode ter deixado lacunas que não foram respondidas e, caso necessário, buscarei respostas para as questões não aprofundadas. Com esta dissertação, pretendo encerrar o ciclo de pesquisas com a ASPRUMI e buscar novos desafios. Percebo que, com o passar do tempo, a relação de pesquisadora e o *lócus* já se esgotou. Estou ciente também que esta última pesquisa demonstrou diversas fragilidades da ASPRUMI, e que não pretendo mais me envolver nessas nuances tão complicadas, pois envolvem família, conhecidos, pessoas que estão no círculo de convivência e que não quero gerar nenhum tipo de constrangimento/descontentamento, porque falar bem do seu lugar de pertença, é maravilhoso, como fiz nas pesquisas passadas, mas falar sobre uma realidade não tão boa, é desafiador.

Não foi fácil pesquisar o meu lugar, sobretudo nesta última pesquisa, pois nas primeiras pesquisas realizadas, a ASPRUMI estava no auge, com políticas públicas acontecendo, os/as associados/as participando de fato, uma gestão comprometida. Agora, nesta última, me deparo com um cenário diferente. Eu já imaginava que estaria assim, mas pensei que com a minha pesquisa eu poderia fazer algo diferente para que os/as associados/as se sentissem interessados/as para participar e, de fato, fiz.

Fiz oficinas bacanas, e os/as que participaram demonstraram que foram momentos importantes para refletir sobre o contexto atual da Associação. Contribuí também elaborando

com eles/as um planejamento para ser executado no primeiro trimestre deste ano (2024), além do produto que será disponibilizado para eles/as para servir como um manual de dicas e ferramentas para serem utilizadas na associação.

Em muitos momentos da minha escrita, não me sentia confortável para fazer as devidas considerações sobre a pesquisa de campo, pois não queria que quando um/a associado/a lesse, se sentisse incomodado com o que eu havia colocado, sobretudo no que diz respeito à gestão da APSRUMI, pois sabia que minha própria irmã sendo secretária não estava atuante, deixando todas as responsabilidades sobre o Presidente, que em muitas falas foi criticado, como se os problemas da associação recaíssem somente sobre ele. O grande obstáculo que envolve principalmente a questão da participação é que, em muitos momentos, a individualidade sobressaía sobre a coletividade.

Percebo que o caminho percorrido até chegar aqui foi uma longa caminhada, cheia de desafios e, ao mesmo tempo, de muito aprendizado. Foram momentos de grande alegria ao conseguir concluir cada etapa desta pesquisa, mas de muitas angústias também, nas incertezas e inseguranças para a realização de cada procedimento. Este trabalho me fez amadurecer enquanto pesquisadora: ao olhar para trás, vejo o quanto fui gigante em não desistir mesmo com todos os desafios aparentes, sobretudo conciliar a maternidade com o ser pesquisadora.

Mais de dois anos se passaram, meu filho hoje (2024) com três anos me falou que gosta muito do pai e que gosta só um pouquinho de mim porque eu não fico com ele, porque eu saio muito, palavras dele. No momento em que ouvi, me entristeceu, ao saber que nos primeiros anos da vida do meu filho não estive tão presente na vida dele. Mas foi algo momentâneo, porque sei que estou escrevendo a minha história para no futuro olharmos para trás e vermos que conseguimos.

Não foi fácil abrir mão de tanta coisa para me dedicar a esta pesquisa. Vejo que minhas ausências foram compreendidas, meus momentos de querer silêncio, de “fugir” de casa para ir à laje estudar, foram aceitos. Talvez não para o meu filho, pois ele ainda é muito pequeno para compreender algumas coisas, mas eu fiz tudo isso por ele (escrevo em lágrimas), para que no futuro ele possa se orgulhar da mãe que ele tem. E eu, não me arrependo de não ter aproveitado a oportunidade que a vida me deu de realizar o sonho de ser Mestra.

Mesmo com todos os desafios, percebo que pesquisar a ASPRUMI foi uma escolha acertada, mesmo tendo dificuldades, principalmente para a realização das oficinas, pois percebia que as pessoas não estavam tão interessadas em participar. As que participaram foram

pessoas que tinham algum tipo de vínculo maior comigo, foram por consideração, e tudo isso me fez refletir que a participação está realmente fragilizada.

Foi sobre esse território de parentesco e associativo que me debrucei, que busquei compreender as suas ações e as suas territorialidades que estão intrinsecamente relacionadas ao parentesco. Pude perceber então que, tanto da minha parte quanto dos pesquisados houve dificuldades em cobrar da gestão, mensurar os erros, dinamizar a participação, tendo em vista que as relações “como uma família” ficaram evidentes. Como o ex-presidente vai cobrar do atual presidente se são pai e filho? Como avaliar a relação gestão/ associados/as se são pessoas de convívio quase diário? Como interferir numa relação parentesco/associação?

Esses territórios de parentesco envolvem diversas questões que, em muitos momentos, tornam difícil separar o que acontece na Associação do que o que acontece na Comunidade. Como aponta Comerford (2003), como as relações familiares, de amizade, os julgamentos morais, os comentários e narrativas da vida cotidiana, as inimizades, as lealdades e compromissos com a política eleitoral, todos esses aspectos podem ser vistos na ASPRUMI. E em mim também, como pesquisadora. Em muitos momentos na escrita inicial, eu fazia a analogia entre a ASPRUMI e a Comunidade do Riacho do Miranda. Por mais que eu soubesse que são objetos diferentes, as relações estavam tão intrínsecas entre um e outro que eu acabava me perdendo na escrita.

Através desta pesquisa, fica evidente que as territorialidades da ASPRUMI são resultantes de uma série de fatores em nível individual até o coletivo. Elas se dão também entre os conflitos e os objetivos, entre as intencionalidades dadas pelo associativismo e a própria dinâmica empreendida na Comunidade. Essa interconexão é levada em consideração para a construção das territorialidades vistas na ASPRUMI.

Ao refletir sobre a pesquisa de campo, sobre as falas de cada associado/a, percebi que a fase atual da ASPRUMI tem sido marcada pelas dificuldades inerentes à participação, mas cada um/a compreende essas falhas e deseja que a Associação permaneça na Comunidade. Nas falas fica evidente o sentimento de pertencimento que cada um/a tem, mesmo parecendo contraditório, mas eles/as sempre relembavam a história da Associação com muito apreço, com saudosismo da época que passou e que estão precisando ser motivadas para que consigam vencer essa fase de desafios da ASPRUMI. Como já falei anteriormente, muitos dos associados/as atribuíram essas falhas de participação à gestão, mas cabe refletir que tanto associados/as quanto gestão possuem sua parcela de culpa.

As territorialidades percebidas na ASPRUMI dizem respeito às redes que foram criadas dentro da instituição e para além dela, as relações com outras associações, com a Prefeitura, com as políticas públicas que são implementadas na Associação. Essas territorialidades também dizem respeito às diversidades da ASPRUMI, sejam elas de gênero ou geracionais.

De gênero, quando percebemos que a quantidade de homens e mulheres associados/as são praticamente a mesma, e que muitas vezes a mulher ocupa o lugar de estar na cozinha preparando a refeição para os homens que estão participando de uma reunião, curso, ou algo similar. Que as mulheres estão sendo cobradas pelo funcionamento da unidade de beneficiamento da farinha da mandioca, elas que eram as responsáveis pela entrega dos bolos, sequilhos nas entregas do PAA, enquanto os homens entregavam outros itens que não precisavam ser processados, como o aipim, a laranja, coco seco, e outros itens.

Geracionais, quando jovens começam a se associar e os associados/as que já estavam há mais tempo na Associação começam a se incomodar com algumas ações desses jovens. Há um incômodo com a gestão por ser formada por pessoas mais jovens, e que em alguns momentos eles/as relataram sobre a falta de responsabilidade da gestão. Essa diversidade geracional também pode ser vista quando alguns/as associados/as mais jovens se associaram porque seus pais eram associados, alguns deles já faleceram, outros já estão idosos e impossibilitados de participarem das atividades da ASPRUMI, e seus filhos ficaram como representantes.

Essas territorialidades também foram percebidas através das conquistas adquiridas para os/ associados/as e a Comunidade como um todo. Nas dualidades vivenciadas por eles/as, ao compararem o antes e o depois, o que foi bom e o ruim e em todas as formas de socialização dos/as associados/as. Assim, compreendemos que as territorialidades são construídas na participação circunscrita à *práxis* territorial.

A coletividade fica evidente na ASPRUMI na formação desses/as associados/as, seja ela a formação escolar com os programas de alfabetização, nos cursos de aperfeiçoamento das suas práticas agrícolas e dos cursos na área da culinária, especialmente realizado pelas mulheres. É nítido que eles/as aprenderam para transformar suas realidades. As ações coletivas foram percebidas também a partir das interferências exógenas, por meio das políticas públicas, em que os/as associados/as se uniam nas entregas da PAA e do PNAE. A coletividade também ficou evidente nas ações comunitárias que é o que fundamenta a Associação. Nesse sentido, a coletividade é inerente ao fortalecimento da participação na Associação.

Por outro lado, percebo que as individualidades em muitos momentos sobressaem sobre a coletividade. Essas foram vistas na formação prática dos/as associados, em que o interesse deles/as muitas vezes se baseavam no aprender para fazer, por isso, em muitos momentos em suas falas, eles/as falavam sobre os cursos que eles puderam participar por intermédio da ASPRUMI. Essas individualidades foram percebidas também nas ausências, cuja responsabilidade era sempre colocada no outro. Em muitos momentos, a presença deles/as era somente quando cabia os interesses individuais. No entanto, compreendemos que o participar, fazer parte efetivamente da Associação, se constrói nos processos de pertencimento.

Ao refletir sobre a comunicação, concluímos que nela acontecem os conflitos pela dinâmica das diferenças pelas divergências. Acontece também pela falta de planejamento e organização da gestão. Assim, compreendemos que, para uma efetiva comunicação na ASPRUMI, a dialogicidade precisa acontecer por meio da participação e da escuta sensível, pois o diálogo é imprescindível para que tomemos consciência sobre a realidade e possamos refletir sobre ela. Dessa forma, compreendemos que as potencialidades da participação assimilam a ação comunicativa.

São estas relações percebidas na APSRUMI que, assim “como uma família”, tem conflitos e divergências, mas sempre com o desejo de melhorar, de se fortalecer em um associativismo alicerçado em princípios, no fortalecimento das relações entre as pessoas e na formulação de processos e estratégias onde a participação seja valorizada, presente e estratégica, cabendo a todos/as, associados/as e gestão, através do diálogo, da escuta sensível e da participação, pensarem essas ações.

Produzimos então para os/as associados/as tanto da ASPRUMI quanto para outras associações que se interessarem uma cartilha a partir do que ouvi nas entrevistas e oficinas. Minha intenção com a elaboração da cartilha é ajudar a organizar informações e estratégias que possam fortalecer a participação na ASPRUMI e colaborar no desenvolvimento das atividades. É um material para consulta e interação que pode ser utilizado como ponto de partida para novas buscas de informações ou até mesmo para a preparação para momentos importantes da associação como reuniões, cursos, palestras, oficinas, dentre outros.

A cartilha pode ser utilizada também por outras associações que desejem utilizá-la como um apoio para suas ações no fortalecimento da participação. Ao elaborar o material, propomos que ele seja um meio de comunicação entre todos/as para fortalecer as territorialidades por meio de uma participação que atue de forma articulada e planejada para que o associativismo seja fortalecido e supere os desafios eminentes.

Assim, percebemos que a participação é essencial para a construção das territorialidades de um dado território. A ASPRUMI, mesmo com todas as suas fragilidades, tem construído essas territorialidades, que ficam evidentes nas relações em todos os sentidos da Associação. Aqui cabe refletir também que as territorialidades modificam constantemente o território da ASPRUMI, pois ele não é estático, se transforma no decorrer do tempo, como pôde ser percebido nas falas das oficinas e entrevistas. Uma associação que completará 20 anos de existência já vivenciou diversas territorialidades no decorrer do tempo, e muitas delas ficaram registradas na memória de cada associado/a. E que esta história não tem a pretensão de acabar, isso ficou claro em cada entrevista.

POSFÁCIO

Assumi há um tempo a tarefa de escrever sobre quem tive a honra de trilhar o caminho chamado orientação de mestrado. Geralmente nós, os orientadores, nos colocamos durante as bancas e temos nossas subjetividades restritas às chamadas reuniões de orientação. Acho importante que você leitor/a, que chegou até aqui no texto de Jéssica, possa conhecer o que penso sobre o seu processo de pesquisa e sobre a própria pesquisa.

A atuação como pesquisadora sendo “de dentro” é uma tarefa que exige coragem. Jéssica chega até mim com essa inocência de pesquisar o seu lugar, acreditando que tudo aquilo que conhecia estava nítido aos seus olhos. Escrevo neste momento pensando sobre o quanto ela foi desafiada em desnaturalizar opiniões, olhares e convicções. A pesquisa a exigiu forte compromisso com a des-re-construção. A sua interpretação neste texto foi genuína e inovadora.

Os medos já relatados por ela, se deram, em muito, pela necessidade de que a pesquisa a impôs: problematizar processos e papéis diante da matriz associativista e, desta maneira, permear propositivamente (antes, criticamente), utilizando também, o seu olhar de dentro. Um enorme privilégio que não dispensamos utilizar.

A sua dedicação como pesquisadora é notável. A sua capacidade de escuta e de problematização ainda mais. No entanto, o seu profundo interesse em tornar-se pesquisadora (penso que esse seja um processo que não se encerra jamais) foi algo excepcional.

Neste sentido, Jéssica se apresenta, dentro de sua geração, como uma pesquisadora atenta e motivada por questões internas aliadas à sua formação como geógrafa. Eis uma aritmética incrível de se conjugar, e acredito que esta seja uma de suas contribuições a um programa de mestrado profissional.

Temos visto reflexões que não se engajam na observação, atuação, problematização e proposição de estratégias (ou mesmo de reflexões) que sejam motivadas em transcendência ao título. Este, oriundo de um processo de formação, não deveria se restringir à produção de um material conduzido pela formalidade. A vivacidade de uma produção científica também pode ter uma genética transformadora, numa origem pessoal/íntima/politizada/militante. Foi o que Jéssica ousou fazer: colaborar com a sua comunidade a refletir junto sobre a dinâmica da associação. O que ficará será de todos e todas, mesmo o texto.

Para as pesquisas interessadas na temática do associativismo, acredito que se trata de um olhar que se soma à valorização da Associação percebida como um campo potente de possibilidades, sobretudo no âmbito da participação social. A mobilização destas pessoas, que muitas vezes o fazem sem formação para esta tarefa, nos demanda cooperação. É notável como

associações se (re)inventam e caminham com um esforço desmedido, cujo contexto, muitas vezes, é a busca de melhores condições coletivas.

Apesar desse sintagma amparado nos princípios, não é necessário romantizar essas relações. O texto apresenta esse intento, i.e., o de apresentar essas múltiplas percepções sobre a associação, sem que as críticas destruam a historicidade e as potencialidades existentes no âmago deste coletivo. Muitas vezes, a condução destes processos padece de formação, entendimento empático, comunicação e assunção individual de responsabilidades. Inúmeras vezes Jéssica se apresentou desconfortável com aquilo que ouvia. No entanto, “cutucar” a realidade pressupõe não ter controle sobre as aparições.

Assim, desejamos que este texto acrescente a quem lê algumas questões: a primeira se refere à importância de valorizar o nosso lugar como campo propício à pesquisa; a segunda, na formação de científica/profissional calcada na vivência de seu papel mediador; a terceira, circunscrita à ideia de planejamento territorial que assimila as subjetividades e as territorialidades; a quarta, a investigação-proposição onde a pesquisadora não está ausente/invisível.

Por fim, não posso deixar de formular o registro do meu orgulho ao que Jéssica performou pelo tempo em que esteve no mestrado. Ela duvidou, mas não se permitiu abandonar. O sonho se constrói com bases concretas, cotidianas, amparadas em muita dedicação e uma grande dose de abdicação. Assim foi para ela. Uma jovem mamãe e mamãe jovem, trabalhadora, da roça, teve que lidar com muitas camadas de dificuldades que não são previstas a um mestrado. Ela sobrepujou tudo isso e chegou até aqui. Que essa experiência vivida por ela possa encorajar outras tantas mulheres como ela. Nosso lugar é um campo possível para a nossa formação profissional e como esteio de nosso sentido transformador.

Davi Silva da Costa
Doutor em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (UFRRJ)

REFERÊNCIAS

ALVES, Raynon Joel Monteiro; GUTJAHR, Ana Lúcia Nunes; PONTES, Altem Nascimento. Processo metodológico de elaboração de uma cartilha educativa socioambiental e suas possíveis aplicações na sociedade. **Revbea**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 69-85, 2019.

BAHIA. **Lei nº 12.212**. Modifica a estrutura organizacional e de cargos em comissão da Administração Pública do Poder Executivo Estadual, e dá outras providências. Bahia: 12 de maio de 2011. Disponível em: http://www.mulheres.ba.gov.br/arquivos/File/LEI12212_CRIACAO_SPM.pdf, acessado em 30 de janeiro de 2024.

BAHIA. Companhia de Ação Regional-CAR. **Bahia Produtiva**. Disponível em: <https://www.car.ba.gov.br/projetos/bahia-produtiva>. Acesso em: 31 de mar. de 2024.

BAHIA. Companhia de Engenharia Hídrica e de Saneamento da Bahia-CERB. **A CERB: histórico**. Disponível em: <http://www.cerb.ba.gov.br/a-cerb/hist%C3%B3rico>. Acesso em: 31 de mar. de 2024.

BAHIA, Secretaria de Educação. **Sobre o TOPA**, disponível em <http://www.educacao.ba.gov.br/node/9458>. Acesso em: 01 de abri. de 2024.

BELLO, Angela Ales. **Introdução à Fenomenologia**. Tradução: Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru: Edusc, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, v. 06, p. 51-62, jan./dez. 2007.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. **Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)**. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/inclusao-produtiva-rural/paa>. Acesso em: 31 mar. 2024.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. **Programa Fomento Rural**. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/inclusao-produtiva-rural/programa-fomento-rural>. Acesso em: 01 abr. 2024.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretaria de Gestão. Comissão Europeia. **Textos de referência em planejamento e gestão territorial**. Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2006. Disponível em <https://smastr16.blob.core.windows.net/portazee/2016/12/Texto-de-Refer%C3%Aancia-em-Planejamento-e-Gest%C3%A3o-Territorial.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 3.991**. Dispõe sobre o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF, e dá outras providências. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/402998/publicacao/15685425>. Acesso em: 01 abr. 2024.

BRASIL. **Portaria nº 522**. Programa Nacional De Universalização do Acesso e Uso Da Energia Elétrica, Manual de Operacionalização para o período de 2015-2018. Disponível em: https://www.mme.gov.br/luzparatodos/downloads/manual_de_operacionalizacao_do_programa_luz_para_todos_2015_2018.pdf . Acesso em: 01 abr. 2024.

COMERFORD, John Cunha. **Como uma família**: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.

DALLABRIDA, Valdir Roque. **Planejamento e Gestão Territorial**: Aportes teórico-metodológicos como referenciais no processo de desenvolvimento de municípios, regiões ou territórios. Mafra: Ed. UnC, 2020.

DEMO, Pedro. Participação e planejamento-arranjo preliminar. **Revista Administração Pública**, Rio de Janeiro, p. 31-54, jul./set. de 1991.

DEMO, Pedro. **Participação é conquista**: noções de política social participativa. São Paulo: Editora Cortez, 1988.

ESCOLA DE ASSOCIATIVISMO. **Comunicar é preciso**. Vitória-Espírito Santo, 2018, disponível em https://fieg.com.br/repositoriosites/repositorio/portalfieg/editor/Image/Cartilha_MD09_Comunicar_e_preciso.pdf. Acesso em: 01 abr. 2024.

FÉLIX, Paulo de Matos; STEIN, Edith. Empatia e vida associativa. **Revista Brasiliensis**, Brasília, v.08, p. 111-138, jan./jun. 2019, Disponível em <https://brasiliensis.cerm.org.br/index.php/brasiliensis/article/view/144/149>. Acesso em 05 de maio de 2024.

FERNANDES, Luiz Carlos do Carmo. O conflito como fator agregador. In: GEWEHR, Daniel Luciano. **Temas da Diversidade**: Experiências e Práticas de Pesquisa. Guarujá: Editora científica digital. p. 469-468, 202.

FERREIRA, Fernando Ilídio. A animação sociocultural, associativismo e educação. In: PEREIRA, José Dantas Lima; LOPES, Marcelino de Sousa. **As fronteiras da animação sociocultural**. Braga: Editora Intervenção, 2011.

FERREIRA, Gabriel Murad Velloso; ZALUSKI, Felipe Cavalheiro. **Cooperativismo e associativismo**, Incubadora Social da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, Santa Maria-RS. Disponível em <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/570/2022/03/07.-COOPERATIVISMO-E-ASSOCIATIVISMO.pdf>. Acesso em 30 de jan. de 2024.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Traduzido por Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GANANÇA, Alexandre Ciconello. **Associativismo no Brasil**: Características e limites para a construção de uma nova institucionalidade democrática participativa. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

GOHN, Maria da Glória. Teorias sobre a participação social: desafios para a compreensão das desigualdades sociais. **Caderno CRH**, Salvador, v. 32, n. 85, p.63-81. jan./abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v32i85.27655>. Acesso em: 21 de jun. de 2023.

INSITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Jaguaripe**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jaguaripe/historico>. Acesso em: 25 de abr. de 2022.

INSTITUTO PAULO FREIRE. **Projeto Mova Brasil**. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/programas-e-projetos/projeto-mova-brasil>. Acesso em: 31 de mar. de 2024.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florencio. Petrópolis: Vozes, 2013.

LIMA, Luciana Conceição de. Os efeitos dos laços fracos sobre os laços fortes: Uma relação entre associativismo e indicadores de capital social. **Revista Três [...] Pontos**, Belo Horizonte, v.2, n.2, p. 47-54, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/view/3197>. Acesso em: 05 de maio de 2024.

LUCHMANN, Lígia Helena Hahn. Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 29, n. 85, p. 159-226, jun. de 2014.

MARTINS, Maria Eugénia Graça. Diagrama de Venn. **Revista de Ciência Elementar**, Aveiro, v.2, n. 1, p. 1-2, 2014. Disponível em: https://www.fc.up.pt/pessoas/jfgomes/pdf/vol_2_num_1_49_art_diagramaVenn.pdf. Acesso em: 20 de jan. de 2024.

MILANI, Carlos Roberto Sanchez. O princípio da participação social na gestão de políticas públicas locais: uma análise de experiências latino-americanas e europeias. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 42, p. 551-579, mai./jun. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-76122008000300006>. Acesso em: 21 de jun. de 2023.

MURICY, Cícero Bernar da Silva. Na pele do Jaguar: a formação de identidades em Jaguaripe-BA. In: RIBEIRO, Carlos Jesus *et al.* (Org.). **Comunicação: memórias, práticas sociais e mediações**. Cruz das Almas: EDUFRB, 2021.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 2. sem.1996.

OLIVEIRA, Paulo de Sales. **Metodologias das ciências humanas**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

PERUZZO, Cicilia M Krohling. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação à pesquisa-ação. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, Colima, v. 23, n. 3, p. 161-186, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/316/31652406009/31652406009.pdf>. Acesso em: 26 de jun. de 2023.

QUEIROZ, Eliane Silva de. **O rural e o agrícola que você fala é o rural de cultivo ou o rural, rural?** IF Baiano *campus* Serrinha e os imaginários estudantis na educação profissional e tecnológica. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – IFBaiano, Catú, 2022.

SANTOS, Edinusia Moreira Carneiro. **Associativismo e desenvolvimento:** o caso da Região Sisaleira da Bahia. Feira de Santana: Editora UEFS, 2010.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades:** uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2015.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. (Org.). **Territórios e territorialidades:** teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 73-94.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território.** São Paulo, Outras expressões, 2013.

SAQUET, Marcos Aurélio. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento da (i)materialidade. **Revista Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 43, p. 55-76, jan./jun. 2007.

SAVIANI, Demerval. Breves considerações sobre fontes para a História da Educação. In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Org.). **Fontes, história e historiografia da educação.** Campinas: Autores Associados, 2004. p.03-12.

SILVA, Onildo Araujo da. **Políticas Públicas e Planejamento Territorial.** Feira de Santana: Editora Zarte, 2018.

SIMMEL, Georg. A Natureza Sociológica do Conflito. In: MORAES FILHO, Evaristo (Org.) **Sociologia.** São Paulo: Editora Ática, 1983.

SISTEMA ELETRÔNICO DE INFORMAÇÕES – SEI. **Território de Identidade Baixo Sul.** Disponível em: https://www.sei.ba.gov.br/images/informacoes_por/territorio/indicadores/pdf/baixosul.pdf. Acesso em: 26 de jan. de 2024.

SOKOLOWSKI, Roberto. **Introdução à fenomenologia.** São Paulo: Edições Loyola, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Roteiro das entrevistas

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

- 1- Há quanto tempo você é associado na ASPRUMI, e como ficou sabendo dela?
- 2- Você vive desafios na Associação? Por que?
- 3- A Associação tem alguma importância para você e para a sua comunidade?
- 4- Quais são as políticas públicas que você considera mais importante para apoiar a agricultura familiar e como a ASPRUMI tem atuado nesse sentido?
- 5- Em quais momentos você se sente pertencente a ASPRUMI? E, em quais momentos você se sente ausente dela?
- 6- Em quais momentos você acha que deveria estar mais presente e não está?
- 7- Em quais momentos você consegue de fato estar presente na Associação?
- 8- O que você abre mão para participar da Associação? E o que você não abre mão para estar presente?
- 9- Que tempo você disponibiliza para a ASPRUMI?
- 10- Ser associado te modificou de alguma maneira?
- 11- A APSRUMI tem incentivado a participação social em espaços de decisão política?
- 12- Você observa se a ASPRUMI se articula com outros atores sociais, como sindicatos, cooperativas, dentre outros? Se sim, como isso acontece?
- 13- A ASPRUMI tem promovido a troca de experiências entre diferentes associações do município?

APÊNDICE B - Planejamento da primeira oficina



Universidade Estadual de Feira de Santana
Departamento de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial
Mestrado Profissional – PLANTERR



PLANEJAMENTO 1ª OFICINA

TEMA: HISTÓRIA E PARTICIPAÇÃO NA ASPRUMI

Nesta primeira oficina buscarei revelar com as/os associadas/os o que elas/eles conseguem refletir sobre aspectos que estão antes da Associação e depois de quando a Associação foi fundada, para assim se ter uma percepção do antes e depois, além de buscar identificar como os/as associados/as concebem/percebem os mecanismos e processos de participação social na ASPRUMI.

PASSO A PASSO

1º momento: Dinâmica de interação

O objetivo da dinâmica é promover um momento de interação e de conhecimento entre os/as associados/as.

Caso tenha algum associado/a que não saiba escrever, estarei ajudando na escrita das respostas.

Cada participante recebe papel e caneta e responde as seguintes perguntas que farei:

1. Onde você morava na infância?
2. Quem foi (ou é) sua maior inspiração de vida?
3. Qual é o seu lugar preferido?
4. O que você mais gosta de fazer no lugar onde mora?
5. Escreva duas qualidades suas.

Logo após a escrita das respostas, os/as participantes farão um aviãozinho de papel e será jogado no espaço, cada participante pega um aviãozinho, ler as respostas e tenta descobrir quem escreveu.

OBJETIVO: Promover a interação e a descontração entre os participantes da oficina.

2º momento: história da ASPRUMI

Iniciarei um momento de diálogo sobre a fundação da Associação na comunidade, para isso algumas perguntas estarão escritas no papel metro e os/as participantes responderão oralmente as perguntas feitas, algumas delas, as que se tornarem mais repetitivas escreverei no papel metro como resposta das perguntas feitas, são elas:

1. Por que a comunidade tem esse nome “Riacho do Miranda”?
2. Como era a comunidade antes de 2004?
3. Como e quando surgiu a ASPRUMI?
4. Como está a comunidade após a ASPRUMI?
5. Cite acontecimentos importantes que já ocorreram na comunidade após a fundação da Associação.

Logo após, faremos um momento de reflexão sobre as opiniões dadas nas perguntas acima.

OBJETIVO: Compreender como aconteceu a fundação da ASPRUMI.

3º momento: quadro comparativo

No terceiro momento será feito um momento de diálogo sobre como era a comunidade antes da ASPRUMI, pensando nos aspectos social, econômico e outros aspectos que surgirem no decorrer da conversa.

Logo após continuaremos a conversa refletindo sobre como está a comunidade atualmente, se houve mudanças a partir da fundação da ASPRUMI, se sim, quais foram essas mudanças, fazendo reflexões se as mudanças permanecem as mesmas no decorrer dos 19 anos da Associação.

Com as mudanças acima será feito um quadro comparativo em papel metro do antes e depois da Associação, para entender se houve mudanças na comunidade a partir da APSRUMI.

Ao ser construído um ANTES/DEPOIS sobre a ASPRUMI, será construído uma matriz SWOT, levando em consideração, as forças, fraquezas, ameaças e oportunidades da Associação.

OBJETIVO: Identificar se houve mudanças na comunidade a partir da fundação da Associação.

5º momento: Encerramento

Por fim, agradecerei a todos/as que participaram, reforçando o convite para as próximas oficinas.

LANCHE

APÊNDICE C - Planejamento da segunda oficina



Universidade Estadual de Feira de Santana
Departamento de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial
Mestrado Profissional – PLANTERR



PLANTERR

PLANEJAMENTO 2ª OFICINA

TEMA: AS TERRITORIALIDADES DA ASPRUMI

A segunda oficina tem por objetivo:

- Conhecer as territorialidades percebidas e vividas pelos/as associados/as a partir da ASPRUMI.

PASSO A PASSO

1º momento: Boas-vindas

Iniciarei a oficina agradecendo pela presença dos/das participantes.

2º momento: Diagrama de Venn

Para este momento será utilizado o Diagrama de Venn, que terá como objetivo identificar as relações internas e externas da ASPRUMI com outras instituições e grupos existentes, além de se ter uma percepção das relações que antes não tinha e agora passou a ter. Serão realizados três diagramas, o primeiro, que será com as relações atuais da ASPRUMI, serão perguntados quais as instituições que possuem algum tipo de vínculo com a Associação, em seguida elas/eles colocarão por ordem, as instituições que possuem uma relação de maior frequência com a Associação serão colocadas mais próximas, e as menos frequentes mais distantes, serão questionadas/os como acontece essas relações, e o grau de importância de cada uma delas. Ao terminar o desenho discutirei com o grupo sobre essas relações, os benefícios, onde elas teriam que mudar e de que maneira isso poderia ser feito. Para isso, será realizado o segundo diagrama, que é o diagrama fantasma, em que eles colocarão as instituições que eles desejam que a ASPRUMI tenha algum tipo de relação, e por último o diagrama da fundação da Associação, relacionando quais as instituições que a Associação mantinha relação na sua fundação.

OBJETIVO: Identificar as relações internas e externas da ASPRUMI com outras instituições e grupos existentes.

3º momento: Encerramento

Momento de agradecimentos pela presença de cada um/uma por estarem presentes em um momento que é tão importante para a minha formação pessoal e acadêmica.

4º momento: Lanche

APÊNDICE D - Planejamento terceira oficina



Universidade Estadual de Feira de Santana
Departamento de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial
Mestrado Profissional – PLANTERR

**PLANEJAMENTO 3ª OFICINA****TEMA: TERRITÓRIO E POLÍTICAS PÚBLICAS****1º momento: Boas vindas**

Iniciarei a oficina com uma mensagem de boas-vindas e agradecimento pela participação de todos/as.

2º momento: diálogo sobre território e políticas públicas

Será realizado um momento de diálogo sobre os conceitos de território e políticas públicas, serão entregues fichas para cada participante escrever sua opinião sobre os conceitos, em seguida as fichas serão recolhidas e colocadas em um lugar visível, onde serão agrupadas por critérios estabelecidos pelo próprio grupo, as que ficarem repetidas serão descartadas, as fichas serão lidas, discutidas, avaliadas e complementadas, depois das discussões espera-se chegar a conclusões que serão colocadas em um mural.

Objetivo: Entender quais as concepções que cada associado/a tem sobre os conceitos de território e políticas públicas.

3º momento: Políticas públicas na ASPRUMI

Para este momento será construída uma árvore problema, explicarei para eles/as que as raízes da árvore simbolizam o território, o caule as políticas públicas, as folhas as políticas já implementadas na ASPRUMI e os frutos são as consequências das políticas, farei o recorte de papel cartão verde para as folhas, o papel vermelho para os frutos, papel metro pardo para o caule, e as raízes imprimirei da internet.

Os/as participantes escreverão nas folhas todas as políticas públicas já implementadas na ASPRUMI, e serão coladas no papel metro branco, em seguida eles/as refletirão sobre os

resultados dessas políticas e escreverão nos frutos, formando assim uma árvore do território e das políticas públicas.

Objetivo: estabelecer diálogos sobre relações possíveis, existentes ou potenciais com o colegiado territorial, com o Núcleo Territorial de Educação, com as secretarias da prefeitura, com as secretarias de Estado, dentre outros.

4º Momento: Encerramento e lanche

APÊNDICE E - Planejamento quarta oficina



Universidade Estadual de Feira de Santana
Departamento de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial
Mestrado Profissional – PLANTERR



PLANEJAMENTO 4ª OFICINA

TEMA: PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO CONTEXTO DO ASSOCIATIVISMO

1º MOMENTO: BOAS-VINDAS

Mensagem de agradecimento pela presença dos/as associados/as.

2º MOMENTO: RODA DE CONVERSA

Neste momento o grupo será questionado sobre os principais problemas de cunho social e de participação da ASPRUMI e que precisam ser socializados, compreendidos, sistematizados, priorizados para que possam ser resolvidos, os problemas falados pelas/os participantes/as serão escritos em um papel metro, e ficará reservado até ser feita a próxima etapa da oficina.

Objetivo: Compreender quais principais problemas sociais e de participação da ASPRUMI.

2º MOMENTO: CONSTRUÇÃO DE FLUXOGRAMA

Será entregue uma folha de papel ofício e uma caneta para cada participante onde elas/eles escreverão características que são necessárias para uma efetiva participação coletiva na Associação, em seguida as/os participantes compartilharão o que cada uma/um escreveu e coletivamente faremos um fluxograma com as características escritas.

Objetivo: Perceber como deve se dar uma efetiva participação na ASPRUMI

3º MOMENTO: PLANEJAMENTO TRIMESTRAL

Como última atividade faremos coletivamente um planejamento com base nos problemas e nas características necessárias para uma participação efetiva, que defina qual caminho a ser percorrido para que se alcance uma melhor participação, o planejamento será por um tempo determinado pelo grupo, com a elaboração de planos de atividades a serem realizadas no

decorrer do período estabelecido, e que como contrapartida estarei presente auxiliando os associados no que for preciso para a execução do planejamento que for realizado.

Objetivo: Elaborar um planejamento de atividades a serem realizadas na ASPRUMI.

4º MOMENTO: ENCERRAMENTO

Momento de agradecer a presença dos/as participantes, pela participação e contribuição com a minha pesquisa.